

Prêmio Qualidade na Educação Infantil 2004

Projetos premiados



Diretora do Departamento de Políticas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental

Jeanete Beauchamp

Coordenadora Geral de Educação Infantil

Karina Rizek Lopes

Coordenação da Publicação

Ideli Ricchiero

Magda Patrícia Muller Lopes

Equipe Técnica da Coordenação Geral de Educação Infantil

Celza Cristina Chaves de Souza

Ideli Ricchiero

Magda Patrícia Müller Lopes

Neidimar Cardoso Neves

Roseana Pereira Mendes

Stela Maris Lagos Oliveira

Vitória Líbia Barreto de Faria

Equipe de Apoio da Coordenação Geral de Educação Infantil

Bráulio Ricardo Sousa Barroso

Garcia Alves Moreira

Maria Genilda Alves de Lima

Edição

Sâmia Formiga Mendes

Revisor

Gilberto D'Angelo Braz

Projeto Gráfico e Diagramação

Fernando Horta

Índice

Apresentação	5
A gameleira	7
Graciliano Ramos	13
Revivendo as tradições	18
Pequeno cidadão	23
Chega de silêncio: a arte das brincadeiras	27
Brincarte	32
Navegando com Britinho	38
A praça que queremos	44
Nas asas do Carcará	49
Arte: conhecimento que expressa liberdade para a vida	54
Aprender inteirando-se com o mundo social: passeando também se aprende	58
Cartões telefônicos: uma alternativa de aprendizagem	62
É dia de espetáculo	66
Arte também se lê	70
Resgate de brinquedos e brincadeiras de nossos pais	74
Jogoteca: o prazer em conhecer	79
Chuí, chuí... a chuva vamos estudar	84
Reciclando com arte para preservar a natureza	89
Uma mangueira em apuros	94
Boi de Mamão	99
Brincadeiras da Vovó: despertando fantasias e descobertas	104
Nós filhos da Terra... ..	109
A primeira roda	115
Brincando e aprendendo com o Vovô	119

Apresentação

É com satisfação que o Ministério da Educação (MEC) apresenta a **Publicação dos Projetos Premiados**, na 5ª edição do **Prêmio Qualidade na Educação Infantil**, versão 2004, em parceria com a Fundação Orsa e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - Undime.

Este trabalho reúne os 24 projetos indicados, para divulgar as experiências de professoras e professores que atuam na Educação Infantil, em creches e pré-escolas públicas, nas diversas regiões brasileiras, fazendo-as emergir dos sistemas de ensino e comunidades onde foram desenvolvidas.

Cada texto é um relato da prática diária desses mestres e suas crianças. O Prêmio Qualidade reconhece o mérito da autoria das professoras premiadas em 2004, valorizando e divulgando seus projetos. Aqui estão registrados, sem dúvida, trechos da história da educação infantil pública, construída com profissionalismo, dedicação e carinho.

Acreditamos que refletir, escrever e socializar a prática pode ser um caminho promissor para a organização do trabalho pedagógico e um investimento que todo professor deve fazer para o aprimoramento de sua carreira.

O MEC espera que a Publicação dos Projetos Premiados contribua como um recurso a mais para a formação continuada, por meio da troca de idéias e experiências e, acima de tudo, que incentive um trabalho consciente e engajado com a qualidade social em prol da Educação Básica brasileira.

Francisco Das Chagas Fernandes
Secretário de Educação Básica



Dados de identificação

Professora: Sheyla Silva de Souza

Co-autores do projeto: Antônia Aparecida Lima Lopes

Escola de Educação Infantil Espaço Alternativo Alexandre dos Santos Leitão

Município / UF: Rio Branco / Acre

Faixa etária atendida pelo projeto: 6 anos

A gameleira

Crianças realizam amplo trabalho de pesquisa e, a partir da observação de uma árvore centenária, descobrem importantes passagens da história de luta do Estado do Acre

O Projeto *A Gameleira* assume importante papel de criar um ambiente no qual as crianças moradoras das margens do Rio Acre e de bairros das redondezas possam ter contato com informações que façam parte do contexto social e das práticas educacionais. Sabemos que assim a aprendizagem se dá de forma mais efetiva, pois, passa a interagir com as crianças. Este trabalho foi desenvolvido com crianças 6 anos que frequentam a Escola de Educação Infantil Espaço Alternativo Alexandre dos Santos Leitão. A escola funciona somente no turno da tarde, num espaço cedido ao governo estadual do Acre pelo Instituto Imaculada Conceição, das servas de Maria.

1. Revolta iniciada em 1902, às margens do Rio Acre, no município de Xapuri. O pelotão — comandado pelo coronel Plácido de Castro e formado por seringueiros — enfrentava as forças bolivianas e dava início ao movimento que culminou com a independência do Acre e sua posterior anexação ao território brasileiro.

A idéia deste projeto surgiu ao ser constatado que a maioria de nossas crianças, que passa pelo Calçadão da Gameleira todos os dias para chegar à escola, não sabe que a Gameleira, além de ser um ponto turístico de nosso Estado, é o marco da Revolução Acreana¹ ou seja, faz parte da história da autonomia deste povo. Daí veio a necessidade de proporcionar a elas condições favoráveis de investigação dessa história, possibilitando a descoberta da formação da cidade de Rio Branco e da autonomia do Estado do Acre e das lutas que foram travadas sob essa grande árvore.

No início do projeto, tínhamos como objetivo estimular o interesse das crianças sobre a história do Acre, sua autonomia e como ocorreu o processo de formação da cidade de Rio Branco. Por isso escolhemos a gameleira, uma árvore cente-

nária, testemunha das histórias de lutas e conquistas e que faz parte do dia-a-dia da comunidade. Houve várias conversas sobre a árvore gameleira, sua importância física já que ajuda a sustentar o barranco do rio e, principalmente, a sua relevância histórica, pois foi cenário do processo de formação da cidade de Rio Branco, constituindo-se o principal porto da cidade.

Durante a visita à biblioteca do Instituto Imaculada Conceição, uma das atividades do projeto, as crianças tiveram acesso a fotos, registros históricos e textos informativos. Por intermédio de pesquisas e visitas, as crianças descobriram que, até o início do século XX, o Acre pertencia à

Oferecemos situações que permitiram às crianças entrar em contato com diferentes fontes de pesquisa, permitindo que elas pudessem construir seu próprio conceito sobre a história da Gameleira

Bolívia. Desde as primeiras décadas do século XIX, no entanto, a maioria de sua população era formada por brasileiros que exploravam os seringais alguns desses seringais; se localizavam nas margens do rio, local onde se encontra a gameleira e não obedeciam à autoridade boliviana. Os brasileiros criaram, na

época, um território independente e exigiam sua anexação ao Brasil. Houve uma revolta e os conflitos só terminariam com a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903. De acordo com o documento, o Brasil recebeu a posse definitiva da região em troca de áreas no Mato Grosso, do pagamento de 2 milhões de libras esterlinas





e do compromisso de construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré².

Integrado ao Brasil como território, o Acre foi subdividido em três departamentos: Alto Acre, Alto Purus e Alto Juruá. Este último foi desmembrado, em 1912, para formar o Alto Tarauacá, mas foi unificado, em 1920. A partir de 1934, passa a eleger representantes para o Congresso Nacional. Em 15 de junho de 1962, o presidente João Goulart sanciona lei que eleva o

território à categoria de Estado.

Para desenvolver nosso projeto, elaboramos algumas etapas, como conversas informais sobre a Gameleira, para descobrir o que as crianças pensavam sobre o assunto; a realização de passeios no Calçadão da Gameleira, provocando questionamentos sobre o tempo; chamando a atenção das crianças para o tamanho da árvore que deu nome ao calçadão. Durante o passeio, as orientamos para que observassem também a Bandeira do nosso Estado e registrassem, com desenhos, os objetos vistos nos lugares por onde passamos. Além disso, foram desenvolvidas atividades de

²A Estrada de Ferro Madeira—Mamoré, localizada no interior da floresta amazônica, é uma das mais conhecidas ferrovias nacionais, pois ainda hoje persistem a mística, as lendas e as histórias que cercam sua idealização, construção e operação nos confins do Brasil.

pesquisa na biblioteca da escola em busca de livros e documentários sobre a Revolução Acreana. As crianças visitaram o Palácio Rio Branco, considerado museu, que registra toda a trajetória de luta e conquista do espaço acreano para o Brasil; e o Memorial dos Autonomistas, onde se encontram os registros da história da autonomia do Acre; e incentivamos as crianças a conhecerem, por meio de teatro e documentos, os personagens principais que asseguraram ao Acre a condição de Estado.

Todas as etapas foram documentadas com fotografias para montar uma exposição para a comunidade. As crianças visitaram ainda o Calçadão da Gameleira, acompanhadas de um guia da Secretaria do Patrimônio Histórico, foram estimuladas a criar paródias, poesias e textos informativos. Outra etapa foi convidar antigos moradores da Rua Senador Eduardo Asmar, onde passa o Calçadão da Gameleira, para serem entrevistados por elas; e elaboramos, com os alunos, as perguntas para as entrevistas. E, por fim, foram construídas maquetes e cartazes do Calçadão da Gameleira. Além das fotografias, o projeto foi registrado também por meio de desenhos ou atividades pelas quais as crianças expressavam seus sentimentos, como poesias e dramatizações. Esses registros pro-

duzidos pelas crianças trazem, por exemplo, a primeira casinha construída em frente à gameleira e o processo de formação do comércio de compra e venda dos produtos originários dos seringais. Nessa etapa, as crianças se sentiam parte da história, pois muitos de seus ascendentes vieram dos seringais para a cidade.

A direção da escola agendou com antecedência a visita ao Memorial dos Autonomistas e ao Palácio Rio Branco. Coube aos pais levarem as crianças deixando-as aos cuidados das professoras e auxiliares escolares que junto com a direção se propuseram acompanhar. Depois da visita, voltamos todos caminhando para a escola. No Museu dos Autonomistas havia uma equipe nos esperando, as crianças se encantaram com o Senhor Tempo, um personagem que nos levou a conhecer todo o processo de luta pela elevação do Acre a Estado, utilizando a dramatização, contando histórias e apresentando registros fotográficos e documentos originais. No momento que descemos para uma sala onde são guardados os restos mortais de Guiomar dos Santos, o primeiro governador do Estado, e de sua esposa, Lígia; as crianças foram tomadas por um instante de espanto e curiosidade.

Em frente ao Museu dos

Autonomistas fica situado o Palácio Rio Branco, sede do gabinete do governador, que é utilizado apenas em solenidades. Cada sala do Rio Branco retrata uma parte da história da criação e da formação do povo acreano: sua Bandeira, as lutas que geraram a Revolução Acreana, os tratados assinados, a trajetória para a autonomia, os povos indígenas e sua cultura. Além disso, existem relatos históricos gravados de pessoas, sobre a vida nos seringais e na cidade de Rio Branco na época da Revolução. Há também uma sala exclusiva sobre Chico Mendes³, o maior sindicalista que os seringueiros já tiveram.

Durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho, realizamos a avaliação do projeto. O resultado de todas essas atividades culminou com a exposição de uma maquete da Gameleira, construída com a ajuda das crianças. A comunidade escolar pôde prestigiar esse momento, que, para as crianças e a escola, foi muito importante. Os pais apoiaram todas as etapas às quais foram solicitados e ficaram emocionados durante a fala das crianças.

O Projeto *A Gameleira*, que contou com a parceria da comunidade es-



colar, de pessoas e entidades governamentais que estão relacionadas à construção e restauração desse patrimônio histórico, buscou tornar esse conhecimento mais efetivo, dando uma visão mais clara da nossa história, a qual não é caracterizada por heróis individualmente, mas por um processo coletivo de luta pela posse desta terra. Dessa maneira, pudemos oferecer situações que possibilitaram às crianças entrar em contato com diferentes fontes de pesquisa, e que lhes permitiram criar seu próprio conceito sobre a história da Gameleira.

Nosso desafio foi contextualizar

3. Francisco Alves Mendes Filho, seringueiro conhecido como Chico Mendes, participou da luta sindical da categoria e organizou várias ações em defesa da posse da terra e, em 22 de dezembro de 1988, foi assassinado na porta de sua casa.

situações educacionais que pudessem efetivar a vinculação entre teoria e prática, ampliando o conhecimento das crianças sobre sua própria história, na busca de compreender os fatos sociais que marcaram o processo de formação da cidade de Rio Branco e a autonomia

do Estado do Acre, de modo a se conscientizar de que alguns de seus ascendentes construíram essa história em vários movimen-

tos de luta, os quais envolveram a Gameleira. Acreditamos que esse seja o papel da escola: discutir assuntos que fazem parte do cotidiano das crianças, os quais estão ligados a tomadas de decisões do seu bairro, cidade, Estado e país.

Hoje, as crianças falam com certa propriedade sobre o tema desenvolvido neste projeto, ou seja, ao to-

mar conhecimento dos fatos históricos que envolveram o Calçadão da Gameleira, este deixou de ser apenas uma passagem obrigatória a caminho da escola, e tornando-se algo com significado maior o que fez com que trouxessem para a escola observações cheias de entusiasmo

e curiosidades, que eram compartilhadas nas rodas de conversas.

E foi depois dessa experiência que muitos descobriram o

sentido da cidadania. As crianças puderam acompanhar as transformações históricas; vendo o homem como agente dessa história; e se tornando parte dela; ao expor seus conceitos, valores e opiniões. A maior relevância desse projeto é poder enxergar nas crianças um ser crítico, capaz de fazer a diferença na sociedade do agora e do amanhã.

A maior relevância desse projeto é poder enxergar nas crianças um ser crítico, capaz de fazer a diferença na sociedade do agora e do amanhã





Dados de identificação

Professora: Gerlane Muriel de Lima Oliveira

Co-autores do projeto: Eluza Caetano de Azevedo e Sônia Costa Ataíde

Escola de Educação Infantil Graciliano Ramos

Município/UF: Maceió/Alagoas

Faixa etária atendida pelo projeto: 5 e 6 anos

Graciliano Ramos

Crianças ampliam sua capacidade de interação com o conhecimento sobre a vida e a obra do escritor Graciliano Ramos

O Projeto Graciliano Ramos teve como objetivo informar às crianças sobre a vida e a obra do Mestre Graça, a partir de experiências que possibilitem o prazer, a curiosidade, a descoberta, a reelaboração e sistematização do conhecimento. O trabalho foi desenvolvido na Escola de Educação Infantil Graciliano Ramos, pela professora Gerlane Muriel de Lima Oliveira, com alunos de 5 e 6 anos. Foram co-autoras as professoras Eluza Caetano de Azevedo e Sônia Costa Ataíde, e teve a participação de Diana Gleide, Maria das Graças, Mirtes Quitéria, Lindoana Beril e Leonice dos Santos.

A Escola de Educação Infantil Graciliano Ramos situa-se na periferia da capital alagoana, numa re-

gião residencial a 13 km do centro da cidade, no Conjunto Village Campestre I. É uma instituição mantida pela prefeitura municipal e administrada pela Secretaria de Educação do Município de Maceió, e atende a 150 crianças. A renda média familiar é de 1 (um) salário mínimo, o que torna difícil o acesso aos bens culturais necessários para a sua inserção social.

A idéia de realizar o projeto surgiu a partir de um questionamento



feito por uma criança da turma que queria saber o por quê do nome da escola. A curiosidade dela levou a uma discussão sobre Graciliano Ramos, incentivando o surgimento de várias hipóteses, entre elas a de que se tratava do dono da escola, de um jogador de futebol, de um político ou de um escritor. Constatando o interesse do grupo sobre a vida de Graciliano Ramos, nos propusemos a desenvolver em sala um projeto didático sobre o tema. Considerando também que a escola, com a perspectiva de construção da cidadania, precisa as-

sumir a valorização da cultura de sua própria comunidade, assim como buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças o acesso ao saber, não só no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira, no âmbito nacional e regional, mas também no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.

A diversidade das atividades do projeto tem como objetivo interligar as diversas áreas do conhecimento

e oferecer experiências de qualidade, embasadas nos princípios contidos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) bem como no regimento interno da escola: “Acesso das crianças aos bens socioculturais ampliando a sua capacidade relativa à expressão, à comunicação, à ética e

à estética; a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais; o direito das crianças de viver experiências prazerosas”.

A necessidade de fazer uma seleção prévia

do material se deu pela complexidade e extensão dos textos encontrados. Segundo o Referencial, os assuntos trabalhados com as crianças devem guardar relações específicas com os níveis de desenvolvimento delas e das respectivas faixas etárias. Os cuidados tomados reforçam a idéia defendida pelo RCNEI de que educar significa propiciar situações de cuidados e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o de-

O Projeto Graciliano Ramos foi realizado para que as crianças pudessem ter acesso a informações a respeito da vida e obra de Graciliano Ramos, um dos mais importantes escritores brasileiros, como também ampliar sua capacidade de interação com o conhecimento, o que se verificou durante o desenvolvimento do trabalho

envolvimento da capacidade infantil de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

A primeira fase do projeto constituiu-se no levantamento das hipóteses das crianças sobre quem foi Graciliano Ramos. Por meio de uma conversa informal, destacamos a importância do legado cultural e literário deixado pelo escritor para a sociedade. Discutimos também sobre o porquê de a escola ter recebido seu nome.

O material selecionado pelo grupo para a pesquisa foi dividido e explorado pelas crianças. Propusemos ao grupo a leitura do conto *A Terra dos Meninos Pelados*, extraído da obra literária do Mestre Graça. O livro foi lido pela professora por capítulos e a cada nova leitura lembrava com as crianças os acontecimentos dos capítulos anteriores.

Com as informações obtidas durante o projeto, as crianças montaram uma linha de tempo com informações sobre a vida e a obra de Graciliano Ramos. Para tanto, foram produzidos e selecionados textos coletivos, para a linha de tempo. Fizeram também listas das suas obras, etiquetaram fotos, montaram com a professora um espaço de cu-



riosidades. Além disso, todas as informações veiculadas pela TV sobre Graciliano Ramos eram comentadas pelas crianças e discutidas na sala de atividades. Assim como as informações obtidas na escola, as crianças conversavam em suas casas com seus pais.

No dia 6 de maio, durante a visita à exposição *O Chão de Graciliano*, na Fundação Pierre Chailita, as crianças puderam confrontar essa nova experiência com os conhecimentos adquiridos e discutidos na escola. Elas também observaram manuscritos, documentos, objetos pessoais, livros lançados no Brasil e no exterior, ensaio fotográfico sobre o local que o escritor viveu e escreveu suas obras. Para participar da exposição tomamos alguns cuidados especiais: lançar a proposta para o grupo, motivando-o para o evento e enviar circular para os pais solicitando autorização; definimos posturas e cuidados que deveriam ser considerados por todos, desde a saída da escola, du-

rante a exposição e o retorno.

Na aula seguinte, as crianças relataram aos colegas, que não foram a exposição, tudo o que foi visto. Aproveitando o entusiasmo da perspectiva da viagem a Palmeira dos Índios, cidade onde Graciliano Ramos foi prefeito, conversamos com os alunos sobre o objetivo do passeio e o trajeto a ser percorrido. Lemos o texto sobre os dados históricos da cidade e contamos a lenda que explica o nome da cidade.

Para a viagem, tomamos as seguintes providências: contato com a prefeitura de Palmeira dos Índios para esclarecer os objetivos da visita; ofício para a Secretaria Municipal de Maceió solicitando ônibus para a viagem; comunicado para os pais, solicitando autorização; explicamos às crianças sobre horários de saída e chegada, postura, cuidados, trajeto a ser feito na cidade, almoço e lanche.

É importante destacar algumas contribuições para o sucesso do projeto: os pais, por acreditar no trabalho pedagógico da escola e depositando em nós confiança para cuidar de seus filhos; o empenho dos membros da escola, que dividiram tarefas

e responsabilidades; o apoio da Secretaria Municipal de Educação e da prefeitura de Palmeira dos Índios.

Em Palmeira dos Índios, o grupo pôde visitar a casa dos pais de Graciliano Ramos; a igreja, onde buscava inspiração para escrever; a pitombeira que nunca deu fruto,

onde pediu em casamento a mão de Heloísa; a prefeitura, de onde governou a cidade; a loja de seus pais, onde hoje funciona uma loja de móveis; a casa onde o escritor mo-

Participar de projetos possibilita às crianças estabelecer múltiplas relações, amplia suas idéias sobre um assunto específico, buscando complementações de conhecimentos pertinentes aos diferentes eixos

rou, hoje transformada em museu. As crianças puderam ver suas obras, vestimentas, utensílios da época — lavabo, panelas, ferro a carvão, fogão a lenha, pilão, máquina de escrever etc. Após a viagem, as crianças contaram para outros colegas o que viram e aprenderam, fizeram desenhos representativos do que mais lhes chamou a atenção.

O passo seguinte foi mostrar as fotos da exposição *O Chão de Graciliano Ramos* e da viagem e solicitar às crianças a produção de etiquetas com informações para situar os visitantes da nossa mostra, que foi aberta aos pais e à comunidade.

O *Projeto Graciliano Ramos* foi realizado para que as crianças pudessem ter acesso a informações a respeito da vida e da obra de Graciliano Ramos, um dos mais importantes escritores brasileiros, como também ampliar sua capacidade de interação com o conhecimento, verificado durante o desenvolvimento do trabalho.

É importante ressaltar que os desafios fizeram o grupo refletir, reavaliar e redefinir ações que gerassem avanços nas atividades do professor e na aprendizagem das crianças. Segundo Pedro Demo, doutor em Educação, é fundamental aprendermos a conviver com os limites, para transformá-los em desafios, e enfrentarmos os desafios para podermos superar os limites.

Um dos desafios superados foi a falta de material sobre o tema do projeto, pois a escola dispunha até então apenas de uma foto de Graciliano Ramos. Graças ao projeto, hoje, possuímos um acervo pequeno, mas significativo, sobre o autor de *Vidas Secas*. Todos que participaram do projeto tiveram a oportunidade de crescer e aprender com esse trabalho.

Participar de projetos possibilita às crianças estabelecer múltiplas relações, amplia suas idéias sobre um assunto específico, buscando complementações com conhecimentos pertinentes aos diferentes eixos. Esse aprendizado serve de referência para outras situações, permitindo generalizações de origens diversas.





Dados de identificação

Professora: Marlice Bentes dos Santos

Escola Municipal de Educação Infantil Pai Nosso

Município / UF: Macapá / Amapá

Faixa etária atendida pelo projeto: 4 a 6 anos

Revivendo as tradições

Projeto desenvolvido no Amapá utiliza atividades lúdicas para despertar nas crianças o gosto pela cultura

O folclore está presente em todos os momentos de nossa vida. Nessa perspectiva, observou-se que a Escola Municipal de Educação Infantil Pai Nosso, em Macapá, não tinha uma proposta curricular totalmente voltada para a nossa cultura, em que as crianças pudessem absorver a essência de sua identidade cultural. Partindo dessa constatação surgiu a idéia de trabalhar o *Projeto Revivendo as Tradições*, com o intuito de resgatar a nossa cultura e despertar nas crianças sentimentos de amor e preservação pelas tradições de nossa terra, deixadas pelos nossos antepassados para que estas não se percam no tempo.

A Escola Municipal de Educação Infantil Pai Nosso atende 280 crianças, de 4 a 6 anos, distribuídas em dez turmas, e conta com uma estrutura organizacional de cinco salas

de atividades. Todas essas crianças são de famílias assalariadas ou que vivem do subemprego, que, para obter o seu sustento, recorrem ao trabalho informal. Algumas delas vêm a escola não somente como local de aquisição de conhecimento, mas um lugar onde o seu filho possa completar a sua refeição ou até mesmo fazer a única do dia.

A partir da concepção de que o folclore é uma fonte infinita de criatividade para a criança, trabalhamos o *Projeto Revivendo as Tradições*, como forma de aproximar a criança da essência de nossa cultura, como as lendas, as músicas, as cantigas de roda, as comidas típicas, as plantas medicinais e as demais manifestações.

Para desenvolver o projeto foram utilizadas atividades lúdicas como forma prática e agradável, por meio da qual a criança pôde desen-



volver todas as suas habilidades para o ato de aprender. Segundo Rosely Brenelli, por meio de jogos e brincadeiras a criança assimila ou interpreta a realidade. Por isso, a inserção do lúdico nas atividades escolares facilita o aprendizado e permite que ela possa compreender tudo que está em sua volta, e desenvolver as suas habilidades no processo de ensino/aprendizagem. A importância do lúdico também é destacada pelo teórico Lev S. Vygotsky. Para ele, é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva. Nesse contexto, percebe-se a importância das atividades lúdicas, pois, se bem acompanhadas e observadas, permitem conhecer o desenvolvimento cognitivo da criança para que ela chegue ao aprendizado. Portanto, trabalhar de maneira lúdica o

Revivendo as Tradições foi de suma importância tanto para o aprendizado das crianças como para o aperfeiçoamento de nossa prática como professor.

O projeto foi elaborado com a finalidade de ser posto em prática no mês de agosto, por ser o mês das festividades folclóricas. As ações foram desenvolvidas por meio de jogos, brincadeiras cantadas, adivinhações, danças, parlendas, cantigas de roda e pesquisas com os pais sobre comidas típicas do nosso Estado e plantas utilizadas no tratamento de algumas doenças. O principal objetivo das ações — realizadas nas salas de atividades e na quadra coberta — foi o de ampliar o universo cultural das crianças, despertando nelas o interesse pela preservação da essência de sua identidade cultural.

Tudo foi adequado aos conteúdos programáticos. Para trabalhar a Língua Portuguesa, mostramos cantigas de roda ensinando a letra da música; já nas parlendas, as crianças completaram as frases. Em Conhecimento Lógico Matemático, ensinamos os numerais recontando as adivinhações e jogos de quebra-cabeça com figuras geométricas de lendas. No Conhecimento Social, apresentamos as principais danças folclóricas do nosso Estado e várias brincadeiras cantadas deixadas pelos nossos antepassados. Em Conhecimento Físico, trabalhamos as lendas enfocando os seres vivos e as par-

tes dos vegetais, comidas típicas e plantas medicinais que foram pesquisadas pelos alunos, com os seus pais. Na Função Semiótica, trabalhamos expressão corporal, musical e artística por intermédio de danças, dramatizações e desenhos. Também foram apresentadas dan-

Conseguimos despertar nas crianças a prática diária de nossa cultura.

E com elas adquirimos um aprendizado que servirá de apoio para a prática educacional no decorrer de nossa vida como educador

ças folclóricas com a participação de alunos e professores. Para a dramatização, mostramos as lendas do boto e do bode para trabalhar os seres vivos e suas característi-

cas; com a lenda da pororoca, foi mostrado a força das águas e sua importância para a nossa sobrevivência. No Ensino Religioso foram rela-



tadas as festas religiosas do Estado.

No decorrer da execução do projeto, as comidas típicas foram apresentadas como merenda escolar. As receitas foram obtidas pelo trabalho de pesquisa feita pelas crianças e as plantas medicinais ficaram expostas no pátio da escola. Em algumas atividades, o material utilizado foi o papelão para confeccionar algumas partes das plantas e os alunos montarem; papel-cartão, figuras de lendas e cola para montar quebra-cabeça; e caderno de desenho, lápis de cor e cera para desenhos e pinturas.

O *Projeto Revivendo as Tradições* foi trabalhado de forma coletiva, ou seja, a comunidade escolar participou das atividades desenvolvidas, dessa forma os objetivos propostos alcançaram a todos. No final do mês de agosto, no encerramento das atividades do folclore, na quadra da escola, cada turma apresentou aos colegas, além dos pais e professores, uma atividade relacionada ao tema do projeto.

As ações desenvolvidas foram avaliadas no decorrer do processo. Levou-se em conta a participação, o interesse, a criatividade, a assidui-

dade, a observação e a socialização. Ao longo do projeto, surgiram dúvidas e preocupação com relação à metodologia utilizada para trabalhar as atividades propostas, ou seja, questionamentos sobre a eficácia da forma que estávamos empregando para alcançar nossos objetivos. No

A interação escola/família ficou bastante evidente. As crianças contaram com a ajuda dos pais para pesquisar sobre comidas típicas, plantas medicinais e algumas lendas e, a partir daí, os pais tornaram-se agentes participativos na educação de seus filhos

entanto, os resultados obtidos foram positivos. Além dos objetivos previstos, conseguimos despertar nas crianças a prática diária de nossa cultura. E com elas adquirimos um aprendizado

que servirá de apoio para a prática educacional no decorrer de nossa vida como educador.

Após a realização do projeto, observamos que as crianças tiveram mais facilidade para trabalhar a socialização, a leitura e a escrita. Elas passaram a pôr em prática, com mais facilidade, suas diversas habilidades, com destaque para a pictórica, ou seja, a capacidade de desenhar. Além disso, a interação escola/família ficou bastante evidente. As crianças contaram com a ajuda dos pais para pesquisar sobre comidas típicas, plantas medicinais e algumas lendas e, a partir daí, os pais

tornaram-se agentes participativos na educação de seus filhos.

Graças ao resultado obtido com o *Projeto Revivendo as Tradições*, decidimos dar continuidade ao trabalho em junho, por ser o mês das festas juninas. Nessa época iremos trabalhar como os mesmos objetivos, ou seja, o resgate da cultura amapaense. Assim, estaremos ampliando o nosso trabalho. E, para que nossos objetivos sejam alcançados com mais sucesso, pretendemos aperfeiçoar as

metodologias utilizadas nas atividades desenvolvidas no decorrer da execução do projeto.

Na oportunidade, quero dizer a todos os professores do nosso país que trabalham com a Educação Infantil, que a nossa experiência poderá dar subsídio para a construção de projetos que abordem novos temas e alcancem seus objetivos, assim como servir de incentivo a todos os profissionais que atuam para o enriquecimento da educação no país.





Dados de identificação

Professora: Eveline Souza Schramm De Oliveira

Escola Csu Liberdade

Município / UF: Salvador / Bahia

Faixa etária atendida pelo projeto: 4 e 5 anos

Pequeno cidadão

A construção da cidadania começa na infância

A Escola CSU da Liberdade está localizada no bairro da Liberdade, o mais populoso de Salvador, onde existe um grande número de famílias carentes. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino e atende 257 crianças. O projeto inicialmente foi desenvolvido apenas para o período vespertino e teve como público-alvo 130 crianças, entre 4 e 5 anos. Ele surgiu da necessidade de trabalhar com as crianças um material sobre a cidadania e os símbolos nacionais, que a escola havia recebido. Como fazer crianças dessa faixa etária compreender temas tão complexos? Foi esse o grande desafio e também a mola propulsora desse projeto: desenvolver na criança, por meio do exemplo, a ética do cidadão.

Para dar embasamento ao nosso trabalho, o texto foi escrito com base nos Referenciais Curriculares

Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) que é um guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de até 6 anos.

Esses Referenciais Curriculares enfatizam que nessa faixa etária 4 e 5 anos é importante a identificação do nome e destaca que a criança se interessa pela sua representação escrita desde que isso seja feito de forma contextualizada, ou seja, dando uma função social para ela. Essa reflexão subsidiou o trabalho da construção da identidade desenvolvida no início do projeto em que os alunos trabalharam com a história do nome e posteriormente a confecção da sua carteira de identidade.

Outro aspecto importante também tratado nos Referenciais serviu como fio condutor de praticamente

todo o trabalho - é o reconhecimento da criança enquanto sujeito de direitos, pois essa encontra-se em uma etapa importante de suas vidas, com características próprias, que podem e devem ser respeitadas. Segundo os RCNEI, no capítulo que trata da Formação Pessoal e Social, nos atos cotidianos e em atividades sistematizadas, o que se recomenda é “a atenção permanente à questão da independência e autonomia. O exercício da cidadania é um processo que se inicia na infância, quando se oferecem às crianças oportunidades de escolha e autogoverno”.

O primeiro passo foi observar que as crianças não conheciam os seus direitos. Aliás, nem sabiam que tinham direitos, não se consideravam cidadãos e nem percebiam o seu valor na sociedade. Observou-se ainda que a escrita do nome de cada uma era compreendida como uma atividade de rotina obrigatória sem nenhum outro sentido para elas. Deveriam aprender o nome, e pronto!

Desenvolver na criança a independência e a autonomia é algo de suma importância. No projeto, as crianças tiveram a oportunidade de se dirigir a um órgão público, Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) para tirar a carteira de identidade oficial, passando por todo o processo que é feito por um cidadão

comum — entregando os documentos, pagando a taxa, recebendo troco —, sentindo-se um verdadeiro cidadão. Estimulando, assim, o desenvolvimento da independência e da autonomia.

Não se pode deixar de lado a parte artística e as brincadeiras, que são tratadas nos Referenciais e que fazem parte da vida da criança. O projeto trabalhou com arte e brincadeiras atreladas ao ser cidadão, e as crianças dançavam, cantavam, brincavam e percebiam diversos tipos de sons utilizando instrumentos que elas próprias construíram, com sucata.

O *Pequeno Cidadão* foi iniciado com a confecção da Bandeira Nacional, que teve a participação de todas as crianças do projeto para que cada uma se sentisse, de forma concreta, parte integrante deste país cuja dimensão ainda não podem mensurar. Atrelado a isso, todas as segundas-feiras, as crianças acompanhavam a execução do Hino Nacional. Elas ouviam atentas a melodia e a letra do hino. Essa atividade foi realizada durante o projeto, como uma prática social que existe em todos os eventos esportivos oficiais e que as crianças têm acesso nos meios de comunicação.

Logo em seguida, foi trabalhada a história do nome, que ganhou a denominação de “construção da iden-

tidade”, desenvolvida em etapas. Inicialmente, foram orientadas a descobrir com os próprios pais como foi feita a escolha do seu nome. Isso deu oportunidade ao desenvolvimento da oralidade, pois cada criança contava nas rodinhas a história do seu nome. Paralelo a isso, foi enviado aos pais uma pesquisa para que escrevessem a história do nome do filho, dessa forma aqueles que não conseguissem relatar a sua história na sala, essa seria contada pela professora. A partir daí o nome foi trabalhado durante todo o período do projeto, culminando com a confecção da carteira de identidade fictícia confeccionada na própria sala, na qual cada criança escreveu o seu nome do seu jeito, e uma outra que foi tirada num órgão público responsável, o SAC. Elas adoraram, sentiram-se independentes como verdadeiros cidadãos!

Outra atividade desenvolvida foi a confecção do livro dos direitos da criança. Elas ouviam histórias sobre os seus direitos e depois relatavam experiências vividas a respeito do que acabaram de ouvir. Dessa forma todos participaram e comenta-

Os alunos conseguiram modificar suas atitudes diante de situações expostas durante o projeto. Isso foi notado nos relatos de experiências em rodinhas, de atitudes de respeito em relação aos colegas, ao utilizar palavras como: Obrigado! Desculpe!

ram a história que tinham ouvido. Depois, as crianças em grupos fizeram desenhos sobre o tema conversado. Dessa maneira foram contadas várias histórias — cada uma relacionada a um direito da criança. Confeccionamos um livro que recebeu o título *Olha o Respeito, pois Sou*

Pequeno! — frase dita por um dos alunos ao seu colega, quando tentava reivindicar um direito. Foi o maior sucesso, pois os alunos começaram a entender os seus direitos, em todos

os lugares que estavam: em casa, na escola... A repercussão foi tamanha que os pais procuraram a escola para saber o que estava acontecendo (de uma forma positiva, é claro!).

Logo depois foi feita a atividade da bandinha. As crianças confeccionaram instrumentos musicais de sucata, colocando em prática o fazer artístico e, ao mesmo tempo, desenvolvendo a acuidade auditiva ao descobrir o som de cada instrumento. Também realizamos uma eleição para que — pelo voto direto — as crianças pudessem escolher o prefeito da banda. Os candidatos tiveram direito à campanha eleitoral e discursos.

A avaliação do *Pequenos Cidadãos* foi realizada por meio de observações e registros feitos durante todo o projeto. Constatamos que os objetivos alcançados superaram nossas expectativas. Inicialmente, a proposta era modesta e simples e, no decorrer do processo, tomou uma dimensão grandiosa.

Os alunos conseguiram modificar suas atitudes diante de situações expostas durante o projeto. Isso foi notado nos relatos de experiênci-

as em rodinhas, de atitudes de respeito em relação aos colegas, ao utilizar palavras como: Obrigado!, Desculpe!. Essa mudança de comportamento também foi constatada nos relatos dos pais, em reuniões. Segundo eles, em casa, as crianças se sentiam valorizadas e sabiam quais eram os seus direitos.

Com esse projeto, pude perceber que as crianças são ainda mais capazes e sensíveis do que podemos imaginar. Tive a oportunidade de

ver os olhos das crianças brilhar ao serem valorizadas e levadas a sério e ter consciência de, como afirmou certa vez a poeta chilena Gabriela Mistral: “Muito do que precisamos pode esperar. A criança, não. Não se lhe pode dizer amanhã. Porque seu

nome é: hoje”. Hoje a criança é um sujeito de direitos, hoje a criança deve construir sua identidade, hoje a criança deve ser valorizada.

Essa foi uma experiência gratificante, que obte-

ve um excelente resultado, pois tratou da realidade da criança, o seu dia a dia, a sua vida. Sem dúvida, deve ser apreciada por todos os profissionais que trabalham com crianças de até 6 anos. Esse projeto teve continuidade na nossa escola no ano seguinte, quando pudemos realizar a maioria das atividades e mais uma vez foi bem-aceito, com bons resultados. Espero poder estar contribuindo para melhorar ainda mais a qualidade da educação infantil do nosso país.

Pude perceber que as crianças são ainda mais capazes e sensíveis do que podemos imaginar. Tive a oportunidade de ver os olhos das crianças brilhar ao serem valorizadas e levadas a sério. Hoje a criança é um sujeito de direitos, hoje a criança deve construir sua identidade, hoje a criança deve ser valorizada.





Dados de identificação

Professora : Kelrie Rodrigues Reis

Escola de Educação Infantil Marisa Mendes de Carvalho

Município / UF: Fortaleza / Ceará

Faixa etária atendida pelo projeto: 5 e 6 anos

Chega de silêncio

A arte das brincadeiras agitando a sala de aula

O Projeto *Chega de Silêncio* foi realizado com crianças entre 5 e 6 anos, que cursam Educação Infantil II C, na Escola de Educação Infantil Marisa Mendes, localizada em Fortaleza, a capital cearense. Dessas, nem todas fizeram Educação Infantil I e apenas duas estão fora da faixa etária equivalente à série que cursam. As crianças são moradoras do bairro Vila Velha IV, que fica na periferia da cidade e, apesar das condições desfavoráveis, mostraram-se bastante curiosas e com vontade de aprender. Os pais também demonstram muito interesse pela vida escolar dos filhos e, sempre que solicitados, comparecem à escola.

Por se tratar de uma escola pública, situada em uma área considerada de pobreza, a infância muitas vezes é atropelada. O fato de as crianças aprenderem brincando as estimula a frequentar com prazer a sala de aula, resgatando a infância

perdida e diminuindo assim a evasão escolar.

Segundo Daniela Padovan, Isabel Guerra e Ivonildes Milan, autoras do livro *Projeto Presente*, o momento atual pede uma matemática viva, não uma ciência pronta e acabada a ser repetida pelos alunos. Diante disso, percebi que em minha prática havia apenas o interesse em desenvolver conteúdos com os alunos, por meio da repetição.

Avaliei minha postura e observei, nas atividades de matemática, a metodologia tradicional: crianças passivas, sentadas, escrevendo números e ouvindo a professora falar. Percebendo a necessidade de mudar essa situação, conversei com as crianças e descobri o interesse natural delas pelas brincadeiras.

Resolvi, então, implementar ações pedagógicas durante as aulas de matemática com o intuito de desenvolvê-las integralmente fazen-



do uso de atividades lúdicas para que a partir disso as crianças fossem capazes de compreender e mudar a própria realidade.

Em um primeiro momento, foi realizada uma discussão em grupo sobre as aulas de matemática. As crianças expuseram suas idéias e mostraram o grande interesse que tinham pelas brincadeiras. Organizei alguns questionamentos para identificar os conhecimentos prévios delas sobre o assunto, como:

- Que brincadeiras vocês conhecem?
- Como é essa brincadeira?
- Quem já brincou?

Durante a conversa, fui escrevendo o que as crianças falavam: “Eu brinco de amarelinha. É bom, é só jogar a pedrinha e pular.” (Vitória, 5 anos)

Discutimos sobre outras brincadeiras que fizeram parte da minha infância e logo percebi a importância delas na vida do ser humano. Encerramos a aula listando as brincadeiras que seriam desenvolvidas. E as escolhidas foram: boliche, rabinho, amarelinha e bola-ao-cesto.

Em seguida, elaborei um planejamento com objetivos, conteúdos, metodologias, recursos e avaliações a serem utilizados. Retomamos a discussão, onde foram estabelecidas as regras que precisaríamos saber. Levei as crianças até o pátio para dar início às brincadeiras. A princípio, elas sentiram dificuldade em compreender as regras, esperar a vez de jogar, se posicionar, identificar os procedimentos das brincadeiras, como jogar a pedrinha, o que

fazer para pegar mais rabinhos ou derrubar o maior número de garrafas etc. Depois de algumas semanas, porém, as dificuldades foram diminuindo.

Na brincadeira do rabinho, convidei as crianças a colocar um rabinho feito de E.V.A.(material feito de borracha fina usado para confeccionar jogos e letras) nas costas e, após encaminhá-las ao pátio, onde ficaram organizadas aleatoriamente dentro de um espaço delimitado, deveriam pegar o maior número de rabos uns dos outros, sem deixar que ninguém tirasse o seu. Quando a brincadeira terminava, os rabinhos eram levados para a sala de aula, onde fazíamos a contagem, comparávamos e representávamos a quantidade.

Essa foi a brincadeira que o grupo mais gostou. As crianças se divertiam bastante, desde a colocação do rabinho até a retirada dele pelos colegas. Algumas demonstra-

ram solidariedade ao retirar o rabinho da outra, afirmando que, quando voltassem para a sala de aula, os devolveriam.

Durante a brincadeira, elas foram desenvolvendo noções de cores, espaço, lateralidade, formas geométricas, quantidades, comparação de quantidades, agilidade, percepção visual, raciocínio lógico, noções básicas de muito, pouco, igual, diferente, mais, menos etc. Por intermédio do lúdico, as crianças começaram a desenvolver não só os conteúdos matemáticos, mas também outras qualidades, como negociar, pedir, recusar, perceber o que podiam ou não fazer etc. O mais interessante foi perceber que eu levaria o ano inteiro para desenvolver todos esses conteúdos e habilidades.

Terminada essa fase, era necessário estimular a oralidade para entender o pensamento matemático da criança e então, quando voltávamos



do pátio, conversávamos sobre a brincadeira realizada e que serviria de critério na avaliação.

- O que precisamos para acertar a bola no cesto?

- Qual o segredo para derrubarmos mais garrafas no boliche?

Logo após as conversas, as crianças eram convidadas a realizar atividades relacionadas às brincadeiras, como registrar com desenhos o que tinham visto e vivenciado, expor para os colegas o significado do desenho e construir textos relatando a brincadeira.

O que me chamou a atenção foram as produções coletivas, onde todas as crianças souberam relatar as brincadeiras desenvolvidas. Com isso, o grupo demonstrou que havia compreendido o assunto.

A cada dia, as crianças ficavam mais motivadas com as aulas, sentindo-se autoras ativas e construtoras do próprio conhecimento. Os colegas das outras turmas e os familiares foram convidados a participar da exposição dos registros e a observar o processo de desenvolvimento das crianças.



Esse trabalho foi muito gratificante, pois consegui com as crianças da minha sala quebrar paradigmas impostos por uma educação tradicional e crescer profissionalmente.

A experiência do *Projeto Chega de*

Silêncio foi concluída no final do ano letivo de 2004, obtendo bons resultados. Para avaliar as crianças é importante que os desafios apresentados sejam possíveis de ser enfrentados pelo grupo. Para isso, é fun-

Por meio de brincadeiras, as crianças começaram a desenvolver não só os conteúdos matemáticos, mas também outras qualidades, como negociar, pedir, recusar, perceber o que podiam ou não fazer etc. O mais interessante foi perceber que eu levaria o ano inteiro para desenvolver todos estes conteúdos e habilidades.

damental avaliar a prática:

- As atividades propostas têm proporcionado momentos de integração entre os grupos?

- Houve interesse pelas brinca-

deiras e as atividades sugeridas?

- Como as crianças se referem aos próprios avanços e ao trabalho que desenvolvem?

Elaborei uma ficha de avaliação para cada aluno, na qual constava a sua evolução individual, atitudes, habilidades, conquistas e avanços, com o intuito de analisar os resultados e rever novamente a prática pedagógica quando necessá-

rio. Nos desenhos, avaliei a quantidade de crianças presentes na brincadeira, os números na amarelinha, espaço utilizado, as diferentes representações das garrafas, a expressão facial, percepção visual, corporal etc. A riqueza de detalhes nos desenhos tornou visível o grau de desenvolvimento das crianças.

Fazendo uma avaliação de todo o projeto, observei o quanto as crianças se envolveram com o assunto trabalhado. Demonstraram interesse e crescimento não só nas aulas de matemática, como em todas as áreas do conhecimento.

Esse progresso tornou-se visível na participação das atividades, socialização e cooperação do grupo.

O projeto deu oportunidade às crianças de viverem a infância

com mais prazer e aprenderem o que é essencial para a vida do ser humano: respeitar o outro, saber conviver em sociedade, ser feliz, negociar, pedir etc. O trabalho foi muito gratificante, pois consegui com as crianças da minha sala quebrar paradigmas impostos por uma educação tradicional e crescer na profissão.

O projeto deu oportunidade às crianças de viverem a infância com mais prazer e aprenderem o que é essencial para a vida do ser humano: respeitar o outro, saber conviver em sociedade, ser feliz, negociar, pedir...





Dados de identificação

Professora: Taicy de Ávila Figueiredo

Escola Classe Sonhém de Cima

Município / UF: Sobradinho / Distrito Federal

Faixa etária atendida pelo projeto: 4 e 6 anos

Brincarte

Projeto utiliza brincadeiras para resgatar a auto-estima das crianças

Criada pela rede pública de ensino do Distrito Federal, em 1976, a Escola Classe Sonhém de Cima funciona, desde 1997, em um prédio cedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), no Projeto de Assentamento Contagem, na zona rural de Sobradinho. A referida construção, antigo abrigo de posseiros, foi precariamente adaptada para funcionar a nossa escola, a única do assentamento. A maior parte das nossas crianças é filha de trabalhadores rurais da região, seja de famílias assentadas, seja de empregados das propriedades rurais próximas, cujo grau de instrução e renda familiar são baixos.

A turma de educação infantil era bastante heterogênea, composta de 15 crianças, entre 4 e 6 anos de idade, incluindo uma aluna com necessidades educacionais especiais. Du-

rante o período de adaptação, percebemos que essas crianças tinham um enorme desejo de se integrar ao novo ambiente (a escola). O assentamento não lhes oferecia outras opções de cultura, lazer e aprendizado coletivo, devido à ausência de outros recursos públicos e ao isolamento desta região rural.

Assim sendo, elegemos como nosso principal objetivo ampliar o conhecimento de mundo das nossas crianças, de forma que elas se sentissem não apenas acolhidas na escola, mas também valorizadas na sua individualidade, promovendo a auto-estima. Para alcançarmos esse objetivo, escolhemos como tema o folclore infantil. Acreditamos que resgatando a arte e a cultura populares poderíamos, a um só tempo, valorizar e ampliar os conhecimentos que nossas crianças já traziam do lar.

Inspiramos o nosso trabalho na seguinte concepção de Donald W. Winnicott, psicanalista e pediatra inglês, autor de vários livros sobre a criança: *“A função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal, ou jardim de infância, será possivelmente considerada, de modo mais correto, uma ampliação da família ‘para cima’, em vez de uma extensão ‘para baixo’ da escola primária.”*

Winnicott, ao afirmar que a Educação Infantil pode ser considerada o modo mais correto de uma ampliação para cima da família, pretende apontar para o fato de que, ao entrar na escola, a criança não deixa de lado a vida afetiva que tinha no lar, centrada sobretudo na mãe. Ao contrário, ela está ali para ampliá-la, relacionando-se com os educadores e com outras crianças de idades variadas, com valores culturais e familiares diferentes dos seus. Por isso consideramos que o cerne de nosso objetivo seria fortalecer a auto-estima de nossas crianças. Para que isso fosse possível, pri-

A convivência harmoniosa de crianças de idades variadas, de diferentes raças, religiões e valores familiares, valorizou e respeitou a individualidade de cada uma, ajudando a construir a auto-estima, nosso principal objetivo

vilegiamos o brincar. Assim, ao construirmos seus próprios brinquedos, as crianças poderiam perceber a capacidade que têm para alcançar aquilo que desejam, sentindo-se mais confiantes, e teriam estímulo

para usar os brinquedos confeccionados nos jogos em grupo, essenciais para a socialização.

O primeiro passo para tornar possível o projeto foi, juntamente com as

crianças, criar uma rotina rica, prazerosa e flexível, fundamental para a adaptação delas na sua chegada à escola, fornecendo-lhes subsídios para que pudessem se organizar no tempo/espço escolar, possibilitando a elas se apropriarem desse novo mundo de desenvolvimento. A rotina diária era composta pelos seguintes passos:

Na Roda Inicial, o primeiro momento de socialização do dia, as crianças, por meio de conversas dirigidas, compartilhavam as novidades que traziam de casa. A professora explicava a elas a agenda de atividades do dia e apresentava novos conhecimentos, utilizando para isso jogos pedagógicos, livros infantis etc. À medida que as crianças

iam se familiarizando com a rotina, uma delas era indicada como a Ajudante do Dia, que dirigia a Roda, desenvolvendo a sua autonomia.

Na Hora da Atividade, as crianças podiam expressar, por meio de ações mentais e concretas, os conhecimentos que vinham adquirindo durante a realização do projeto. Com o auxílio da professora, a classe, organizada em grupos de trabalho diversificado, ampliava o universo de conhecimentos utilizando várias linguagens, como a escrita, a matemática, o grafismo etc., além de explorar materiais concretos, novos suportes para a expressão plástica e jogos pedagógicos.

Na Hora da Brincadeira, tínhamos na sala de aula vários brinquedos, obtidos por meio de doações, para que as crianças dessem asas ao jogo simbólico. Nesse momento, também usavam os brinquedos que elas mesmas confeccionavam como os fantoches mamulengos, com os quais elas improvisavam histórias atrás da empanada¹ ou brincavam de casinha.

No Recreio e Recreação, nossa turma, juntamente com as demais classes da escola (da 1^a à 4^a séries),

podia brincar livremente, usufruindo os brinquedos que confeccionavam, ou organizando jogos do folclore infantil que a professora lhes havia apresentado, como cantigas de roda, amarelinha, pular corda etc. Ao final do dia, tínhamos o Cantinho da Leitura. Com as doações, conseguimos formar uma pequena biblioteca na sala de aula, organizada em um belo baú, contendo livros infantis e gibis que as crianças exploravam livremente, folheando, brincando de escolinha, contando histórias umas às outras. Nos finais de semana, cada criança escolhia um livro da biblioteca e o levava para casa, a fim de usufruí-lo com sua família.

Também tínhamos uma Agenda Semanal. As segundas-feiras eram dedicadas ao Dia do Brinquedo. As crianças utilizavam sucatas recicláveis e de simples manuseio, como jornais, garrafas plásticas e caixas de papelão, e confeccionavam seus próprios brinquedos. Usando material que antes poluía o meio ambiente, as crianças, orientadas pela professora, pesquisaram e construíram brinquedos como chovalho, pandorga², bonecas, máscaras

¹ Palco para teatro de fantoches.

² Pipa, papagaio, rabo-de-arraia, cotó, cartola, maranhão etc... Uma pandorga se constitui das seguintes partes principais: armação, amarração, cobertura, rabo e cordel.

ras, baldes de areia, bilboquê³, massinha caseira, e fantasia de bumba-meu-boi, entre outros.

O principal brinquedo confeccionado foi o fantoche mamulengo, usando garrafas plásticas, jornal velho e retalhos de pano. As crianças construíram passo a passo seus próprios bonecos com entusiasmo, pois, desde o início do ano letivo, já haviam entrado em contato com o mundo do teatro de bonecos. Tínhamos também um fantoche de cabeça, o Palhaço Pompom, que participava diariamente da Roda Inicial e era manipulado pelo Ajudante do Dia. Quando os bonecos ficaram prontos, as crianças manifestaram o desejo de construírem casinhas para eles. Então, com caixas de sapato, cada criança fez uma casinha para guardar o seu mamulengo e, usando uma grande caixa de papelão, o grupo fez um palco para o teatro de fantoches, para ser usado na apresentação da turma.

A história escolhida pelas crianças para ser encenada foi *Tangolomango*, baseada numa cantiga popular. A peça foi apresentada no evento Festa da Primavera, no qual compareceram todas as turmas da escola e as famílias das crianças. Após a apresentação, os pe-

quenos puderam levar seus fantoches para casa, com as caixinhas que confeccionaram para eles, além de uma surpresa preparada pela professora: um porta-retratos contendo uma foto do aluno com seu boneco; uma lembrança importante para eles e suas famílias, pois a maioria não tem máquina fotográfica para registrar a infância dos filhos.

Às terças-feiras, o dia era dedicado ao Caderno de Música, quando apresentávamos uma nova música folclórica ou de ritmos populares brasileiros. Nessa etapa, exploramos cantigas de roda e canções sobre folguedos populares, além de compositores como Luiz Gonzaga, Vinicius, Toquinho e Chico Buarque, entre outros. Na Roda Inicial, trazíamos a letra impressa da música para cantá-la, fazendo a leitura do texto, que depois era ilustrado; a coletânea das músicas ilustradas formou o referido caderno, que cada criança levou para casa ao final do ano. Além disso, os textos foram usados para estimular a construção da linguagem escrita. Elas desenvolveram várias atividades, como formar palavras com alfabeto móvel, escrever frases, completar lacunas na música etc.

³ O objetivo do jogo é lançar um ou mais objetos, que são presos a um cordão e encaixá-los num pino, que está amarrado na ponta oposta do cordão.

Nas quartas-feiras, tínhamos o Dia do Conto, com o objetivo de estimular a construção da linguagem oral e escrita, por meio de histórias, mitos e lendas do nosso folclore, além de textos de vários estilos literários, como poesias e contos de fadas e textos informativos. Os textos privilegiavam temas do folclore infantil e da cultura popular. Este, especialmente, foi um veículo que despertou enormemente o interesse das crianças por várias histó-

rias, como *A Casa da Flor*, que conta a história real de um brasileiro descendente de escravos, e o *Bumba-Meu-Boi* que, depois, foi encenado pela turma na festa junina da escola.

Às quintas-feiras, tínhamos o Dia da Pintura, quando as crianças exploravam diversos materiais e suportes para a expressão plástica, quando, por exemplo, pintaram caixas de papelão para confeccionar as fantasias do boi usadas na festa junina. E, finalmente, às sextas-feiras, tínhamos o Dia do Vídeo e Recreação, quando toda a escola parti-

cipava de brincadeiras dirigidas pelos professores e assistia a filmes pedagógicos.

Durante a realização do trabalho, pudemos perceber que a heterogeneidade da turma, que po-



deria dificultar a realização do projeto, converteu-se numa grande riqueza. A convivência harmoniosa de crianças de idades variadas, de diferentes raças, religiões e valores familiares, valorizou e respeitou a individualidade de cada uma,

ajudando a construir a auto-estima, nosso principal objetivo. Sentindo a sua individualidade respeitada na escola, as crianças não demoraram a se adaptar à rotina, pois ela era estruturada e prazerosa. A criança portadora de necessidades educacionais especiais, hoje, se encontra plenamente integrada, desenvolvendo todas as suas potencialidades.

Ao longo do projeto, resgatamos nossa cultura popular, valorizando o calendário comemorativo brasileiro. Trouxemos para a sala de aula his-

tórias sobre nossos índios, sobre a contribuição dos negros, além de folguedos ligados às festas juninas, ao carnaval, à Páscoa, ao Natal, além de outros. Assim, pudemos apresentar às crianças nossas datas comemorativas, não de maneira estereotipada ou superficial, mas embasadas no nosso folclore, e recheadas de cantigas e ritmos populares, como o *Bumba-Meu-Boi*, o *Reisado*⁴ etc., ampliando o universo das crianças.

Acreditamos que nossa experiência mostrou que é possível organizar o trabalho pedagógico na educação infantil de modo que a formação pessoal e social da criança esteja intimamente ligada à construção de novos conhecimentos, e que a metodologia e as atividades por nós desenvolvidas possam ser aplicadas, com sucesso, em outras turmas de educação infantil, adaptando-as às necessidades de cada escola.



⁴ O *Reisado* é uma das pantomimas folclóricas mais ricas e mais apreciadas, principalmente no Nordeste. É apresentado de 24 de dezembro a 6 de janeiro, isto é, entre o Natal e Festa de Reis. O *Reisado* é formado por um grupo de foliões que se reúne numa espécie de rancho, com a finalidade de visitar as casas das pessoas da região, cantando e dançando.



Dados de identificação

Professora: Amélia Sírtoli.

Co-autores: Eliana Rosa Carvalho, Eliane Santana Velasco Vieira e Dayse Roberts Lima Freire.

Centro Municipal de Educação Infantil “Zélia Vianna de Aguiar”

Município/UF: Vitória / Espírito Santo.

Faixa etária atendida pelo projeto: 2 e 3 anos

Navegando com Britinho

A descoberta de uma forma atraente de despertar nas crianças o interesse por imagens artísticas

O Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória, no Espírito Santo, tem sua história voltada para a assistência social. Inaugurado em 1958, inicialmente, funcionava como orfanato de caráter filantrópico, com internos e semi-internos. Depois passou a ter função de creche, mantido com o auxílio do Estado e patrões dos pais das crianças matriculadas. Atendia às necessidades dos pais que precisavam de um lugar seguro para proteger seus filhos enquanto trabalhavam. Desde a sua municipalização, em 1999, iniciou-se um trabalho de sensibilização da comunidade escolar, a respeito do papel pedagógico da escola. Hoje, com o projeto político-pedagógico em construção e o plano de trabalho elaborado por todos os funcionários, colocamos em

prática uma proposta que cuida e educa, simultaneamente, consolidada nas características pedagógicas.

Contando com bom espaço físico e apoio técnico, pedagógico e financeiro da escola e da Secretaria Municipal de Educação, reunimos condições para desenvolver projetos de trabalho com as crianças. Inseridos numa comunidade central urbana da cidade de Vitória, atendemos a uma clientela de níveis culturais e sociais heterogêneos, compartilhando o mesmo espaço educacional. Um grupo em especial — composto em sua maioria por filhos de trabalhadores residentes em outros bairros e municípios — necessitava fortalecer os vínculos e as interações afetivas entre a escola e as famílias — por isso passamos a estimular a participação ativa de todos.

Acreditando na importância da arte na educação infantil, mobilizamos todos os nossos recursos para fazer com que o projeto fosse bem-sucedido. Buscamos descobrir uma forma atraente de despertar nas crianças o interesse por imagens artísticas. O objetivo era aproximar as atividades pedagógicas das cotidianas. Na formação integral da criança, a escola assumiu seu papel de mediadora do conhecimento, transferindo de maneira sistematizada os interesses imediatos do dia-a-dia para outros próprios do saber científico.

O trabalho pedagógico está calcado na política Municipal de Educação Infantil, em documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação, no Referencial Curricular Nacional, literatura e periódicos afins, tendo como eixo central as artes visuais. Por meio da pedagogia de projetos, tema de estudo nesta Unidade Escolar, nos esforçamos para estar engajados nela, mesmo sendo um grande desafio por se tratar de crianças tão pequenas.

Para executar o projeto, utilizamos a apreciação das obras do artista plástico pernambucano Romero Britto¹, em especial as



reproduzidas em embalagens e objetos de consumo. Contando com o apoio da pedagoga da instituição e estímulo de um arte - educador, vimos na obra alegre, de traçados fortes, definidos e coloridos de sua obra, a possibilidade de trabalhar com suas reproduções artísticas.

Estudamos pesquisadores que promovem reflexões sobre o conceito de aprendizagem e uma nova forma de ação pedagógica, em que o ensino das Artes Visuais passa por um amplo processo de aprendizagem, dentro e fora da escola. A esta cabe organizar e sistematizar em atividades nas quais a criança possa estar tanto no lugar de quem produz como no de conhecedor e apreciador de arte. Um processo onde o fazer é retroalimentado pelo conhecimento de outros produtores e pela possibilidade de “ler” seus produtos. É a oportunidade de conhecer, apreciar e produzir arte.

¹ Artista plástico brasileiro que adotou um estilo alegre e colorido. Suas obras estão espalhadas por mais de 70 países. Seu traço tem características infantis e exploram formas geométricas ou figuras como corações ou animais, sempre com cores vivíssimas.

Segundo Anamélia Bueno Buoro, “O conceito de Arte é uma linguagem que possui uma estrutura própria e é capaz de dizer ao indivíduo algo diverso que as outras linguagens dizem... O indivíduo ‘consumidor’ de uma obra de arte é também criador, porque é leitor de obra de arte, intérprete do mundo.”

Fernando Hernandez, em seu livro *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*, apresenta reflexões na tentativa de romper barreiras e mitos sobre como o campo de estudos das artes deverá ampliar os conhecimentos das crianças em todos os níveis, sobre a cultura visual de nossa época e outras. Fala sobre a racionalidade cultural onde considera que a arte é uma manifestação cultural e os artistas realizam representações que são mediadoras de significados em cada época e cultura. Para ele, trilhar esse caminho da arte na educação não corresponde a uma moda, mas sim conecta a um fenômeno mais geral que tem a ver com



o papel da escolarização na sociedade da informação e da comunicação, e com a necessidade de oferecer alternativas aos alunos para que aprendam a orientar-se e a encontrar referências e pontos de ancoragem que lhes permitam avaliar, selecionar e interpretar a avalanche de informações que recebem todos os dias.

Nós, enquanto escola e educadores comprometidos, temos muito o que fazer por nossas crianças. Estimulando-as a conhecer e apreciar nossa herança cultural, sem temer produzir arte. Valorizar o papel da arte na sociedade, visitar museus e mostras artísticas, selecionar os materiais a serem apreciados, dirigindo o seu olhar e ofertar ambiente propício à realização de seus trabalhos. Esses foram os grandes desafios desta proposta. E, como disse Marisa Szpigel, “O professor se coloca como um mediador/instrutor de conhecimentos culturais, e a intervenção que realiza fica evidente e pode ser avaliada pela qualidade do material que seleciona, organiza e traz para a sala.”

Para desenvolvermos o *Projeto Navegando com Britinho*, buscamos caminhos de construção do conhecimento, inspirados na perspectiva construtivista sóciointeracionista, concebendo a criança como sujeito social e histórico, objetivando contri-

buir na formação de cidadãos capazes de ler o mundo com sensibilidade e criatividade, ampliando sua capacidade criadora por meio da exploração de imagens, incentivando a descoberta de nova forma de comunicação, considerando os apelos da mídia e da sociedade contemporânea.

O projeto foi elaborado de maneira a ultrapassar os muros da escola. Iniciado em fins de março de 2003, a partir do interesse das crianças por peixes, após visita ao supermercado, montamos mural de pesquisa sobre o tema, com a participação de toda a escola, abordando duas funções: alimentação e ornamentação. Compramos peixes para nos alimentar e para ornamentar nosso aquário.

Muitas aulas-passeio foram realizadas: na praia, Escola de Ciência, parques, casas comerciais, casa de colegas, cinema, mercado de pei-

xe, colônia de pescadores, Desfiadeiras de Siri² e Paneleiras de Goiabeiras³ dentre outras, tornando concretas as descobertas de sala de aula. Plantamos e colhemos coentro — tempero para peixe muito apreciado na culinária capixaba. Com o auxílio das famílias, escrevemos e ilustramos o livro *Navegando com Britinho*, que conta toda a trajetória da construção de nosso aquário.

Na alimentação, preparamos algumas receitas e degustamos patê de atum, moqueca e torta capixaba, que são pratos típicos de nossa região. Conhecemos o peixe fresco e o industrializado, como é por dentro e por fora, aprendemos quais os cuidados que devemos ter ao comprá-lo e como comê-los. Promovemos uma grande festa inaugurando nosso aquário. Cada turma confeitou um bolo em forma de animal mari-

² As Desfiadeiras de Siri da ilha Caieiras, Espírito Santo, trabalham em uma Cooperativa fundada em 1999 pela prefeitura e mantêm viva essa antiga tradição local. Sua atividade consiste em desfiar os siris pescados pelos homens usados no preparo de pratos típicos, como a torta capixaba.

³ As Paneleiras de Goiabeiras, assim chamadas por ser a maioria das artesãs mulheres, residem no bairro de Goiabeiras, em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. Com competência confeccionam, em barro, panelas, potes, travessas, de diversas formas e tamanhos. O processo de fabricação é praticamente o mesmo que os índios usavam na época do descobrimento. Anteriormente, as Paneleiras trabalhavam individualmente em suas próprias casas. Atualmente, mais organizadas, estão agrupadas na Associação das Paneleiras de Goiabeiras, uma espécie de cooperativa.

nho para compor a mesa da festa, organizada como um grande aquário. Encerramos o trabalho produzindo uma embalagem para enviar nosso projeto ao Prêmio Qualidade na Educação Infantil - 2004.

Registrávamos diariamente as atividades e os acontecimentos interessantes e semanalmente enviávamos relatórios para o acompanhamento familiar. Observação direta e constante, anotações em fichas individuais e produções coletivas orais e escritas orientavam a nossa interferência.

Alcançamos vários níveis de instrução: das crianças e suas famílias, dos educadores e da escola e da comunidade em geral, estreitando nossa relação e possibilitando conhecimento mais profundo de obras artísticas que convivemos em nosso dia-a-dia.

Todo o trabalho foi marcado pelo comprometimento com a aprendizagem das crianças e da nossa também. Foi bastante gratificante trabalhar com crianças tão pequenas, auxiliando na construção da autonomia delas, e elevando a sua auto-

estima. Sem falar que o trabalho nos impulsionou a fazer cada vez mais e melhor, porque estávamos felizes. Os resultados positivos desse projeto possibilitaram concluir que a forma mais adequada de o cotidiano e a arte entrarem na sala de atividades — com significado didático-pedagógico — é investir na

formação continuada do professor para ajudá-lo a romper com a metodologia baseada meramente na transferência de conhecimentos abstratos e passarmos oferecer às crianças nossa prática para uma

Alcançamos vários níveis de instrução: das crianças e de suas famílias, dos educadores e da escola e da comunidade em geral, estreitando nossa relação e possibilitando conhecimento mais profundo de obras artísticas que convivemos em nosso dia-a-dia

real transformação, tornando-as capacitadas a responder aos desafios do mundo atual. É notório os avanços conquistados, fazendo-nos acreditar que vale a pena e é possível produzir educação infantil de qualidade.

O Projeto *Navegando com Britinho* estendeu-se por mais de um ano letivo e até hoje contagia quem o conhece. Se pudesse continuá-lo, aprofundaria nos estudos sobre alimentação e a nossa culinária regional. A experiência de ver nosso trabalho organizado e pronto foi o me-

lhor prêmio. Aconselhamos todos os professores a “arriscarem-se” na aventura de registrar suas práticas, porque encontrar com os “corajosos” da educação infantil de todo nosso país foi maravilhoso! Nos deu a certeza de que a escola não é “de-

pósito” de crianças e que estamos no caminho certo, próximos das melhores práticas que se conhece, e isso nos fortalece e impulsiona a avançar sempre e acreditar que a escola pública pode ser da melhor qualidade.





Dados de identificação

Professora: Carina Gomes Leal Paiva

Co-autores do projeto: Carolina de J. Luzo, Enir S. Moreira, Ma. Aldeniza da Silva, Vanderleia de J. Ferreira, Helena F. Alves, Zilda R. de Araujo, Mariza A. Ferreira, Ir Teresa Cavazzuti, Ir Ma. Elina Bustos, Kelly Cristina Silva Costa
Creche Municipal “Crianças Crescendo”

Município / UF: Jussara / Goiás

Faixa etária atendida pelo projeto: 4 a 6 anos

A praça que queremos

Crianças defendem a construção de uma praça no bairro e mobilizam professores, pais, moradores do bairro e autoridades para a realização do projeto

O bairro Nova Jussara fica localizado a 5 km da cidade de Jussara-GO e é formado por 350 famílias carentes. A creche funciona, provisoriamente, em um prédio cedido pela Igreja Católica. Ela é composta de duas salas de aula, uma cozinha, uma despensa, dois banheiros, e uma área que é utilizada para recreação e também para fazer as refeições. Na capela são feitas as reuniões e as festas. Seu projeto político pedagógico contempla o trabalho com temas escolhidos pelas professoras e professores a partir do interesse comum, acontecimentos locais e nacionais.

Acreditamos que com esta obra idealizada - *A Praça Que Queremos* -

e, oportunamente, realizada, a comunidade se beneficiaria, podendo continuar sua luta com mais motivação. Tendo direito a melhores condições de vida e, o principal, na condição de protagonista ativa no processo de socialização.

Considerando que a educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica, amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), suas ações passam a ter uma intencionalidade educativa. Elas não se restringem apenas à guarda e ao cuidado das crianças. Acreditamos em uma educação infantil na qual as crianças tenham direito à cultura, à brincadeira, à literatura, ao teatro, à mú-

sica, à pintura e à arte em geral. É preciso torná-las capazes de conhecer sua realidade social e propor mudanças. Fazê-las construtoras de sua própria história.

Um mês antes de desenvolvermos o projeto propriamente dito, uma primeira abordagem envolvendo temas ambientais foi realizada, com o *Projeto Água Nossa de cada Dia*. Após essa experiência, o departamento do Meio Ambiente do município nos enviou

uma proposta que visava melhorar a qualidade de vida dos moradores do bairro. Entre as sugestões, estava a proposta de visitar uma praça, no entanto, o bairro onde está localizada nossa creche não tem praça. Isto nos levou a uma reflexão sobre as condições da região. O que poderíamos fazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas? Levando-se em conta o expressivo número de famílias jovens que moram no setor e, por conseguinte, de

crianças e adolescentes; a falta de cuidado da população com o lixo; o desperdício da água; a inexistência de arborização e de espaços verdes; o grande número de pessoas que sofre de problemas respiratórios causados pela poeira.

O projeto envolveu toda a comunidade, deixando-a interessada e participativa, dando oportunidade de planejar as atividades em conjunto professor/criança;

para trabalhar em grupo, e deixar as opiniões fluírem. Dessa forma, a educação terá um novo rumo.

De acordo com Vera Grelhet, compreender a situação-problema é o objetivo do trabalho por projeto. Esse é o ponto inicial do trabalho, pois é partindo da realidade que se começam as descobertas educacionais. A autora diz também que todos têm tarefas e responsabilidades. A aprendizagem se dá durante todo o processo e não envolve apenas conteúdo.

*Trabalhar com a
educação infantil é
muito gratificante, pois,
ao mesmo tempo que ensinamos,
aprendemos a olhar a vida
a partir dos olhos
da criança*



Segundo ela, aprendemos a conviver, a negociar, a nos posicionar, a buscar e a selecionar informações e registrar tudo isso. Conseqüentemente, não devemos temer, pois a aprendizagem se dá de forma gradativa, deixando as crianças mais atentas às necessidades do seu dia-a-dia, fazendo com que elas pensem e ajam de acordo com as intervenções feitas, e se tornem responsáveis pela sua própria história.

O projeto teve início com a apresentação e o levantamento do conhecimento prévio das crianças, resgatando a história do bairro por meio de fantoches. O seu desenvolvimento se deu por etapas: foi feita uma visita ao bairro e conversamos com os moradores para saber como e onde era depositado o lixo; foram observados a infra-estrutura - ruas sem asfalto, falta de espaços de lazer e recreação - e o meio ambiente - pouca arborização, poluição sonora. O objetivo dessa etapa foi conscientizar as crianças de que cada uma é responsável pelo bairro onde vive. Também fizemos uma seleção - classificação, contagem, seriação do lixo coletado no passeio - para a sua utilização no projeto e em outras atividades.

Começamos por questionamentos, como: O que é uma praça? O que tem numa praça? Para que serve? As respostas foram escritas



em um cartaz. No passeio, quando percorremos as praças da cidade, a professora perguntou: “Quem construiu a praça? Quanto foi gasto?” Como não sabiam a resposta, as crianças ficaram de averiguar. No dia seguinte à visita, elas trouxeram as respostas sobre as questões colocadas durante o passeio à praça.

As crianças se surpreenderam com a placa de identificação da praça, o seu nome e o chafariz. Depois, pensaram em outras coisas que poderiam ser colocadas numa praça e que, segundo elas, viram em filmes e revistas. Idealizaram um lugar para espetáculos (Espaço Cultural) e pistas para bicicletas.

O desenvolvimento do projeto teve várias etapas: construção da maquete do que temos no bairro; elaboração da planta baixa da praça que queremos; colocando legenda; desenvolvendo uma ligação entre a escrita e o desenho e estabelecendo a relação espacial e temporal. Foi feita também a construção da maquete da praça que queremos; em pequenos grupos, as crianças

receberam diferentes tarefas: produziram árvores, chafariz, placa, recipientes para lixo, quadra... Nessas atividades, foi desenvolvida a coordenação motora, a percepção visual e a criatividade. O nome escolhido para a praça seria colocado numa placa. Uma das crianças sugeriu: A Praça É Nossa. Outra criança justificou que estava certo colocar esse título, porque foram elas que a idealizaram.

Na roda de conversa, foi discutido o que poderia ser feito para que a praça se tornasse realidade: “Podemos pedir ao prefeito que fez a outra praça.” A professora explicou que o prefeito constrói as coisas da cidade com o dinheiro arrecadado do pagamento dos impostos, por isso todos precisam estar de acordo. Então, foi sugerido convidar algumas pessoas do bairro para dar a sua opinião. Foram elaborados convites para o presidente da Associação dos Moradores do bairro, a diretora da escola, o pessoal do Posto de Saúde, representantes do bairro e os pais.

Na oportunidade, as crianças apresentaram o projeto e convidaram os presentes a dar sugestões. O presidente da Associação dos Moradores sugeriu que acrescentássemos ao pedido uma biblioteca. A enfermeira parabenizou as crianças pela explicação que fizeram de como a poeira gera enfermidades

respiratórias e sobre a necessidade de espaços verdes.

A professora explicou que para falar com o prefeito seria preciso marcar uma audiência. Para isso, foi escrita uma carta. Enquanto esperava a confirmação do encontro com o prefeito, foi organizada a apresentação do projeto, com a encenação da canção popular *A Linda Rosa Juvenil* e a poesia *Leilão de Jardim*, de Cecília Meireles. As crianças estudaram a sugestão da biblioteca e a incluíram no Espaço Cultural. O prefeito decidiu ir até a creche para ouvir “o assunto muito importante” que as crianças tinham para dizer-lhe. Ficou sensibilizado quando as crianças explicaram a necessidade de uma praça para o bairro e, quando mostraram a maquete que tinham preparado, comprometeu-se a levar a proposta para a Câmara de Vereadores.

O Projeto *A Praça Que Queremos* veio ao encontro da necessidade de maior consciência e educação da comunidade, pois os moradores do bairro ficaram encantados com as ações realizadas pelas crianças, juntamente com as professoras. O passeio pelo bairro, realizando a coleta de lixo e conversando com os moradores, causou um grande impacto na comunidade. Naquele momento, a creche ampliou o seu espaço interno para dar a sua contribuição social.

Em linhas gerais, o Projeto *A Praça Que Queremos* colaborou com a socialização das crianças, que aos poucos foram apresentando mudanças de postura, atitudes, conceitos e procedimentos. As crianças aprenderam a trabalhar em grupo e conviver com o próximo; escutando e respeitando opiniões. A avaliação contínua da aprendizagem se deu em todo o momento e foi concluída na reunião com os pais, na qual foram citadas as mudanças ocorridas em seus filhos.

O Projeto *A Praça Que Queremos* abriu caminhos para se trabalhar também com a reciclagem. No segundo semestre, construímos vários brinquedos e realizamos ativida-

des com material reaproveitado. Neste ano de 2005, queremos desenvolver a coleta seletiva de lixo, junto com as crianças, seus pais e os funcionários da creche. Dessa maneira enfatizamos nossa crença na

força da educação e nas crianças como responsáveis por sua própria história e de uma nova humanidade.

Trabalhar com a educação infantil é muito gratificante, pois, ao mesmo tempo que ensi-

namos, aprendemos a olhar a vida a partir dos olhos da criança. Ser professor é ensinar para a vida, como, por exemplo, a cuidar do lugar onde se vive para que amanhã tenhamos uma qualidade de vida ainda melhor.

O Projeto A Praça Que Queremos colaborou com a socialização das crianças, que aos poucos foram apresentando mudanças de postura, atitudes, conceitos e procedimentos. Aprendendo a trabalhar em grupo e aceitar o próximo; escutando e respeitando opiniões





Dados de identificação

Professora – Raimunda do Socorro Lemos de Matos

Co-autores do projeto – Cláudia Eline Campos Rocha; Lucilene Lima Silva; Helen Luce Cardoso Alves; Anayra Sousa Pinheiro; Maria Joana Melo Correia; Edna Maria Cabral Martins; Ana Rita Oliveira Pires; Maria do Socorro Pereira Correia

Centro de Educação Infantil Pastor Estevam Ângelo de Souza

Município / UF – São Luís / Maranhão

Faixa etária atendida pelo projeto: de 5 e 6 anos

Nas asas do Carcará

A música ajuda crianças do Maranhão a expressar com mais facilidade suas emoções, sentimentos e, principalmente, a criatividade

O Centro de Educação Infantil Pastor Estevam Ângelo de Souza, que atende crianças de 5 e 6 anos, tem um espaço físico amplo e bem distribuído, com três coretos, uma brinquedoteca, sala de vídeo, sala de professores, sala de informática, cantina, anfiteatro e área livre com boa amplitude, o que facilita o desenvolvimento de atividades variadas. A escola localiza-se na Cidade Operária, bairro da periferia de São Luís, no Maranhão, rico em manifestações culturais diversificadas, como coral, bumba-meu-boi, grupos de pagode, entre outros. As crianças que participaram do projeto pertencem ao segmento de baixo poder aquisitivo.

A idéia do projeto começou ao se observar que as crianças possuíam um repertório musical bastante limitado. Elas cantavam apenas as músicas mais divulgadas pelos meios de comunicação, como axé, brega e *rock pop*. Como professora, isso me inquietava. Essa realidade também se fazia presente nas outras salas do terceiro período da pré-escola. O que nos levou a refletir sobre a importância de as crianças conhecerem melhor a própria cultura e ampliar a sua percepção musical.

A escolha recaiu sobre o artista brasileiro João do Vale pelas suas composições, que até hoje são regravadas por grandes intérpretes, como Chico Buarque, Maria



Bethania, Alcione, entre outros. Além de percebermos a forma de escrita e composições engraçadas que poderiam causar interesse ao universo infantil. E por ser a ave carcará um dos símbolos de resistência e marca registrada da aflição do sertão nordestino, determinou a escolha do tema do *Projeto Nas Asas do Carcará*, que apresentaria às crianças a riqueza da nossa cultura e a realidade de vida que nos cerca. O projeto buscou oferecer às crianças do terceiro período do Centro de Educação Infantil Pastor Estevam a oportunidade de conhecer a cultura maranhense por meio da história da vida e da obra do compositor João do Vale, que muito contribuiu para o nosso enriquecimento artístico e cultural.

A música é uma linguagem que, se compreendida desde cedo, ajuda o ser humano a expressar com mais facilidade as suas emoções, sentimentos e, principalmente, a ser cria-

tivo. O objetivo da musicalização infantil é contribuir para a formação e o desenvolvimento da personalidade do indivíduo pelo estímulo da cultura e fornecendo meios para a evolução do conhecimento musical. Nesse sentido, Caíres, monitora do EGJ, assim se refere: “Trabalhar com a música no cotidiano escolar significa ampliar a variedade de linguagem que pode permitir a descoberta de novos caminhos de aprendizagem. É possível que se despertem nos alunos outras formas de conhecer, interpretar e sentir.”

Por essa razão, uma das metas do projeto político-pedagógico na nossa escola é trabalhar com elementos didáticos, que criem condições para que nossas crianças possam conhecer, descobrir e vivenciar experiências, valores, costumes e relações sociais, garantindo assim, de forma significativa, a ampliação do conhecimento. E a música contribui

significativamente para abrir esse leque de possibilidades.

Em decorrência da forte influência da música que os meios de comunicação impunham ao repertório diário das crianças, decidimos diversificar um pouco essa tendência. O que me inquietava, porém, era encontrar a melhor forma para apresentar esse grande compositor e saber se ele e suas músicas seriam interessantes ou não para as crianças. Assim, a roda de conversa, que permitia a troca e a livre expressão das crianças sobre determinado assunto, dessa vez trazia em pauta a novela *Celebridade*. Nesse bate-papo, as crianças comentavam que a novela considerava celebridades pessoas que eram famosas. Isso me deu oportunidade de mostrar que aqui também temos celebridades e de grande significado para a nossa cultura.

No dia seguinte, coloquei no quadro, de maneira intencional, um jor-

nal com a foto de João do Vale. Percebi que a curiosidade das crianças falava mais alto: De quem se tratava? De onde ele vinha? Era uma celebridade? As crianças que já conseguiam ler, convencionalmente, trataram logo de falar para os colegas que se tratava de João do Vale, o autor de *Pisa na Fulô*. E os questionamentos continuaram: Onde ele mora? Ele está vivo ou já morreu? Por que adeus, carcará? Diante desse fato, verifiquei que se tratava de um assunto que muito interessava às crianças: conhecer a história de João do Vale, que se transformara em objeto de interesse para aquelas crianças. Dessa forma, propus então que trabalhássemos um projeto sobre a vida e a obra desse cantor e compositor, para que pudéssemos conhecer um pouco mais esse artista.

Nossa proposta incluía também conhecer o gênero bibliográfico a partir da história da vida de João do Vale



e de seu estilo musical por meio das letras de suas obras; reconhecer os elementos musicais básicos - frases, partes, elementos que se repetiam; fazer interpretação das suas músicas mais conhecidas; identificar a linguagem não convencional, encontrada nelas como uma forma de comunicação própria do cancionário popular nordestino.

Para alcançar os objetivos propostos, o desenvolvimento do projeto foi feito por etapas: primeiramente, fiz um levantamento dos conhecimentos prévios a respeito do que as crianças sabiam sobre o compositor; em seguida, apresentei algumas músicas de sua autoria - *Pisa na Fulô*, *Estrela Miúda*, *Trem de Teresina*. Pedi também que entrevistassem seus familiares para descobrirem se eles conheciam algo sobre o artista. Com o envolvimento da família, as crianças ficaram ainda mais motivadas, pois alguns pais levaram para a escola discos, livros e outros compraram CDs, e relatavam o que sabiam sobre “o nosso João”, e isso fez com que a integração família/escola ficasse mais consolidada.

O Projeto Nas Asas do Carcará gerou nas crianças situações de aprendizagens reais e diversificadas, possibilitando a construção de sua autonomia e adquirindo compromisso com o social. Acredito que elas estão se formando como cidadãos críticos e participativos

Após a seleção de todo o material, combinamos os dias em que iríamos estudar a biografia do compositor e ouvir suas músicas. Com o prosseguimento da leitura sobre a biografia de João do Vale, observei que as crianças se sensibilizaram

muito com o estilo de vida que João levava quando era garoto. Menino pobre, sem estudo, tendo de vender pirulito para ajudar a sua mãe. Após cada leitura de sua vida, ouvíamos algumas de suas

obras que muito encantaram as crianças: *Pipira do Mané*, *Trem de Teresina*, *Carcará (Um bicho que avoa que nem avião)*. Com a familiaridade das crianças com as músicas de João do Vale, foram selecionadas as de suas preferências. Após a seleção feita pelas crianças, discutimos então o que faríamos com todas as informações adquiridas. Propus, então, que montássemos um musical com as canções e o apresentássemos aos amigos, aos familiares e à comunidade escolar. O que foi aceito pelas crianças. E, assim, estamos hoje estruturando o coral da escola que recebeu o carinhoso nome de uma

das músicas de João do Vale, dado pelas crianças, *Coral Estrela Miúda*.

Os espaços físicos utilizados durante o desenvolvimento do projeto, além da sala de atividades, foram a sala de vídeo, o anfiteatro e os coretos que serviram como ambientes de apreciação e ensaios das obras. Para a realização de algumas atividades que envolviam leitura e escrita, utilizou-se o alfabeto móvel. Em artes, foram desenvolvidas várias técnicas de pintura, dobraduras, recortes e colagens com tecido e revistas.

Para sabermos ainda mais sobre a vida e a obra desse ilustre maranhense, fizemos várias parcerias. Primeiramente, com o teatro, cujo nome foi dado em sua homenagem ainda em vida; depois, com profissionais da área da música, como a professora Ednir Cotrin Guará, ex-professora da escola de música, que muito nos auxiliou na organização do musical e continua nos auxiliando na estrutura do coral. Além de profissionais da área de artes, como a professora Edvânia Ferres, que também contribuiu para a realização desse projeto.

Por tudo que foi vivenciado, creio que houve uma real aprendizagem por parte das crianças, como o re-

gistro do vocabulário da forma de expressão do povo do sertão revelada nas músicas; a sensibilidade das crianças com as dificuldades encontradas no percurso de vida do cantor; a identificação pessoal das crianças com João, a questão de ser pobre e negro; o fortalecimento da expressão plástica nas crianças por intermédio da pintura, desenhos, colagens e dobraduras; propiciou o contato com o estilo musical, ampliando para diferentes espaços, como a vizinhança, amigos, entre outros.

Diante desse contexto, percebi que o projeto gerou nas crianças situações de aprendizagens reais e diversificadas, possibilitando a construção de sua autonomia e adquirindo compromisso com o social. Acredito que elas estão se formando como cidadãos críticos e participativos. Com o sucesso obtido no musical que foi apresentado para toda a comunidade escolar e familiares e, posteriormente apreciado no Fórum de Educação de 2004, oficializou-se então o Coral Estrela Miúda, que hoje inclui, além das crianças do terceiro período, os alunos do segundo período. E, futuramente, gravaremos o primeiro CD.





Dados de identificação

Professora: Gianni Lucindo Dias.

Escola: CIEI – Centro Integrado de Educação Infantil Maria José da Silva Cançado.

Município/UF : Naviraí / Mato Grosso do Sul

Faixa etária atendida pelo projeto: 3 a 6 anos.

Arte: conhecimento que expressa liberdade para a vida

A arte como instrumento para proporcionar desenvolvimento integral das crianças, trabalhando todas as áreas do conhecimento, de forma lúdica e prazerosa

O Centro Integrado de Educação Infantil Maria José da Silva Cançado está localizado em uma região periférica da cidade e atende crianças de 0 até 6 anos. Nossa escola proporciona um ambiente acolhedor, com amplo espaço para atividades de recreação e jogos. Conta também com salas laboratórios com materiais necessários para desenvolver as atividades específicas de cada área do conhecimento, como artes, música, lingüística, matemática, educação de valores e ciências.

O projeto surgiu a partir da necessidade de um trabalho mais efetivo com a arte, por entendermos que se trata de um elo entre todas as manifestações humanas. Uma forma perfeita de conhecer e perceber o mundo. Por intermédio da arte, a criança desperta seus senti-

dos, possibilitando a compreensão significativa de questões sociais, estéticas e cognitivas.

A elaboração do projeto *Arte: Conhecimento Que Expressa Liberdade para a Vida* foi embasada no projeto político-pedagógico da nossa escola, nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil e em um material multimídia, para professor do Maternal ao Jardim III, destacando a arte, da Antiguidade até a atualidade. Durante todo o processo, as reflexões surgiam no final de cada aula, na adequação do conteúdo para a faixa etária e também com os próprios colegas de trabalho, que eram os professores regentes de cada sala, onde as atividades de artes eram desenvolvidas.

Sempre quis trabalhar a arte de forma contextualizada. Por isso, nas

primeiras atividades, procurei trazer uma poesia que pudesse proporcionar conhecimento e reflexão. Um exemplo disso foi a atividade desenvolvida com *Qual a cor do Amor?* Nesse caso, o objetivo foi trabalhar as cores e valorizar a importância do amor para as nossas vidas.

A organização do trabalho em sala era feita sempre com uma conversa, para descobrir o conhecimento prévio das crianças sobre o tema e a agenda da atividade a ser desenvolvida na sala. Quando se tratava de técnicas de pintura, conversávamos sobre os materiais utilizados. Na oralidade trabalhávamos matemática. Quando apreciávamos uma tela, por exemplo, perguntamos quantos objetos podiam ser vistos, se eram grandes ou pequenos, quais estavam em cima ou embaixo. Nas várias áreas do conhecimento, sempre tinha algo por se fazer. Com a arte cênica, as crianças podiam se expressar, falar, representar e reproduzir. Isso, com certeza, melhorou a desen-

voltura das crianças, que, no início do ano, eram retraídas e quietas.

Quanto ao espaço físico, dependendo do objetivo, as atividades eram desenvolvidas em locais diferenciados, como no gramado, na área grande, na sala e no quiosque. Nossas aulas saíram do ambiente escolar em dois momentos. Uma visita à casa de uma professora que é pintora de telas. Visitamos o seu ateliê, para ensinar a pintura de telas, e fomos também a uma loja que vende diversos tipos de produtos artesanais. Convidamos as avós artistas de nossas crianças a visitar a escola. Elas conversaram e mostraram o trabalho delas. Foi uma forma de as crianças perceberem que os artistas, muitas vezes, estão perto de nós. O desenvolvimento das ações artísticas procurou contemplar a arte como um todo, favorecendo o fazer artístico, a apreciação e a reflexão.

As avaliações das atividades foram feitas ao final de cada aula, 10 minutos antes do seu término. Con-



versávamos sobre a aula; o que fizemos; se elas haviam gostado. Se o assunto envolvesse alguma técnica, pedia que me falassem como tínhamos feito e o que fora utilizado. Procurava também questionar as demais professoras para saber se as crianças comentavam as atividades realizadas. Quando elas não gostavam, também falavam. Às vezes, nem precisavam falar. No desenvolvimento da atividade, logo percebíamos quando não estava dando certo.

Todo esse processo serviu como forma de reavaliar o trabalho que estava sendo colocado em prática. Para cada faixa etária, o processo se deu de forma diferenciada. No Jardim I, as atividades utilizavam o próprio corpo: realizavam trabalhos com o dedo, a mão, o pé, o sopro.... Aprendi muito com as crianças. Ter paciência, respeitar o tempo de cada uma delas e também constatei o quanto esse projeto foi importante para elas. Algumas se envolveram mais, e demonstraram isso; no en-



tanto todas vivenciaram o projeto na sua totalidade, participaram e compartilharam comigo do desejo de adquirir um conhecimento importante para toda a vida. Quem se interessa por uma arte certamente será mais feliz na vida, terá melhor qualidade de vida. A arte é uma maneira de nos aproximar da perfeição, que para nós é representada por Deus.

Acredito ter influenciado positivamente as crianças. Quando terminou o ano letivo, recebi a visita de uma mãe cuja filha fora minha aluna. Ela levou a criança para me ver, pois, segundo ela, a garotinha falava que um dia queria ser professora como eu, para pintar e desenhar. Fiquei muito feliz pelo comentário, porque sei que ela verá a vida com outros olhos. A semente foi lançada. Atitudes como essa nos encorajam a prosseguir na nossa jornada.

Este ano, todos os professores da nossa escola irão ter acesso a este projeto de artes para que possam desenvolver com suas turmas, com o apoio da direção e da coordenação. Na sala de artes, teremos os materiais necessários para trabalhar as artes plásticas, cênicas e visuais. Talvez pudéssemos ter ousado mais, ter realizado e trabalhado maior

número de técnicas de pintura, organizado mais apresentações. Na parte visual, poderia ser acrescentado o espaço físico, objetos da sala e várias outras coisas.

Minha proposta daqui para frente é ampliar o ensino da arte propriamente dita: sua história e, principalmente, os artistas da nossa terra. Pretendo sair mais da sala e, também, convidar diferentes artistas para visitarem a nossa escola. Mostrando que não precisamos ir muito longe

para ver as mais diferentes formas de arte. Quero ousar mais com as nossas crianças. A arte pode proporci-

onar um desenvolvimento integral delas, pois no processo artístico podemos trabalhar todas as áreas do conhecimento, de forma lúdica e prazerosa. A liberdade do fazer artístico é uma gra-

tificante forma de ensinar. A criança vivencia, reflete, se expressa e, a partir daí, teremos alunos críticos, que falam o que pensam sem temores nem receios.

*Quem se interessa por
uma arte certamente será
mais feliz na vida, terá melhor
qualidade de vida. A arte
é uma maneira de nos
aproximar da perfeição,
que para nós é
representada por Deus*





Dados de identificação

Professora: Ângela Maria Sabião Damásio

Co-Autores: Luzia Márcia Vianconi Souto; Selma Maria de Araújo

Escola: Creche Menino Jesus

Município / UF: Lucas do Rio Verde / Mato Grosso

Faixa etária atendida pelo projeto: 1 a 3 anos.

Aprender inteirando-se com o mundo social: passeando também se aprende

Projeto transforma um simples passeio numa estratégia para a construção do conhecimento

A Creche Menino Jesus, situada na cidade Lucas do Rio Verde, em Mato Grosso, atende, em período integral, 200 crianças na faixa etária de até 3 anos. Possui oito salas de aula, uma brinquedoteca, uma videoteca, uma biblioteca, refeitório e ampla área externa com parques, tanques de areia, casa de boneca.

O *Projeto Aprender Inteirando-se com o Mundo Social: Passeando também se Aprende* visa integrar os passeios ao ato de educar e cuidar, pois a interação social em situações diversas é uma estratégia importante do professor para propiciar conhecimentos para as crianças.

A observação e a exploração do meio em que vivem são as principais possibilidades de aprendizagem dessa faixa etária. Assim, as crianças poderão gradualmente

construir as primeiras noções sobre as pessoas, o seu grupo social e as relações humanas. A interação com adultos e crianças de diferentes idades, as brincadeiras, a exploração do espaço e o contato com a natureza são experiências necessárias para o seu desenvolvimento.

Com passeios a parques, praças, bosques, biblioteca, supermercado e outros, propiciamos às crianças a ampliação dos seus conhecimentos de forma lúdica e prazerosa, como nos fala Lev Semionovich Vigotsky: “O convívio social e o cultural entre os pares da mesma faixa etária e adulto do mesmo grupo social ao qual pertence a criança contribui de forma relevante para o desenvolvimento e a aprendizagem.”

Para ampliar os horizontes da criança para além da casa e da creche,



realizamos passeios que proporcionaram a elas múltiplas formas de aprendizagem. No desenvolvimento dos trabalhos, notamos o entusiasmo das crianças em participar de atividades diversificadas, durante os passeios estabeleceram contato com pessoas que não fazem parte de seu convívio cotidiano, puderam observar ambientes naturais bonitos e atrativos, entre outros.

O projeto resultou de diálogos e reflexões no grupo de professores durante a hora-atividade¹. Chegamos à conclusão de que nossos alunos viviam num mundo muito restrito entre a creche e suas respectivas residências. Amadurecemos a idéia e elaboramos o projeto. Com o seu desenvolvimento surgiram ricas experiências, propiciando a ampliação desse mágico universo infantil.

Montamos um cronograma de passeios quinzenais, escolhendo lugares que pudessem despertar o in-

teresse e a atenção das crianças. Traçamos como principais objetivos: promover a socialização; o relacionamento com diferentes pessoas; ampliar as possibilidades de expressão e comunicação; estabelecer contato entre a criança e o meio ambiente, estimulando o interesse pela natureza e o que ela nos oferece; auxiliar no desenvolvimento da criatividade e da imaginação, bem como desenvolver a atenção e o raciocínio. Mais ainda, promover a interação entre a família e a escola.

Participaram do projeto 75 crianças, de 1 a 3 anos, que integraram três turmas, duas do Maternal I e uma do Maternal II. O professor era responsável por adequar o conteúdo a ser trabalhado ao lugar escolhido, respeitando a faixa etária de cada turma. Para a realização dos passeios, foi necessária a autorização dos pais das crianças, bem como a parceria entre a escola, que cedeu o veículo, e a prefeitura, que ofereceu um motorista para acompanhar aos lugares propostos.

Nos dias de passeio, era realizada, ainda em sala de aula, na roda de conversa, uma explanação sobre o assunto que seria tratado e o local

¹ Período destinado a estudo, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho, conforme artigo 67, V, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

que iríamos conhecer e explorar. Nesse momento, muitas perguntas foram feitas e as expectativas, tanto das crianças quanto das educadoras, iam aumentando. No decorrer dos passeios, as crianças, levadas pela curiosidade, exploravam o ambiente totalmente à vontade.

A cada local visitado, um determinado trabalho era realizado. No passeio ao supermercado, por exemplo, trabalhamos com frutas e verduras, enfocando seu valor nutricional; aproveitamos para ex-

plorar o tamanho das frutas, a forma, a cor e a textura. Também visitamos uma horta, onde observamos e conhecemos mais variedades de verduras. Quando fomos à Casa do Artesão, apreciamos obras artísticas regionais e pinturas sobre telas. Ao retornar à creche, montamos uma tela bem bonita, onde as crianças puderam se expressar livremente, por meio de seus rabiscos e garatujas. Outro lugar que visitamos foi a Biblioteca Municipal. O objetivo desse passeio foi para que as crianças tivessem maior acesso e contato

com a leitura e a escrita, para dar possibilidade a elas de ouvir histórias, manusear, folhear e fazer leitura não convencional.

Para trabalhar o movimento de forma bem prazerosa, fomos a uma praça. Lá as crianças correram, pularam, viraram cambalhotas, subi-

ram e desceram obstáculos, escorregaram e se divertiram pra valer. Vários outros passeios foram realizados ao longo do ano: à Sala de Recursos e Escola Especial, promovendo a integração com cri-

anças portadoras de necessidades especiais; ao bosque; à figueira histórica; a uma clínica veterinária e a uma chácara, contemplando a natureza e o que ela nos oferece. Com a ajuda de agentes de trânsito, fizemos um passeio até a casa de um aluno para estabelecer maior integração entre a família e a escola.

Diante dos resultados obtidos em todos os passeios realizados, constatamos avanços significativos na construção do conhecimento da criança por meio de observações e registros. Percebemos que as crianças se apresentaram mais

Chegamos à conclusão de que nossos alunos viviam num mundo muito restrito entre a creche e suas respectivas residências. Amadurecemos a idéia e elaboramos o projeto, com o seu desenvolvimento surgiram ricas experiências, propiciando a ampliação desse mágico universo infantil

desinibidas para participar e interagir no seu grupo social, adquirindo experiências significativas para o seu cotidiano.

Os passeios contemplaram várias áreas do conhecimento, como linguagens oral e escrita, natureza e sociedade, artes e movimento. Foi uma oportunidade importante para o desenvolvimento global das crianças.

A prática pedagógica proporcionou o desenvolvimento da linguagem das crianças, pois estas participaram de diversas situações em que puderam questionar, comentar, formular hipóteses, trocar idéias, ampliando suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.

O *Projeto Aprender Integrando-se com o Mundo Social: Passeando também se Aprende* nasceu e se desenvolveu a partir da necessidade de ampliar-mos o conhecimento de mundo de nossos alunos. Como educadoras, tivemos momentos de reflexão, onde nossa vida profissional se for-

tificou, ampliando novas práticas educacionais e beneficiando o desenvolvimento infantil, transformando o fazer pedagógico ainda mais prazeroso e diversificado.

O trabalho possibilitou novos horizontes e reflexões, ou seja, percebemos como é bom ensinar e aprender,

saber que você tem possibilidade de ajudar alguém e que sua prática pedagógica favorece o desenvolvimento das crianças. É muito gratificante terminar e poder continuar

no próximo ano um trabalho que deu certo, é estimulante saber que foi a responsável pela felicidade de várias crianças e isso retorna a você.

Pela experiência com o projeto, consideramos que os passeios podem ser realizados com qualquer turma, de qualquer idade e, principalmente, as de Educação Infantil que estão descobrindo o mundo à sua maneira. Basta o professor-educador querer redescobrir junto e, de acordo com a faixa etária de sua turma, propor desafios, pois estes fazem parte do processo educativo.

*Percebemos que as
crianças se apresentaram
mais desinibidas para participar
e interagir no seu grupo
social, adquirindo
experiências significativas
para o seu cotidiano*





Dados de identificação

Professora: Regina Carlotino Alves

Co-Autores: Verônica Silva Trindade (coordenadora pedagógica)

Escola: Escola Municipal de Ed. Infantil e Ensino Fundamental Cordolina Fontelles de Lima

Município / UF: Belém / Pará

Faixa Etária atendida pelo projeto: 5 anos

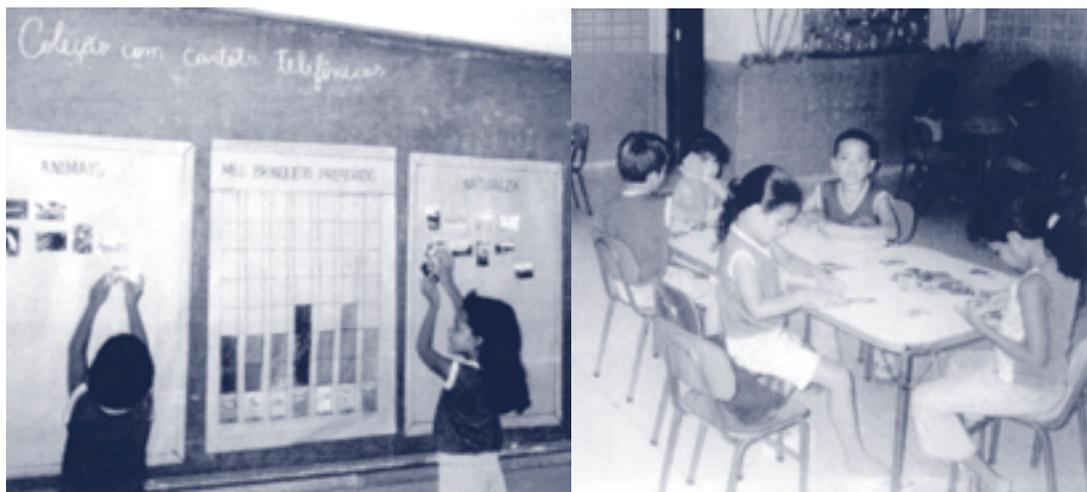
Cartões telefônicos: uma alternativa de aprendizagem

Coleção de cartões se transforma em um instrumento lúdico e instigante para aprender matemática e descobrir uma enorme variedade de temas

O projeto com os cartões telefônicos foi desenvolvido com a turma de Educação Infantil do turno vespertino, formada por crianças que tinham ingressado pela primeira vez na escola. A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cordolina Fontelles de Lima, localizada no bairro da Pratinha, na cidade de Belém, no Pará, tem em seu entorno diversas áreas de ocupação cuja característica - segundo pesquisa antropológica e depoimento de moradores - se resente de serviços públicos, como posto médico, espaço de lazer para as crianças, saneamento básico e água encanada, além do baixo nível de escolaridade.

Inicialmente, optou-se em trabalhar apenas alguns conteúdos específicos de matemática: contagem numérica, noções de conjuntos e representações de quantidades. A maioria da turma apresentava alguns avanços, evidenciados pela contagem que realizavam diariamente, ao conferir o número de alunos presentes; distinguindo se havia mais meninos ou meninas na sala; além da marcação no calendário do mês, que também permitia perceber o aprendizado de alguns alunos, no domínio da seqüência numérica, identificando o número antecessor e o sucessor.

Com o objetivo de utilizar um material alternativo como recurso



pedagógico, que despertasse o interesse e a criatividade das crianças nesse processo de aprendizagem, surgiu a idéia de definir um objeto para fazer uma coleção. Após consultar a turma sobre o que poderíamos colecionar, verificou-se que a maioria fazia referência aos cartões telefônicos.

Como foi sugerido em uma das edições da *Revista Escola*, colecionar coisas pode ser um passatempo delicioso e, ao mesmo tempo, uma ferramenta diferente para professores de educação infantil que introduz os pequenos em diversos conteúdos matemáticos. E foi esse artigo da revista que me fez repensar e buscar uma forma lúdica de apresentar conceitos iniciais que compreendem o ensino da Matemática, na educação infantil.

Considerando-se que, desde cedo, as crianças aprendem a memorizar seqüência numérica, deve-se proporcionar uma situa-

ção onde elas reconheçam a necessidade da contagem. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, ao contar objetos, as crianças aprendem a distinguir os que já contaram dos que ainda não contaram e a não contar duas ou mais vezes o mesmo objeto. Daí a importância que isso se dê de maneira prática.

Tomando como base as teorias do desenvolvimento infantil, defendida por Jean Piaget, Lev Semionovich Vigotsky e Henri Wallon, a avaliação da aprendizagem se deu por meio da observação e do registro de descobertas, levantamento de hipóteses e dos avanços dos educandos.

Após termos definido o objeto a ser colecionado, as crianças passaram a trazer cartões telefônicos usados, de séries variadas. A mobilização das crianças despertou o interesse e a participação dos pais ou responsáveis na construção da

coleção com cartões. As ações desenvolvidas acabaram por se dar de forma interdisciplinar. À medida que a turma foi se envolvendo, realizavam não somente a contagem de cartões, mas também a leitura de imagens expressas nos cartões, a identificação de pontos turísticos de Belém e

outros aspectos regionais (o Círio¹, o folclore e a culinária); o diálogo sobre o meio ambiente ao classificar os cartões que traziam paisagens da natureza e de animais. Portanto, diversos

foram os assuntos abordados durante o projeto, atingindo eixos do conhecimento, como Natureza e Sociedade, Matemática e Linguagem.

Diante de uma variedade de cartões telefônicos, organizamos conjuntos que compreenderam as seguintes categorias: brinquedos, animais, frutas, natureza, Belém, propaganda, datas comemorativas e símbolos natalinos. Na organização dos cartões por categorias, dispo-

mos de folhas de papel madeira, identificamos as categorias e fixamos no quadro. Também foram feitos trabalhos em grupo, como a construção de jogos de memória e a seleção dos cartões por categoria.

O objetivo do projeto - ao optar pela utilização de material alternati-

À medida que a turma foi se envolvendo, realizavam não somente a contagem de cartões, mas também a leitura de imagens expressas nos cartões, a identificação de pontos turísticos de Belém e outros aspectos regionais, o diálogo sobre o meio ambiente ao classificar os cartões que traziam paisagens da natureza e de animais

vo (cartões telefônicos usados) como recurso pedagógico na construção de conhecimentos - estava direcionado, inicialmente, à área de Matemática, porém, com o desenvolvimento das atividades, estendeu-se às demais áreas

do conhecimento. No início do projeto, a expectativa compreendia objetivos a serem alcançados no ensino da contagem numérica, relação de quantidades, noções de conjuntos, porém, além desses, alcançamos outros resultados: conversas acerca do meio ambiente, a identificação de pontos turísticos de Belém e da cultura regional, a leitura e a interpretação de símbolos e imagens impressos nos cartões, o desenvolvimento

¹ Círio de Nazaré- conhecida festa católica que ocorre no 2º domingo de outubro, na cidade de Belém do Pará. Traz no centro da procissão, a berlinda com a imagem de Nossa Sra. de Nazaré

de um trabalho interdisciplinar e a participação da família.

Foi utilizado como metodologia as rodas de conversas, onde foram propostas questões instigantes, a fim de promover o processo de indagação acerca do tema em destaque e perceber o que as crianças pensavam sobre os assuntos abordados.

O processo de avaliação se desenvolveu pela observação e pelo registro das descobertas, levantamento de hipóteses e os avanços das crianças. A prática de uma avaliação contínua e qualitativa requer um compromisso do educador em repensar a sua prática pedagógica, adotando atitudes que direcionem o seu fazer pedagógico, a busca do

embasamento teórico em sua prática e o acompanhamento dos avanços e das dificuldades dos educandos por meio de registros. Também foram consideradas, na avaliação, as interações socioeducativas: o interesse e a participação nas atividades propostas, a produção coletiva, as falas significativas das crianças nas discussões dos temas que surgiam e de que maneira o conhecimento estava sendo elaborado.

O projeto pode ser ampliado formando outras categorias que ainda não foram contempladas e essa experiência pode ser adaptada a outras realidades educacionais existentes no país, partindo das séries dos cartões disponíveis em cada Estado.





Dados de identificação

Professora: Cecília Beatriz Silva

Creche Santa Catarina

Município/UF: Cabedelo / Paraíba

Faixa etária atendida pelo projeto: 4 a 5 anos

É dia de espetáculo!

Histórias infantis ajudam a melhorar os relacionamentos em sala e promovem maior interação das crianças nas atividades

Alguns conflitos acirrados entre as crianças disputas por brinquedos, lápis, entre outros, que só se resolviam com brigas, beliscões e muito choro, eram constantes. Nas conversas com as famílias, notei que no contexto familiar, muitas vezes, questões semelhantes eram resolvidas com brigas e disputas. O diálogo, na maioria das vezes, era pouco utilizado. Concluí que era preciso fazer muita coisa! Até porque as conversas individuais ou em grupo não estavam surtindo efeito.

Buscando subsídios na obra piagetiana, percebi que esses conflitos, o famoso egocentrismo, são comuns na faixa etária dos 4 aos 5 anos, porém o papel do educador consiste em oferecer condições para que as crianças possam lidar com essas divergências de maneira harmoniosa. Foi com base nesses princípios que elaborei o projeto *É Dia de Espetáculo!*, no qual pensei em

unir o interesse pela literatura, consequentemente a dramatização, ao trabalho em grupo.

A Creche Santa Catarina, onde foi implementado o projeto, está situada na cidade de Cabedelo, na Paraíba, e atende 80 crianças de até 5 anos. A comunidade desse município tem na pesca artesanal e no comércio informal suas principais fontes de renda. A maior parte da população possui apenas a primeira fase de escolaridade do Ensino Fundamental.

Para encaminhar o projeto de maneira coerente, procuramos realizar diversos tipos de leitura. Entre elas, o material dos autores B.J Wadsworth e L. de Oliveira Lima sobre os estágios do desenvolvimento na obra de Piaget, que trouxe esclarecimentos importantes. Portanto, me baseei nos princípios didáticos demonstrados nos estudos de Piaget, para nortear minha prática

e postura como educadora.

Nesses princípios didáticos, as dramatizações e os recontos de histórias, entre outros, se tornam métodos propícios para que as crianças possam lidar com esses conflitos comuns naquela faixa etária.

Minha preocupação era propiciar condições para que as divergências fossem amenizadas, não de modo autoritário, com ordens. Pelo contrário, que fosse encontrada uma maneira prazerosa e envolvente. Para que isso acontecesse, encontrei na roda de leitura um campo propício, porque minha turma era fascinada pelos clássicos infantis.

No primeiro momento, procurei observar com mais atenção as rodas de leitura. Selecionei as histórias que mais encantamento e prazer proporcionavam às crianças; para, a partir daí, trabalhar de maneira lúdica a partilha, a interação e, assim, auxiliar as crianças no processo evolutivo da fase egocêntrica. Feitas as observações, as histórias *Galinha Ruiva* e *Chapeuzinho Vermelho* foram as leituras mais saboreadas e festejadas pelas crianças.

Feito esse trabalho inicial, as áreas planejadas para a atividade foram: artes com o desenho das histórias, a construção e a pintura do cenário e a dramatização. Também foram escolhidas para serem trabalhadas a linguagem oral e a escrita



com o contando e recontando as histórias e escrevendo as palavras significativas, fazendo a relação de palavras do texto com outras trabalhadas em sala, roda de conversa para socialização dos desenhos e leitura da receita de doce. Inicialmente, foram essas áreas escolhidas. No decorrer das atividades, porém, houve a oportunidade de trabalharmos as áreas de Matemática (classificação) e Natureza e Sociedade (animais e higiene). As atividades foram cuidadosamente planejadas para promover a interação do grupo, pensando na motivação central do trabalho, que era a apresentação e a dramatização das histórias como componente auxiliar de interação do grupo.

Realizamos as rodas de conver-

sas, onde as crianças recontaram as histórias. Nesse momento, era avaliada a verbalização, os gestos e as vozes que emprestavam aos personagens. Depois do reconto, foram realizados desenhos referentes às histórias e à socialização das produções. Essa socialização proporcionou momentos de discussão e interação importantes para o processo.

Outras particularidades, porém, iam sendo acrescentadas às histórias: a escrita dos títulos e a relação feita pelos alunos com outras palavras e outros textos já trabalhados em sala, escrita de palavras significativas — como doce e pão —, a pesquisa e a classificação dos animais existentes nas histórias.

Aproveitando a oportunidade proporcionada pela história *Chapeuzinho Vermelho*, foi trabalhado outro suporte de leitura, no caso o gênero textual da receita. Foi lida a receita de um doce e em seguida ele foi elaborado com as crianças. Para inserir a confecção do doce no trabalho, foi sugerida a doação des-



te para um amigo da creche. Nessa fase, também foi possível trabalhar outro tema, como a higiene na manipulação dos alimentos.

A dramatização, ponto alto do projeto, foi realizada com a história *Chapeuzinho Vermelho*. Para a confecção do cenário, foi solicitado papelão para a turma, por ser um material barato e de fácil aquisição. Esse pedido trouxe curiosidade e interesse dos pais pelas atividades, algo enriquecedor para o processo. A turma foi dividida de forma que todos os itens do cenário (casa de Chapeuzinho, casa da Vovó e as flores) fossem confeccionados e pintados pelas crianças. O espírito de equipe, a preocupação com o trabalho, a concentração na atividade foram fatos marcantes. Na apresentação, as falas foram ditas de maneira espontânea, sem cobranças de perfeição, até porque esse não era o propósito.

Dando continuidade ao projeto, a história *Galinha Ruiva* foi apresentada por meio de fantoches, levando em consideração o interesse da turma por esse recurso. Na confecção dos personagens foram utilizados rolinhos de papelão, que vêm dentro dos rolos de papel higiênico. A apresentação provocou risos e diálogos envolventes. Mais uma vez, tudo foi realizado sob a ótica do projeto, com cooperação e promovendo momentos de interação.

A avaliação do trabalho foi baseada no registro da observação realizada durante cada atividade e de como as crianças estavam respondendo às atividades planejadas. No decorrer do trabalho, foi possível perceber avanços importantes. Um exemplo disso foi uma criança propor que o brinquedo — que estava sendo desejado por ela e outro coleguinha ao mesmo tempo — fosse intercalado, cada um brincaria por um certo tempo. Para isso, houve cooperação e não empurrão. O entendimento entre as crianças nas atividades tornou-se uma prática corrente.

Os resultados foram gratificantes e estavam dentro do esperado inicialmente, no entanto, a mobilização dos pais poderia ter sido maior. A evolução obtém resultados quase imperceptíveis, mas é preciso “olhos” para enxergar as evoluções no processo educativo. Este tem, na avaliação, um campo permanente de reflexão e auxílio no di-

agnóstico das dificuldades e na superação dos problemas.

A ampliação do projeto foi proposta para as demais educadoras da instituição, como forma de repensarmos o período de adaptação, no qual o trabalho de integração do grupo começa a ficar forte. Dando

uma cara nova às atividades pensadas, a fim de socializarmos a turma e toda a instituição com bases sólidas.

Um detalhe no projeto a ser aperfeiçoado é a participação e a interação dos pais, e

conseqüentemente da comunidade no trabalho desenvolvido com as crianças. O engajamento pode ser considerado bom, mas é necessário superar as expectativas para a interação ser mais abrangente. E, por fim, a experiência relatada fornece subsídios para outros educadores encontrarem possíveis soluções para conflitos surgidos em sala, não apenas com atitudes paliativas, mas com elementos que alicercem o desenvolvimento infantil.

As atividades foram cuidadosamente planejadas para promover a interação do grupo, pensando na motivação central do trabalho, que era a apresentação e a dramatização das histórias como componente auxiliar de interação do grupo





Dados de identificação

Professora: Juju Andrade Rodrigues

Co-autora do projeto: Noêmia Fabíola Costa do Nascimento
Creche Municipal Maria Alice Gonçalves Guerra

Município/UF: Camaragibe / Pernambuco

Faixa etária atendida pelo projeto: 2 e 3 anos

Arte também se lê

Obras de Portinari ajudam a desenvolver o senso de observação nas crianças e a promover maior socialização entre elas

Em 2003, ano do centenário de nascimento de Cândido Portinari (1903-1962), a prefeitura da cidade de Camaragibe, em Pernambuco, promoveu uma exposição itinerante com algumas réplicas da obra do pintor. O evento foi uma oportunidade especial para as crianças da Creche Municipal Maria Alice Gonçalves Guerra terem contato com a linguagem das artes plásticas, utilizando como suporte as cópias de importantes telas do artista. Por ser portadora de uma curiosidade inesgotável, a criança está aberta à diversidade de experiências, descobertas e invenções. Basta ter acesso e vivenciar a leitura e a produção de arte.

A proposta curricular da Educação Infantil de Camaragibe ressalta que o desenho, a pintura e a gravura são modalidades das artes plásticas que estão diretamente re-

lacionadas com o fazer artístico da criança. E para a arte-educadora Ana Mae Barbosa, a educação escolar, no que se refere à arte, deve estar relacionada em três ações mentais e sensorialmente básicas, e não hierarquizadas, como componente do ensino: a apreciação, que se refere à leitura e à percepção da obra; a contextualização, que trata do conhecimento e da estimulação do pensamento sobre a arte nos seus diversos contextos; e o fazer artístico, que trata da criação e da produção em arte.

A proposta deste projeto visa despertar nas crianças o gosto pela arte e pela cultura, possibilitando uma identificação com Portinari menino e, paralelamente, resgatar as brincadeiras populares contextualizando com situações de casa vivenciadas na creche, visando o desenvolvimento do senso de observação e a recriação, por meio dos

desenhos da criança, do tema estrutural da obra.

Foi realizado levantamento bibliográfico em revistas, livros, *sites* e na Formação Continuada dos Educadores da Rede Municipal de Camaragibe. Tivemos contato com as réplicas das telas da exposição. Para o trabalho com as crianças, selecionamos aquelas com o tema estrutural da obra de Portinari que retratavam a infância dele em Brodósqui, no interior do Estado de São Paulo.

As atividades foram planejadas levando-se em consideração a proposta triangular sistematizada no Brasil por Ana Mae Barbosa, entre as décadas de 80 e 90. Inicialmente, apresentamos a foto de Cândido Portinari e lemos o texto biográfico de *Cândido Portinari*, de Nadine Trzmielina e Angelo Bonito autores da série Crianças Famosas, que relata a infância do menino Candinho e sua vocação para as artes.

Apresentamos, na roda de apreciação, todos os quadros da exposição itinerante. As crianças ficaram

atentas e entusiasmadas com as telas. Ao perguntarmos quais foram às preferidas, para nossa surpresa, os quadros escolhidos foram: *Menina Sentada* (1943), *Menina de Trança* (1955) e *Ronda Infantil* (1932).

A obra *Menina Sentada* ficou conhecida na turma como o quadro de

Dayane. Essa tela possibilitou a exploração da linguagem oral e a interpretação dos aspectos formais: percepção, identificação, análise de elementos visuais - linha, forma, cor, luz.... Com a obra *Menina de Trança* foram explorados os aspectos

Trabalhar com as obras de Portinari possibilitou ainda interação com outras áreas de conhecimento, pois estimulou o desenvolvimento da expressão plástica da criança, a leitura pictórica, a linguagem oral, a vivência musical (ouvir e cantar cantigas de roda) e a relação interpessoal (interpretações e opiniões individuais)

simbólicos: interpretação dos significados (emocionais, estéticos), contextualizadas em vivências como: salão de beleza e eleição para a menina mais parecida com a do quadro. Já na tela *Ronda Infantil*, que apresenta a clássica brincadeira de roda, foi explorada a leitura espontânea e a sensibilidade das crianças; também foi trabalhada a percepção dos elementos visuais.

Chamamos a atenção das crianças para detalhes específicos, como menino e menina brincando juntos,

fato que não acontecia na sala de aula; e a exclusão de uma criança, como ela se sente fora da brincadeira. Aproveitamos para falar sobre as brincadeiras costumeiras nas suas ruas, com seus colegas de bairro, bem como a exclusão de crianças naquelas brincadeiras.

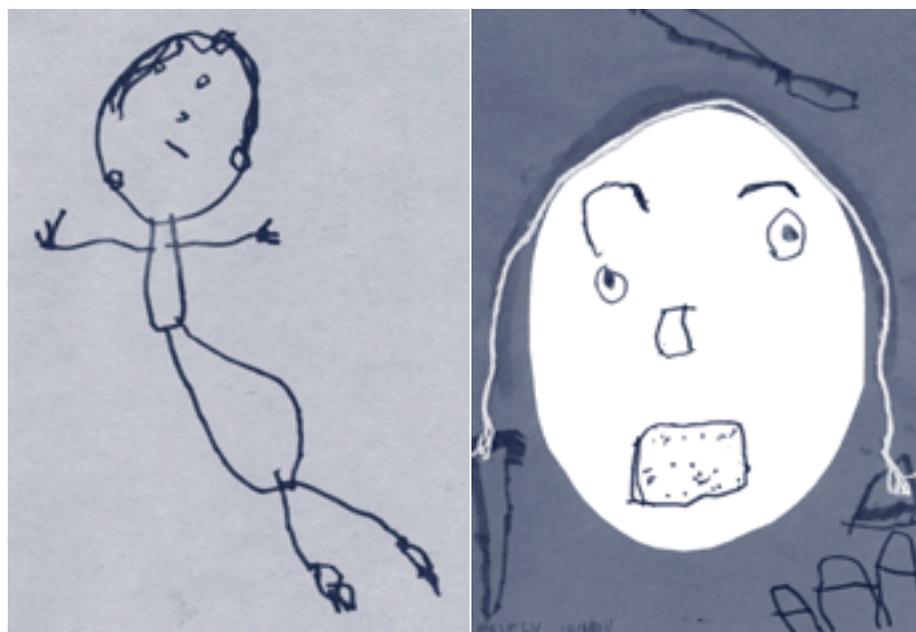
Trabalhar com as obras de Portinari possibilitou ainda interação com outras áreas de conhecimento, pois estimulou o desenvolvimento da expressão plástica da criança, a leitura pictórica, a linguagem oral, a vivência musical (ouvir e cantar cantigas de roda) e a relação interpessoal (interpretações e opiniões individuais). O resultado

obtido com a vivência do projeto superou nossas expectativas. Além de ter desenvolvido o senso de observação nas crianças, proporcionou maior socialização entre elas.

O resultado obtido com a vivência do projeto superou nossas expectativas. Além de ter desenvolvido o senso de observação nas crianças, proporcionou maior socialização entre elas

Os desenhos das crianças revelaram o nível de maturidade emocional, perceptivo e intelectual por elas alcançado. Vários fatores

podem ter influenciado no grau de habilidade e competência das crianças, entre elas a idade cronológica, sua vivência (familiar e escolar) e sua auto-estima. Os desenhos - releitura da tela *Menina Sentada* - mostram formas bastante ricas, a divisão do corpo humano é



visível, impressiona, os dedos nas pontas das mãos são definidos, as pernas com os pés nas suas extremidades. O desenho do rosto da figura da *Menina de Tranças* foi realizado observando o quadro, percebemos detalhes ricos da face humana, quando um adulto está orientando: olhos, boca, nariz, cabelo, orelhas, sobrancelhas.

Por essa experiência pôde ser observada que alguns alunos possuem um vocabulário razoável, e se manifestam com desenvoltura quanto a sua autonomia, perspicácia, linguagem e liderança. As crianças com 2 anos de idade, mesmo não

estando no nível das demais, desenvolveram-se tanto na questão da fala como na interação com as outras.

O projeto ampliou as possibilidades de se trabalhar arte com crianças pequenas de forma lúdica e prazerosa, valorizou os conhecimentos prévios da comunidade. No entanto, faltou promover encontros com artistas locais. Não só pintores, mas também escultores, atores... Realizar visitas a museus e galerias. Essa experiência pode ser aplicada em qualquer faixa etária, porém é necessário escolher cuidadosamente as obras tendo clareza do foco a ser abordado.





Dados de identificação

Professora: Leliane Aparecida Arruda Cachuba

Co-autores do projeto: Dulce Couto, Elizabeth Fagundes e Rosana Melo
Centro Municipal de Educação Infantil Bonsucesso

Município/UF: Guarapuava / Paraná

Faixa etária atendida pelo projeto: 4 a 5 anos

Resgate de brinquedos e brincadeiras de nossos pais

Projeto leva pais de volta à escola e promove, por meio do intercâmbio de brincadeiras de diferentes gerações, interação entre a família e a comunidade escolar

A educação está sempre buscando aperfeiçoar sua prática pedagógica com novos métodos e novas teorias para a melhoria dos resultados do ensino/aprendizagem. Nessa perspectiva, busca-se envolver todos os elementos integrantes, dentro e fora da escola. Tendo em vista a carência do resgate cultural como aprendizado para as crianças, a pouca participação dos pais no processo de aprendizagem escolar, a falta de conhecimento das crianças de diversos brinquedos e brincadeiras. Todos esses fatores foram levados em conta na idealização e realização do presente projeto.

Dentre tantas metodologias a serem utilizadas nos diversos temas, trabalhar com projetos é o que mais abrange a questão das rela-

ções humanas e se aproxima da situação de resolver problemas da vida real. Segundo Rossini, autor do livro *Aprender Tem que Ser Gostoso*, o aprender deve ocorrer em ambiente natural, integrando capacidade com modos de pensar, sentir e agir.

O *Resgate de Brinquedos e Brincadeiras de Nossos Pais* foi desenvolvido na turma de Jardim II B, do Centro Municipal de Educação Infantil Bonsucesso, em Guarapuava, no Estado do Paraná. Participaram do projeto 24 crianças, com idade entre 4 e 5 anos, filhos de famílias moradoras de bairros da periferia de nossa cidade, de classe média-baixa e baixa, onde a maioria dos pais é assalariada, trabalhando na construção civil, em serviços domésticos e operários em geral.

O resgate do brincar na Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança. Piaget afirmou certa vez que, quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui. Se o resgate do brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança é importante também usar do conhecimento empírico (adquirido pela experiência) dos pais. Como afirma Rossini, na Antiguidade, o conhecimento era transmitido de forma bastante natural e informal: “As pessoas reuniam-se em várias

situações, conversavam, discutiam, trocavam idéias. Sem perceber, umas ensinavam às outras aquilo que sabiam de forma prática e significativa, experimentando, investigando, procurando outra resposta.”

Deste modo, essa importante contribuição para o conhecimento deve ser trazida e aproveitada da melhor maneira possível dentro da escola. Para que isso se concretize, num primeiro momento é preciso lembrar a importância de conhecer a vida da criança e o meio em que ela vive. Para isso, o ideal é conversar com as crianças, descobrir suas brincadeiras e seus brinquedos preferidos. As brincadeiras nos permitem entendê-las melhor, fator essencial na realização de nosso



trabalho, uma vez que ele também consiste em maior aproximação entre a criança, a família e a escola. É oportuno ressaltar que, segundo Michael Dertouzos, engenheiro grego, professor de Ciência da Computação, as crianças e o lado infantil que há dentro de nós preferem aprender pela excitação da descoberta e da participação.

Para o desenvolvimento desse trabalho, estabelecemos alguns objetivos a serem alcançados, tais como resgatar brinquedos e brincadeiras da infância dos pais; dar oportunidade para pais, filhos e professores brincarem juntos; proporcionar diferentes opções de brinquedos e brincadeiras; fazer comparações entre o que era usado em uma geração e em outra; aumentar a integração entre família/escola; reforçar a importância da participação dos pais na tarefa de casa e diversificar o acervo de brinquedos da creche.

Inicialmente, dividimos o trabalho em seis etapas. A primeira foi a roda de conversa, na qual comentei sobre o trabalho que iríamos fazer.

Em seguida, conversamos sobre as brincadeiras e os brinquedos que elas mais gostavam. Cada uma desenhou seu brinquedo ou brincadeira preferida. No segundo encontro, fizemos outra roda de conversa, tendo como tema Quais seriam os brinquedos e as brincadeiras que os pais

de cada criança
brincavam quando eram menores? Alguns diziam que não sabiam, outros arriscavam uma resposta qualquer. Então entreguei um questionário que seria respondido pelos pais e expliquei do que se tratava. A entrevista foi registrada em forma

O resgate do brincar na Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança. Piaget afirmou certa vez que quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui

de questionário para aumentar o interesse pela leitura e pela escrita.

As respostas dessa entrevista fizeram parte da terceira etapa do nosso trabalho. Elas foram analisadas em uma roda de conversa e, com os dados dos questionários e dos desenhos das crianças, fizemos um painel comparativo. No dia seguinte, utilizando as mesmas respostas, montamos um gráfico colando bolinhas de papel nas brincadeiras e nos brin-

quedos preferidos dos pais, utilizando algumas noções matemáticas.

A quarta etapa foi a montagem de brinquedos como tarefa de casa e a socialização dos brinquedos. Enviamos um bilhete aos pais, pedindo que montassem um brinquedo com seu filho, ensinasse a brincar e mandasse o brinquedo no dia seguinte para o CMEI, onde faríamos um momento de socialização dos brinquedos. O objetivo dessa atividade era fazer com que as crianças mostrassem e compartilhassem os brinquedos montados por seus pais. Após todos apresentarem seus brinquedos, houve o momento da socialização. No dia seguinte, usamos um “blocão” para escrever um texto relatando as experiências das crianças fazendo os brinquedos com seus pais.

Para finalizar o trabalho, realizamos uma tarde recreativa, convidamos os pais para virem ao CMEI para montar novos brinquedos e ensinar algumas brincadeiras. Foi um encontro muito proveitoso e, principalmente, divertido. No encerramento da atividade, as crianças ilustraram, com pintura em papel e tinta guache, o que mais gostaram da tarde recre-

ativa ou de uma das outras atividades realizadas no decorrer do projeto. Buscou-se nele desenvolver nas crianças a linguagem oral e escrita, o raciocínio lógico e matemático, o fazer artístico e a criatividade, o resgate do histórico familiar e a promoção da interdisciplinaridade. As tarefas foram rea-

Buscou-se nele desenvolver nas crianças a linguagem oral e a escrita, o raciocínio lógico e matemático, o fazer artístico e a criatividade, o resgate do histórico familiar e a promoção da interdisciplinaridade

lizadas semanalmente, intercalando-as com as demais atividades do CMEI.

Ao final de cada dia de trabalho foi feita uma observação individual e

coletiva da participação de pais e crianças nas atividades, do interesse e curiosidade de todos os elementos envolvidos, dos dados registrados pelos pais e das produções das crianças. Após a análise dos resultados, da participação dos pais dos alunos no desenvolvimento das crianças, pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados. Além disso, passamos a conhecer melhor os pais, envolvendo-os nas atividades escolares e reforçando sua importância no desenvolvimento de seus filhos. Em relação à leitura, a escrita, números, quantidades, história da família, criatividade etc., foi estimulante o progresso das crianças.

Os resultados obtidos foram os melhores possíveis, já que houve participação, interesse, entusiasmo e alegria por parte de todos os envolvidos..

Quando se planeja um projeto, segue-se linhas e teorias que podem dar certo ou não. Na nossa proposta buscamos soluções de “problemas” e para isso foi preciso envolver todos com uma nova metodologia, mas não foi nenhum bicho de sete cabeças. Utilizamos o que tínhamos a nosso alcance, tal-

vez por isso deu tão certo. O projeto pode ser aplicado em qualquer lugar, por qualquer professor, pois se enquadra na realidade e na cultura de cada um. Pretendemos estendê-lo aos demais Centros Municipais de Educação Infantil.

Considero relevante destacar ainda a importância que este prêmio tem em relação ao intercâmbio das práticas educacionais do país, pois a educação não deve ficar restrita a quatro paredes de uma sala de aula.





Dados de identificação

Professora: Luciana Muniz

Co-autora: Flavia Rodrigues de Lima

Escola Estadual de Ensino Fundamental República, Rede FAETEC

Município/UF: Rio de Janeiro/Rio de Janeiro

Faixa etária atendida pelo projeto: 5 anos

Jogoteca : o prazer em conhecer

Crianças experimentam diversas formas de lidar com o conhecimento por meio da invenção de jogos e tornam-se autores da sua própria aprendizagem

A *Jogoteca* surgiu pela necessidade de que tínhamos de esclarecer as dúvidas dos pais que não entendiam que o processo de aprendizagem pudesse ser feito, de modo geral, por meio de jogos e brincadeiras. A maioria entendia a Educação Infantil como um momento da vida escolar de seu filho sem grande importância e que a aprendizagem só ocorreria mesmo quando a criança chegasse à Classe de Alfabetização¹. Nosso projeto procurou, concretamente, abrir o diálogo com as famílias e romper com a idéia de que brincadeira é somente passatempo e não aprendizagem. Emprestando os jogos para as crianças levarem para casa, queríamos que ela

interagisse com a família o que é trabalhado na escola e assim os pais fossem levados a refletir sobre os conceitos, habilidades e atitudes desenvolvidas em cada jogo.

Ao mesmo tempo, essa situação se refletia na maneira com que nossas crianças lidavam com sua aprendizagem. Algumas demonstravam insegurança diante das atividades, com medo de dar respostas erradas. Com o jogo, acreditamos que elas poderiam superar essa situação por estarem numa atividade lúdica e natural e, assim, teriam a oportunidade de demonstrar seus conhecimentos de forma espontânea e contextualizada.

Tendo como fundamento a teo-

¹ As Classes de Alfabetização se destinam às crianças antes de ingressarem no ensino fundamental. É importante destacar que o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001) estabelece a extinção das classes de alfabetização: (II A 1 1.3 - Meta 15).

ria da construção do conhecimento, acreditávamos que confeccionando e selecionando os temas, estabelecendo as regras e a maneira de jogar, a criança seria estimulada à atividade e à iniciativa. Ela passaria a ser autora do seu conhecimento, compreendendo que deve e pode intervir no meio e não apenas se comportar como receptora. Nesse sentido, o desafio à capacidade cognitiva seria também uma forma de prazer.

Em nossa prática, buscamos sempre novas metodologias, maneiras de movimentar o cotidiano de nossas turmas, assumindo as teorias com o imprescindível embasamento e justificativa para as nossas ações educativas. Acreditamos numa educação infantil dinâmica e interativa, na qual as crianças sejam, verdadeiramente, responsáveis por sua aprendizagem. A realização do *Projeto Jogoteca* representa parte do nosso caminho para a aproximação da teoria à prática, por meio da experimentação e de registros constantes, acrescidos de análise permanente da nossa prática, sem a qual não é possível mudar.

Nessa proposta, as crianças puderam experimentar diversas formas de lidar com o conhecimento.

A autonomia delas foi crescendo e chegaram a ponto de inventar outras possibilidades de jogos.

Tornaram-se, então, pequenos inventores e autores da sua aprendizagem

O projeto foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental República, situada na zona norte do município do Rio de Janeiro, em uma turma de 12 crianças, de 5 anos. A *Jogoteca* é uma proposta de construção coletiva de jogos já conhecidos

pelo grupo, aproximando o cotidiano social ao ambiente escolar e tornando a aprendizagem significativa para a criança. O objetivo principal de utilizar os jogos foi a possibilidade de trabalhar diferentes conteúdos

numa mesma atividade.

Nessa proposta, as crianças puderam experimentar diversas formas de lidar com o conhecimento. A autonomia delas foi crescendo e chegaram a ponto de inventar outras possibilidades de jogos. Tornaram-se, então, pequenos inventores e autores da sua aprendizagem.

De acordo com os princípios do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, os jogos propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis de forma interdisciplinar. Acreditamos na idéia de que o conhecimento se encontra integrado às diferentes situações que vivenciamos e



que, dificilmente, um único conteúdo pode ser destacado nas atividades da Educação Infantil.

Em todas as etapas de construção dos jogos, pudemos contemplar e articular os diversos conteúdos propostos pelo RCNEI: conceituais, de procedimentos e de atitudes. Demos prioridade ao desenvolvimento dos âmbitos de experiência propostos: formação pessoal e social (autonomia e identidade) e conhecimento de mundo (movimento, artes visuais, linguagens oral e escrita, natureza e sociedade, e matemática). Os conteúdos de atitude e de procedimentos estiveram presentes em todos os jogos nos momentos de seleção, construção, elaboração de regras e no ato de jogar: cooperação, respeito, autonomia, solução de problemas, valores éticos e decisão coletiva.

Todos os jogos eram construídos e suas regras estabelecidas coletivamente, estimulando dessa forma o desenvolvimento de múltiplas competências: análise, decisão, planeja-

mento, exposição de idéias, participação ativa e respeito ao outro. Jogávamos em um grupo maior ou em pequenos grupos e, sempre que necessário, recorriamos às regras que tinham sido estabelecidas.

A construção do jogo partia sempre de fontes diversas que estivessem sendo trabalhadas no momento, como, por exemplo, livros de histórias, encartes de supermercado, pesquisas em jornal, sucata, uma música, ou ainda de atividades espontâneas, como brincadeiras e desenho. Dessa forma, ao trabalharmos o portador de texto “encarte de supermercado” surgiu a idéia da construção de um *jogo da memória*.

A partir dessa idéia, fizemos outro jogo de associação por semelhança, o *mico-preto*. Na semana do meio ambiente, aproveitamos o reconto de uma história sobre o que devemos fazer para salvar o planeta e construímos o *jogo de trilha*: “A corrida para salvar o mundo.” Este jogo, por exemplo, demanda em sua

elaboração a articulação de conteúdos, como escrita, leitura dos números, seqüência numérica, valores relativos ao comportamento ambiental, expressão oral e expressão artística.

A todo o momento, fazíamos a avaliação do projeto, por meio da observação e do registro das atividades. Com a opinião das crianças, construímos uma tabela de avaliação do grupo, trabalhando a leitura e a interpretação de dados matemáticos e seus usos sociais. Posteriormente, fizemos um gráfico com os dados coletados.

A cada final de semana, os alunos levavam um jogo para casa, acompanhado de uma ficha de avaliação para os pais e, assim, a aprendizagem das crianças era partilhada com a família de forma prática. Durante o projeto, realizamos um encontro de integração com as famílias na escola, para conversar sobre o trabalho e explicar passo a passo a proposta de construção de jogos. Discutimos os tipos de conteúdos envolvidos e de que forma o trabalho está fundamentado na proposta curricular do RCNEI. Para a confecção dos jogos, utilizamos materiais disponíveis na escola ou os de baixo custo. Ao todo, foram construídos oito jogos: *memória, quebra-cabeça, mico-preto, trilha, bingo, baralho, mímica e dominó*.

O maior aprendizado da turma foi em relação à autonomia sobre a própria aprendizagem. Em cada momento do projeto, as crianças tornaram-se capazes de tomar decisões, resolver conflitos e problemas, definir regras e dar sugestões para o encaminhamento das atividades. O que de início partia das professoras, passou a ser definido pelas crianças. Ao mesmo tempo, aumentaram o potencial delas de intervir na própria aprendizagem e na do outro, alternando entre os papéis de “ensinantes” e “aprendentes”. Na troca, puderam experimentar novas formas de aprender.

A cooperação e o respeito foram valores fortemente interiorizados pelo grupo. Nos jogos, as crianças sempre tinham a preocupação de ajudar o outro a alcançar os objetivos, incentivando-se mutuamente a não desistir nem desanimar diante dos obstáculos e, assim, trabalhando sentimentos de ganhos e perdas. O respeito às regras e à vez do colega eram sempre lembrados. Como tinham de tomar decisões e resolver conflitos constantemente, a idéia de estar construindo algo para si e para todos era ressaltada para encontrar uma solução em comum.

Nós, professoras, pudemos experimentar na prática o quanto o conhecimento prévio das crianças pode tornar a aprendizagem signi-

ficativa. Envolvendo a turma em cada etapa, vimos como é possível modificar e contextualizar o ato de aprender, observando como o comportamento das crianças pode variar de acordo com o estímulo que lhe oferecemos. Percebemos que, durante os jogos, as aprendizagens ocorrem de maneira natural, pois fazem parte do contexto da criança, o erro torna-se um desafio e um incentivo ao conhecimento, contrariando outras situações em que ele age como propulsor do fracasso e do medo de aprender.

Com a *Jogoteca*, mudamos o comportamento das crianças que se apresentavam inseguras diante da aprendizagem, afinal, demonstrar conhecimento fazia parte do jogo. O registro das atividades despertou em nós um olhar mais criterioso sobre o desenvolvimento de cada criança e sobre

nosso fazer pedagógico. À medida que percebemos os resultados positivos, tivemos maior segurança e autonomia para fazer novas experiências. Foi também extremamente

prazerosa a relação com as crianças durante os jogos nos quais pudemos nos colocar no papel de “aprendentes”, trocando experiências e descobrindo novas possibilidades de trabalho.

Por fim, nossa grande satisfação foi conseguir estabelecer um estimulante canal de troca com as famílias, que passaram a ser parceiras de nosso trabalho. Menos ansiosas, puderam experimentar conosco o desenvolvimento de suas crianças. De acordo com o depoimento dos pais, aquele momento de jogo estava sendo precioso para cada família, que, ao participar do projeto, aprendeu a dedicar mais tempo para as aprendizagens de seus filhos.

A cooperação e o respeito foram valores fortemente interiorizados pelo grupo. Nos jogos, as crianças sempre tinham a preocupação de ajudar o outro a alcançar os objetivos, incentivando-se mutuamente a não desistirem desanimar diante dos obstáculos e, assim, trabalhando sentimentos de ganhos e perdas





Dados de identificação

Professora: Maria Elisabete Fernandes

Unidade de Apoio à Criança Boa Vista

Município/UF: Mossoró/Rio Grande do Norte

Faixa etária atendida pelo projeto: 5 e 6 anos.

Chuá, Chuá... a chuva vamos estudar!

A partir da realidade das crianças, inúmeras oportunidades de construção e ampliação de conhecimentos sobre o mundo social e o natural podem ser exploradas



Ao longo do meu trabalho, percebi que precisaria dar maior atenção à parte disciplinar da minha turma na escola onde trabalho. Algumas crianças mostravam um comportamento disperso. Assim, a falta de interesse, a dificuldade de integração, cooperação e participa-

ção eram constantes. Diante dessa situação, sentia-me muito cansada, angustiada e distante da turma. Muitas crianças convivem com os pais separados, outras vivem em lares desajustados nos quais freqüentemente presenciam brigas e outras formas de violên-

cia. O resultado disso tudo repercute de forma negativa na escola, pois algumas crianças, por serem muito agressivas, geralmente, sentem dificuldade em se relacionar com as demais.

O *Projeto Chuá, Chuá... A Chuva Vamos Estudar!* implementado na Unidade de Apoio à Criança Boa Vista, situada na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte funciona em uma casa que tem 5 salas de aula para atender crianças de 2 a 6 anos de idade.

Possui uma sala especial para crianças entre 2 e 3 anos de idade. Colocando em prática uma linha pedagógica construtivista, nossas crianças, na sua maioria, de famílias de baixa renda, cujos pais são assalariados ou autônomos e também alguns desempregados. A maior parte dos pais ou responsáveis possui um certo grau de escolaridade, no entanto, existem alguns analfabetos.

O tema para o projeto surgiu a partir da realidade vivida pelas crianças. Ao observarem as grandes chuvas que ocorreram na cidade e as conseqüências dessas, que deixaram muitas famílias desabrigadas, as crianças chegavam à escola fa-

zendo muitos questionamentos e levantando várias hipóteses acerca desse fenômeno. Daí, então, resolvi aproveitar tal situação e desenvolver o referido projeto, na tentativa de fomentar uma aprendizagem mais significativa, uma vez que partiu do interesse e da curiosidade das

Apesar de o tema estar diretamente ligado à Natureza e à Sociedade, trabalhamos também outras áreas do conhecimento de forma integrada, buscando uma aprendizagem mais ampla e significativa para as crianças

próprias crianças. Estas, por sua vez, utilizaram a expressão “chuá, chuá” para imitar o barulho da chuva. Com a idéia do projeto, percebi a possibilidade de oferecer

inúmeras oportunidades de construção e ampliação de conhecimentos sobre o mundo social e o natural.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, o mundo onde as crianças vivem se constitui de um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis, diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Além disso, a compreensão dos fenômenos naturais é um importante aprendizado para elas, pois atividades dessa natureza, além de tratarem de um tema que desperta bastante interesse nelas, permitem que se trabalhe de forma privilegiada a relação que o homem



estabelece com a natureza. Com base nesse pressuposto, optei por desenvolver o projeto tendo como fonte principal a teoria de Jean Piaget, propondo atividades desafiadoras, capazes de provocarem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas, promovendo a descoberta e a construção de conhecimento a respeito da chuva e a relação desta com os seres vivos.

De acordo com Schliemann, no livro *Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino-Aprendizagem*, o desenvolvimento da criança se dá no contato e na interação com outras crianças, daí a necessidade da promoção de atividades grupais. Durante a realização de todo o projeto, promovemos a integração das diferentes áreas do conhecimento, possibilitando à criança um desenvolvimento amplo e dinâmico.

E assim, de acordo com as orien-

tações contidas no Referencial, achei coerente trabalhar com o repertório musical de Luiz Gonzaga, uma vez que retrata muito bem a importância da chuva para os seres vivos e que possui uma linguagem acessível à turma, servindo assim como forte subsídio no processo ensino/aprendizagem.

O objetivo principal do projeto era fazer com que as crianças percebessem o papel da chuva para os seres vivos, estabelecendo algumas relações e destacando a necessidade da valorização e da economia da água. Assim, iniciei com uma roda de conversa para detectar os conhecimentos prévios das crianças. Feito esse levantamento, dividi o projeto em algumas etapas. Com a ajuda dos pais, foram realizadas muitas pesquisas em livros, jornais, revistas e pela Internet. Selecionei alguns materiais e montamos um

mural na sala. Alguns textos subsidiaram nossas rodas de conversa no decorrer do trabalho, por meio de leituras compartilhadas. Naquele momento, as crianças tiveram oportunidade de expor suas idéias, relatar fatos vivenciados e observados e de apreciar a leitura feita pelo professor. Diariamente, elas faziam a observação do tempo e registrava-o com desenhos.

Retomando as hipóteses levantadas pela turma sobre a origem da chuva, contei a história *Gota de Água*. Em seguida, realizei uma experiência para melhor compreensão do assunto. Trabalhei também o poema *Água*, de Paulo Tatit e Arnaldo Antunes, e aproveitei o momento para falar da importância da água na vida dos seres vivos. Estudamos também outros fenômenos que acompanham a chuva, como o relâmpago, o trovão e o arco-íris, utilizando histórias, experiências, músicas e danças.

Para trabalhar a relação entre o homem e a natureza utilizei o repertório musical de Luiz Gonzaga e o poema de Cristina Aragão, *Um Diadema de Cores*. Apesar de ser um trabalho difícil, conseguimos bons resultados, depois de refletirmos sobre as músicas *Baião da Garoa* e *Asa Branca*. Trabalhei também com alguns mitos, lendas e histórias bíblicas. A turma visitou a zona ru-

ral. Lá as crianças observaram diretamente a importância da chuva para os seres vivos e a necessidade de usar adequadamente a água. Em outra oportunidade, observamos uma rua depois de uma pancada de chuva, refletindo sobre a interferência desta na vida das pessoas.

No fazer artístico, as crianças fizeram uso de materiais diversos para desenhar, pintar, recortar e colar. Pintaram alguns quadros para compor nossa pinacoteca e confeccionamos uma maquete. Redigimos um texto coletivo em forma de poema e confeccionamos alguns livros, nos quais as crianças tiveram a oportunidade de expor seus novos conhecimentos. Depois realizamos uma exposição na escola para os pais. Apesar de o tema estar diretamente vinculado à natureza e à sociedade, trabalhamos também outras áreas do conhecimento de forma integrada, buscando uma aprendizagem mais ampla e significativa para as crianças.

A avaliação foi feita de forma sistemática e contínua, ao longo do desenvolvimento do projeto, por intermédio das atividades contextualizadas, para observar a evolução das crianças. Para tanto, aproveitamos as suas diversas formas de expressão, como a fala, a escrita, o desenho, a pintura, as confecções de maquete e livros. Tudo isso permi-

tiu avaliar nosso trabalho e a conclusão foi positiva. Com essas atividades, as crianças puderam expressar a amplitude de suas experiências e adquiriram novos conhecimentos sobre o seu meio social e o natural. Vale ressaltar ainda que todo esse resultado também é fruto da estreita relação entre as diversas áreas do conhecimento. Assim, podemos dizer que nossos objetivos foram alcançados. A indisciplina e a falta de interesse deram lugar à participação e ao envolvimento coletivo.

Na verdade, esta foi uma experiência de grande repercussão na cidade, principalmente pela abrangência do tema e a realização de atividades lúdicas, que por sua vez, privilegiaram o grande potencial das crianças. Assim, estamos

pensando em realizá-la também com as demais turmas que não foram contempladas. Se possível, faremos mais passeios, observações e experiências com as crianças, por-

que isso torna a aprendizagem mais prazerosa e significativa. É uma experiência que pode e deve ser desenvolvida por todos os professores que buscam um trabalho de caráter científico, que envolve o meio natural e o social, e que ao mesmo tempo traz inúmeras respostas às cu-

riosidades das crianças, uma vez que estas se mostram sempre investigativas sobre o seu mundo e também porque a chuva é um fenômeno natural vivido e presenciado por elas. Daí a razão pela qual provoca tanto interesse e estimula a participação de todos.

*Ao observarem as grandes chuvas que ocorreram na cidade e as conseqüências dessas, que deixaram muitas famílias desabrigadas, as crianças chegavam à escola fazendo muitos questionamentos e levantando várias hipóteses acerca desse fenômeno...
Com a idéia do projeto, percebi a possibilidade de oferecer inúmeras oportunidades de construção e ampliação de conhecimentos sobre o mundo social e o natural*





Dados de identificação

Professora: Ana Delane Coelho Zandonadi

Escola Municipal de Educação Infantil Balão Mágico

Município / UF: Rolim de Moura / Rondônia

Faixa etária atendida pelo projeto: 5 anos

Reciclando com arte para preservar a natureza

Crianças aprendem a cuidar do meio ambiente, brincando

A Escola Municipal de Ensino Infantil Balão Mágico situada no centro da cidade de Rolim de Moura, em Rondônia atende, aproximadamente, 600 crianças; possui 12 salas de aula, uma brinquedoteca, uma videoteca, uma quadra de areia, um parquinho e, graças ao acervo de livros que ganhamos com a premiação do *Projeto Reciclando com Arte para Preservar a Natureza*, podemos dizer que temos um biblioteca sortida.

Como o parquinho de nossa escola entrou em reforma, confeccionamos nossos brinquedos e decidimos trabalhar com materiais recicláveis. Resolvemos concentrar nossas ações em torno do projeto que compreende a arte e a preservação do nosso meio ambiente. Para nos embasar e nos estruturar nas ações pedagógicas nós, professores da Balão Mágico, costumamos fazer

estudo dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Em uma dessas leituras, descobri a seguinte frase: “Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança.” Esta frase me fez refletir sobre a necessidade de adequar minha prática para desenvolver a criatividade e a aprendizagem das crianças por meio do lúdico.

Além dos estudos dos Referenciais, utilizamos também o Programa de Formação de Professores Alfabetizados (Profa), no qual a coordenadora Telma Weisz explica que para haver aprendizagem efetiva precisa também haver questionamentos e objetivos significativos para a criança. A minha prática melhorou também depois que li o livro *A Paixão de Conhecer o Mundo*, de Madalena Freire, obra que trata so-



bre o relacionamento entre crianças e professores e como se dá o conhecimento advindo de tal relação.

A partir daí, passei a observar mais as crianças e os assuntos que surgiam nas rodas de conversa. Foi assim que um dia, uma das crianças contou que tinha visto na televisão um filhote de onça morto. Segundo ela, um homem mau havia colocado fogo na floresta, queimando o animalzinho. Outras crianças também haviam assistido. Iniciamos, então, um debate sobre as consequências causadas pelas queimadas, autorizadas ou não pelo Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Naquele momento, percebi que as

crianças tinham aprendido muito mais que conceitos de preservação, elas, além de observar, também passaram a expor suas idéias de maneira crítica.

Durante o projeto, as crianças tímidas tornaram-se falantes e participativas. Todo dia tínhamos novidades na rodinha, cada um queria saber mais que o outro e essa disputa foi bastante válida, pois elas perderam a timidez e aprenderam com as experiências umas das outras. Por exemplo, um dia uma criança disse que queria contar uma novidade. Começou meio sem graça, dizendo que havia pedido a seu pai que não derrubasse as árvores que ficavam perto de sua casa, no

fundo do quintal. O pai, porém, não atendeu ao pedido do filho. A criança descobriu então que, em consequência disso, perderam a sombra, que deixava a casa mais fresquinha, e um desagradável calor se instalara dentro da casa.

Quanto aos resultados obtidos, foram os melhores possíveis. Eu esperava que elas aprendessem a fazer os brinquedos propostos e que compartilhassem com as outras crianças.

No entanto, graças à curiosidade e ao interesse de todas, fomos muito além do que estava previsto. Como já relatei, a preservação do meio em que vivemos é trabalhado durante todo o ano. Fiquei satisfeita com os desdobramentos do projeto e desejaria que a comunidade escolar e as famílias participassem de nossas buscas, trabalhando mais sobre o tema da reciclagem, e proporia a



Como o parquinho de nossa escola entrou em reforma, confeccionamos nossos brinquedos e decidimos trabalhar com materiais recicláveis. Resolvemos concentrar nossas ações em torno do projeto que compreende a arte e a preservação do nosso meio ambiente

confeção de cartões feitos com papel reciclado para serem usados em datas comemorativas, por exemplo, o Dia das Mães, Dia dos Pais, Páscoa etc. Para avaliar minha prática, o desenvolvimento das crianças e sua aprendizagem, utilizei questionamentos, observações e reflexões.

Durante esse processo de construção e descobertas, surgiu a pergunta de uma criança sobre o formato e a estrutura das ocas nas aldeias indígenas.

Com essa curiosidade, ela mostrou que estava sendo crítica e participativa.

Durante uma roda de conversa, perguntei por que não se deve derrubar as árvores da floresta. A maioria das crianças respondeu que os animais e os peixes morreriam. Fiquei muito feliz, mas precisava confirmar se eles haviam compreendido bem as consequências do desmatamento. Por isso, insisti no tema e quis saber por que morreriam. Então, elas me responderam que as árvores caíam em cima deles e os esmagaria. Pensei muito para achar uma solução, um meio de mostrar que animais e peixes mor-

reriam, sim, mas não da forma que eles estavam imaginando.

Quase no final da aula, me veio a idéia de representar um rio com mata ciliar e outro sem. Fizemos novamente a rodinha para que eu socializasse minha idéia, então fomos fazer o experimento na quadra de areia. Lá fizemos dois buracos, representando os rios. Em um deles construímos uma parede de papelão para fazer a função das raízes, colocamos alguns raminhos para representar as árvores e dar mais veracidade ao experimento. Pegamos duas vasilhas com a mesma quantidade de água e ainda colocamos uma pedrinha em cada buraco para representar os peixes. Ao meu sinal, a água foi colocada nos buracos e ficamos observando. As crianças verificaram que a água do “rio” sem raízes, sem árvores, secou mais rápido.

Graças a essa experiência, as crianças entenderam que os peixes morreriam, se derrubassem as árvores, porque as águas dos rios secariam. A partir dessa demonstração, explicar que os animais morreriam por falta de água e alimento foi fácil. Depois de questioná-las sobre a alimentação de alguns animais, eles entenderam que rios e florestas se fazem necessários para a vida de todos. Compreenderam também que nós precisamos tanto das florestas

quanto dos rios para suprir nossas necessidades.

Em um passeio ao seringal, as crianças conheceram o látex e ficaram sabendo quais as suas utilidades. Eles acharam interessantíssimo o uso daquele leite para a fabricação da borracha escolar, pneu de carro e de bicicleta etc.

Quando já havíamos encerrado os trabalhos do projeto, uma criança disse na rodinha que tinha algo para dizer sobre queimada, então todos ficamos atentos e fiquei surpresa com a iniciativa dela, mostrando que se aprende com mais facilidade quando se participa efetivamente das atividades.

Os embasamentos serviram para que se organizasse o projeto com objetivos claros e de forma descontraída para favorecer não só a aprendizagem, mas também a socialização das crianças e suas famílias, o que, no meu ponto de vista, é o objetivo principal da educação infantil.

A roda de conversa, a rotina, o planejamento individual e o coletivo ajudam a desenvolver o trabalho, pois, durante o planejamento coletivo, o professor descobre o interesse das crianças e, com os questionamentos, ele consegue interagir com elas, fazendo com que avancem em seus conhecimentos.

Iniciamos nossas atividades com um vídeo de conscientização sobre

as conseqüências que o lixo mal armazenado pode trazer. Em seguida, na rodinha, fiz vários questionamentos acerca dos conhecimentos e interesses das crianças. Ainda na rodinha, reorganizamos nossa rotina, integrando nela as etapas prováveis do projeto. Combinamos o que, como e quando faríamos os brinquedos, passeios, desenhos e quando assistiríamos aos vídeos previstos etc. Combinamos também como de-

veriam se comportar após a confecção dos brinquedos feitos com garrafas plásticas, caso outras turmas pedissem emprestado e também sobre como deveriam se comportar durante os passeios.

Os desenhos eram propostos sempre após as atividades de confecções, brincadeiras e passeios, abrangendo assim a linguagem da arte. As linguagens de Português, Matemática, História e Ciências também foram contempladas. Tra-

balhamos a oralidade e a escrita com produções de frases e textos e seus respectivos registros. Em Matemática, abordamos a seqüência numérica, a adição e a subtração por meio da contagem dos pontos

das competições criadas pelas crianças, após a confecção dos brinquedos. Em História, trabalhamos os costumes indígenas. E, em Ciências, falamos sobre animais, plantas, água, lixo e desmatamento.

Os espaços que utilizamos para desenvolver o projeto foram: sala de aula, quadra de areia, parquinho, videoteca, pátio e calçada da escola e os passeios nas suas proximidades, no Centro de Saúde, no seringal e no lixão.

Quanto ao interesse de outros profissionais pelo projeto só ocorreria após a sua premiação. Creio que ele fará parte da proposta político-pedagógica não só desta escola, mas abrangerá todo o município.

A roda de conversa, a rotina, o planejamento individual e coletivo ajudam a desenvolver o trabalho, pois, durante o planejamento coletivo, o professor descobre o interesse das crianças e, com os questionamentos, ele consegue interagir com elas, fazendo com que avancem em seus conhecimentos





Dados de identificação

Professora: Nara Elisa Silveira

Escola Municipal de Educação Infantil Estrelinha Azul

Município / UF: Campo Bom / Rio Grande do Sul

Faixa etária atendida pelo projeto: 6 anos

Uma mangueira em apuros

Crianças transformam a ameaça a uma mangueira em uma verdadeira aula de cidadania e compromisso com o meio ambiente

Em março de 2004, houve necessidade de construir uma área coberta no pátio, com o objetivo de facilitar a circulação entre os prédios da Escola Infantil Estrelinha Azul, que atende crianças de até 6 anos, e o do Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente. Com essa construção, a turma de JNB3, da Escola Infantil, ficou preocupada com a situação de uma pequena mangueira que poderia ter o

seu crescimento comprometido e até mesmo morrer, pois ficaria embaixo do telhado. Surgiu, então, a preocupação e a curiosidade das crianças em relação ao futuro da mangueira, pois observaram que a árvore não teria espaço para se desenvolver. Percebeu-se o envolvimento das crianças no assunto pelas suas falas: “Temos uma mangueira em apuros!” — frase que originou o projeto, em abril de 2004.



Para Jackson Muller, toda natureza é um serviço: “Serve a nuvem, serve o vento, serve a chuva. Onde houver uma árvore para plantar, plante-a você. Onde houver um erro para corrigir, corrija-o você. Onde houver um trabalho e todos se esquivam, aceite-o você.” Esse pensamento foi o que me guiou durante o projeto. Ainda segundo o mesmo autor, a Educação Ambiental não pode se limitar a ensinar os mecanismos de equilíbrio da natureza. Fazer Educação Ambiental é relevar os interesses

de diversos grupos sociais em jogos nos problemas ambientais. Além do amor à natureza e do conhecimento de seus mecanismos, é preciso aprender a consolidar nossos ideais com relação aos destinos da sociedade em que vivemos e do planeta que habitamos.

No momento em que observo as atitudes das crianças, percebo que a Educação Ambiental é muito mais do que mecanismos de equilíbrio da natureza, é amor, é conhecimento adquirido na prática. São os ideais de todos em relação ao destino do nosso planeta.

Segundo os autores Bernard Spodek e Olivia N. Saracho, em sua obra *Ensinando Crianças de Três a Oito anos*, a influência da escola sobre as crianças pequenas não pode ser separada da influência da família ou do contexto no qual ambas operam.

A casa, a escola, a comunidade e a cultura estão interligadas. Muitas vezes, a única forma de influenciar positivamente o desenvolvimento de uma criança é buscar melhorias na comunidade e na sociedade, além de utilizar o suporte

de vários agentes sociais. O projeto desenvolveu-se interligando a escola, a família, a comunidade como um todo, procurando a melhoria na vida da criança e da comunidade em que ela está inserida.

O livro *Cenas de Sala de Aula*, de Maria Isabel H. Dalla Zen, contribuiu muito para a construção de um trabalho por projetos, no qual as crianças são protagonistas de suas aprendizagens. Compreendi que o importante é escutar e observar as crianças, tomando o entendimento e os interesses delas como ponto de

As atividades propostas para o grupo tiveram como objetivos: refletir sobre as consequências de nossas ações, estabelecer relações entre os seres vivos e o meio ambiente, valorizar a preservação das espécies em nosso meio, para melhorar a qualidade de vida de cada um de nós e observar, pesquisar e conhecer as diferentes variedades de plantas

partida para o planejamento; respeitar a estrutura de tempo de cada uma, promovendo uma variedade de atividades e de “escolhas” de aprendizagem; acompanhar as crianças em processos contínuos, interpretando suas estratégias de raciocínio e as percepções que constroem, para desenvolver propostas pedagógicas adequadas as suas possibilidades cognitivas.

Quando observamos a situação em que se encontrava a mangueira, conversamos sobre o que estava acontecendo. As crianças sabiam que a árvore dava frutos e que a construção do telhado a prejudicaria, porque ela precisa de sol, de espaço, de ar, da chuva, portanto seria necessário tirá-la de onde estava.

As atividades propostas para o grupo tiveram como objetivos: refletir sobre as conseqüências de nossas ações, estabelecer relações entre os seres vivos e o meio ambiente, valorizar a preservação das espécies em nosso meio, para melhorar a qualidade de vida de cada um de nós e observar, pesquisar e conhecer diferentes variedades de plantas.

Fizemos vários passeios pelo bairro e nas casas das crianças, observando as plantas que existem, sua preservação e conservação. Durante esses passeios, os pais receberam uma pesquisa com as seguintes questões: Havia árvores no pá-



tio de sua casa? Quais as espécies? Gostariam de plantar outras árvores? Qual a importância das árvores na vida de cada um? A partir dos passeios e dessa pesquisa, conversamos sobre o que vimos: a situação das ruas, se havia muitas árvores; se eram frutíferas ou com flores e tabelamos os dados coletados. Após todas as atividades, registramos o que foi realizado, confeccionamos um livro, ilustramos com desenhos e recortes e colagens, elaboramos texto coletivo, dramatizações, pintura com lápis de cor, giz de cera, tinta guache, massa de modelar, argila. Também fizemos passeios para conhecer um pouco mais a nossa cidade.

Fizemos registros das atividades por meio de desenhos e, em conjunto, escrevemos uma carta para a diretora da escola solicitando ajuda. Após isso, escrevemos para o pai de uma criança, que trabalhava com plantas, para que colaborasse conosco. Após receber nossa carta, o paisagista veio até nossa escola e

começou a fazer o tratamento para a remoção da árvore para o novo local, já determinado pelas crianças. Esse processo foi acompanhado pelas crianças, que se autodenominaram “os Salvadores da Natureza” e durou cinco meses — de abril a setembro. Durante esse tempo, criamos um texto coletivo, a partir de todas as observações e dos relatos das crianças, o qual foi transformado em uma dramatização, que foi apresentada no III Fórum Municipal de Lixo e Cidadania, na nossa cidade, nessa oportunidade as crianças puderam falar ao público presente sobre a importância da preservação da natureza.

A retirada da mangueira foi muito trabalhosa. Foram necessárias quatro pessoas adultas para transportar a árvore até o local definitivo — ao lado da casinha de bonecas. O paisagista alertou as crianças que a árvore sofreu muito e que precisaria de muitos cuidados nas semanas seguintes. Todos os dias, ao chegar à escola, as crianças iam até a mangueira, para conversar com ela e dar carinho.

Como algumas crianças nunca haviam comido a fruta da mangueira, chegou o *Dia da Manga*. Nesse dia, todos saborearam a fruta. Após pegarmos os caroços, fizemos o plantio deles no pátio da escola. Também colocamos na árvore, uma placa pen-

durada com informações sobre a fruta, para que as pessoas, que diariamente circulam no pátio da escola pudessem ler.

Realizamos diversas atividades durante o projeto: assistimos a filmes que tratam da preservação da natureza: *As Aventuras de Zak e Crysta na Floresta Tropical*. Visitamos o Horto Municipal para buscar mudas de árvores para plantio nas casas das crianças; recebemos em nossa escola alguns funcionários do Horto Municipal, para a identificação das árvores e a confecção de placas com o nome científico e o popular da planta. Participamos com a prefeitura da iniciativa de arborização das ruas. Apresentamos o projeto nas festividades cívicas do Dia 7 de Setembro. A Secretaria Municipal de Educação e Cultura homenageou o trabalho desenvolvido e também por ele ter sido classificado entre os cinco melhores do nosso Estado.

A partir do momento em que nosso projeto teve início, pude observar o interesse dos alunos com a preservação da natureza. A primeira atitude delas, se autodenominando “os Salvadores da Natureza”, demonstrou o entendimento da importância da preservação e do trabalho em grupo.

Em todas as atividades propostas, a opinião das crianças sempre foi valorizada em primeiro lugar. Seus questionamentos me indica-

vam o caminho a seguir. Desde o primeiro instante, quando manifestaram a preocupação pela situação da árvore, percebi que era o momento de fazer algo.

As crianças, naturalmente, passaram a ter mais cuidado com as plantas da escola e do bairro. Realizaram tarefas sobre reciclagem, plantaram sementes e mudas de flores e observaram a metamorfose da borboleta. Foi feita uma pequena horta de chás medicinais e foram colocadas lixeiras para a separação do lixo nas salas de aula. Com tudo isso, todos na escola se envolveram com a preservação do meio, conseqüentemente, envolvendo as famílias do nosso bairro, melhorando assim a qualidade de vida de todos nós.

As correspondências e a confecção de placas informativas aumentaram o interesse das crianças pela leitura e pela escrita, pois elas reali-

zaram tentativas, identificando letras do alfabeto, observando os sons parecidos e a pronúncia correta das palavras, reproduzindo e organizando o que é contado ou lido, pois estão em busca de conhecimento constante. Na contagem, já estão

comparando quantidades, classificando e agrupando nas várias situações vivenciadas nesse projeto. Percebo também que possuem

opinião própria, com senso crítico cada vez mais apurado.

As transformações ocorridas com as crianças em relação à preservação do meio ambiente demonstram que os objetivos do projeto foram alcançados. No momento em que elas manifestam essa vontade de preservar a natureza com tanta convicção, percebo que é possível que, futuramente, exista um mundo mais saudável, com adultos mais conscientes de seu papel.

O projeto desenvolveu-se interligando a escola, a família, a comunidade como um todo, procurando a melhoria na vida da criança e da comunidade em que ela está inserida





Dados de identificação

Professora: Débora Cristina Rodrigues

Co autores: Circe Helena Cruz Ricc Muller; Maria Goreti Amorim; Rosana Conceição; Raquel Nascimento Pereira; Roberta de Ávila Guedes; Sara Liberato Crema Correa.

Centro de Educação Infantil Bem-Te-vi

Município/UF: Florianópolis / Santa Catarina

Faixa etária atendida pelo projeto: 7 meses a 1 ano e meio

Boi-de-Mamão

Por meio de brincadeiras, crianças têm o primeiro contato com personagens do folclore brasileiro

Desde cedo, os bebês emitem som, expressando seu estado de bem-estar ou mal-estar, para comunicar-se com os outros. No período de adaptação do ano letivo de 2004, os profissionais do Berçário do Centro de Educação Infantil Bem-Te-Vi, que atende crianças de 7 meses a 1 ano e meio, observaram que o choro, o balbucio, o engatinhar, a manipulação de objetos e os gestos estiveram muito presentes como forma de expressão. Partindo dessa constatação e observando atentamente os modos de ser da criança, sentimos a necessidade de provocar e estimular as múltiplas linguagens dela, que são, com a afetividade e a coordenação motora, eixos norteadores do trabalho pedagógico do Centro de Educação Infan-

til, onde foi realizado o trabalho, localizado em Florianópolis, em Santa Catarina, e faz parte da rede estadual de ensino. Atende um público de médio-baixo poder aquisitivo.

A criança se desenvolve de forma integrada nos aspectos cognitivos, afetivos, físico-motores, lingüísticos e sociais. Esse processo de desenvolvimento se dá a partir da elaboração que ela faz na sua interação com o meio físico e o social nos quais vai conhecendo o mundo a partir de sua ação.

Buscando inspiração na arte açoriana, que faz parte da cultura de Santa Catarina, onde as crianças são privilegiadas por vivenciar as danças, a gastronomia, os personagens e as músicas referentes especificamente à dança do boi-de-mamão.

Portanto, utilizamos a brincadei-



ra do boi-de-mamão por esta fazer parte da manifestação cultural típica na qual nossas crianças estão inseridas. Essa brincadeira faz parte do folclore brasileiro em diversas formas. Em todas as regiões, de norte a sul, é possível registrar a beleza e os mistérios dessa tradição. No Nordeste é conhecida como boi-bumbá e bumba-meu-boi. No Sul, apresenta uma coreografia que encanta turistas e moradores a cada encenação.

Dessa forma foi inserido no Berçário um pedacinho da manifestação folclórica açoriana intitulada de *Projeto Boi-de-Mamão*. Respeitando a faixa etária, procuramos selecionar algumas músicas com a intenção de estimular a linguagem expressiva por meio do corpo, dos instrumentos, valorizando a cultura na qual a criança está inserida.

Lev Vigotsky, bielo-russo, funda-

dor da escola soviética de psicologia, corrente que hoje dá origem ao socioconstrutivismo entende a brincadeira como atividade social da criança e, por meio dessa, ela adquire elementos imprescindíveis para a construção da sua personalidade e para a compreensão da realidade da qual faz parte. Ele apresenta a concepção da brincadeira como sendo um processo e uma atividade social infantil.

Na perspectiva vigotskyana o desenvolvimento das funções intelectuais, especificamente humanas, é mediado socialmente pelos signos e pelo outro. Ao interiorizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança reconstrói, individualmente, os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais. O indivíduo deixa, portanto, de se basear em signos externos e começa a

se apoiar em recursos interiorizados: imagens, representações mentais, conceitos etc.

As crianças se iniciam no mundo adulto por meio da brincadeira, assim desenvolvem-se socialmente, ao adquirir conhecimento das atitudes e das habilidades necessárias para viver em seu grupo social. Diante da observação atenta do modo de ser da criança, utilizamos a cultura local (música e personagens) de forma lúdica no desenvolvimento e na apropriação das linguagens.

As atividades elaboradas tiveram como foco o desenvolvimento da linguagem por intermédio de música, teatro, hora do conto, afetividade, interação e artes visuais. Entre as várias atividades feitas em sala, foi confeccionado um mural onde o boi-de-mamão foi explorado e construído junto com as crianças, com o objetivo de apresentar o personagem de forma colorida e atrativa, facilitando a visualização diária, além da estimulação das linguagens gestual e verbal, para o reconhecimento do

personagem. Produzimos um boi com caixa de papelão e garrafa descartável. Tivemos como objetivo desenvolver a percepção tátil por meio do manuseio de materiais moles e frios e ainda explorar o movimento do corpo nas tentativas de en-

trar, sair, empurrar, utilizando-o como um brinquedo a mais em sala. Foi utilizado para confecção uma caixa de papelão, garrafa descartável, papel de revista, guache. Também lemos, em roda, a história em um livro onde explora-

mos as gravuras e a musicalização para identificar os personagens e estimular a concentração.

Confeccionamos três bonecas de pano, tamanho grande, simbolizando a personagem Maricota. Durante a confecção, as crianças auxiliaram no enchimento da boneca com esponja, carimbaram a mão no vestido de uma delas, e pintaram a outra. O acabamento final se deu com os cabelos feitos pelas professoras com materiais diversificados, uma com lã, outra com espiral e outra

As crianças se iniciam no mundo adulto por meio da brincadeira assim desenvolvem-se socialmente, ao adquirir conhecimento das atitudes e das habilidades necessárias para viver em seu grupo social. Diante da observação atenta dos modos de ser da criança, utilizamos a cultura local, música e personagens de forma lúdica, no desenvolvimento e na apropriação das linguagens

com canutilho. O objetivo dessa atividade foi o de estimular a identificação da personagem, a percepção auditiva e a afetividade. Falamos em percepção auditiva porque em baixo do vestido de uma das Maricotas, que estavam penduradas na sala, havia uma caixinha de música que, ao tocar, as crianças ficavam procurando de onde vinha o som.

No desenrolar do projeto, sentimos a necessidade de proporcionar à família maior contato com o trabalho realizado em sala. A Maricota passou o final de semana na casa das crianças, e pedimos para que os pais relatassem essa experiência. Tivemos também um momento de interação entre a família e a escola na construção de um painel, onde, para que se interessassem pelo projeto, elas pintaram a Maricota e o Boi-de-Mamão.

A música foi estimuladora na hora da roda, quando sentávamos, cantávamos e fazíamos os gestos da música da Maricota e do Boi, tendo como objetivo trabalhar a expressão corporal por meio de gestos e estimular o desenvolvimento da linguagem verbal.

A última personagem utilizada foi a Bernunça, uma cobra de pano

que integra a dança folclórica. Construimos então um mural com uma Bernunça grande, que foi pintado pelas crianças. Utilizamos materiais diversos, como plástico de bolinha, cola colorida, papel ondulado e papel-cartão, para despertar o interesse visual pela personagem e o

Respeitando a faixa etária, procuramos selecionar algumas músicas com a intenção de estimular a linguagem expressiva por meio do corpo, dos instrumentos, valorizando a cultura na qual a criança está inserida

desenvolvimento da percepção tátil. Foi feito um fantoche dessa personagem com o objetivo de trabalhar com teatro e estimular a imaginação. Uma grande

Bernunça foi confeccionada em forma de túnel. Nessa tarefa tivemos a ajuda da turma do pré (crianças de 5 a 6 anos). O objetivo era explorar a interação com outras crianças e também a linguagem corporal, despertando a curiosidade. Utilizamos para a confecção tecido, guache, caixa de papelão, emborrachado e sucata.

No processo de avaliação, observamos a satisfação das crianças com o trabalho realizado em sala, pois as inseguranças diante da novidade foram dia-a-dia superadas com o apoio do adulto. Percebemos as conquistas e as ações das crianças no processo de aprendizagem, dando importância à relação famí-

lia/escola, procurando assim que o projeto fosse significativo para todos. Procuramos não nos desviar de nossos propósitos, assumindo em nossa prática uma postura sempre reflexiva e crítica.

Foi muito gratificante a oportunidade de partilhar com a família vivências diárias e a certeza de que enriquecemos e contribuímos para o resgate da identidade da cultura açoriana. O trabalho realizado com as crianças pôde ser avaliado de forma positiva, tendo o lúdico como norteador do *Projeto Boi-de-Mamão*,

percebeu-se claramente que o objetivo foi alcançado.

Segundo Vigotsky, as interações que as crianças estabelecem com o mundo são mediadas pela fala, gesto e ação. A linguagem é um instrumento fundamental na orientação da ação, na construção do conhecimento, do pensamento e na organização das experiências. Nesse processo, observamos que a linguagem oral destacou-se entre os demais tipos de linguagens existentes, enriquecendo e contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.





Dados de identificação

Professora: Maria Vanúzia dos Santos

Jardim de Infância Pequeno Polegar

Município/UF: Japaratinga / Sergipe

Faixa etária atendida pelo projeto: 6 anos

Brincadeiras da vovó: despertando fantasias e descobertas

Familiares e a comunidade trabalham juntos com a escola para relembrar brincadeiras de sua infância e ensiná-las às crianças

O objetivo desse projeto desenvolvido com crianças de 6 anos, do Jardim de Infância Pequeno Polegar, localizado no Povoado São José da Caatinga, município de Japaratinga, em Sergipe foi resgatar as brincadeiras e a construção de brinquedos, com material alternativo, que fizeram a alegria dos nossos antepassados. Para isso, desenvolvemos situações de aprendizagens significativas para despertar nas crianças a valorização das brincadeiras que entreteram várias gerações.

O *Projeto Brincadeiras da Vovó: Despertando Fantasias e Descobertas* traz para a escola os valores culturais, recreativos e prazerosos, que se encontram nessas manifestações. Os envolvidos no projeto - professores, pais, crianças e componentes da unidade escolar - trabalharam atividades significativas, como músi-

ca, dança, construção de brinquedos e utilização do material construído nas diversas brincadeiras. As formas de brincar hoje também foram contempladas, comparando-as com as experiências do passado. A discussão do tema foi levada em uma reunião para os pais, que, entusiasmados, aceitaram o desafio de, juntamente com os professores, integrar o trabalho. Por se tratar de uma forma dinâmica de resgatar a participação dos educadores, crianças, pais e a comunidade como um todo, numa atividade desenvolvida a partir da sala, o projeto teve início no mês de fevereiro, e toda a escola assumiu como tema gerador: *Brincadeiras da Vovó: Despertando Fantasias e Descobertas*.

Resgatar a referência dos nossos antepassados, por meio de brincadeiras e fantasias, é trazer para a

infância o registro de uma cultura viva, que se transmite de geração em geração. É um referencial que marca a vida do ser humano. É nessa fase que se dá um grande avanço para completar o desenvolvimento da criança. Ela é observadora e registra todos os momentos, agradáveis ou não. Qualquer negligência ou maus tratos nesse período poderá ter consequências negativas por toda a existência da criança. Certamente, desenvolver um projeto que resgate as brincadeiras e fantasias, vivenciadas pelos avós, pais e tios, despertará nas crianças momentos prazerosos, que irão interferir na sua formação positivamente, por isso a importância da execução desse projeto.

Com esse trabalho pretendemos promover uma discussão e contribuir para resgatar e valorizar as brincadeiras do tempo da vovó, aliadas às dos dias atuais, para tanto se elegeu metas específicas: sensibilizar a comunidade escolar e os pais para a importância do resgate de músicas e brinquedos vivenciados no tempo da vovó; contribuir

Resgatar a referência dos nossos antepassados, por meio de brincadeiras e fantasias, é trazer para a infância o registro de uma cultura viva, que se transmite de geração em geração. É um referencial que marca a vida do ser humano...

para o crescimento e o desenvolvimento das crianças nos aspectos culturais, sociais e econômicos; privilegiar o trabalho coletivo, promover o diálogo entre a comunidade escolar e a local; desenvolver os conteúdos de forma interdisciplinar; valorizar

a cultura tradicional despertando nas crianças fantasias e descobertas do brincar e construir os próprios brinquedos; e, por fim, oferecer oportunidades a elas no que concerne à apresentação das mú-

sicas, danças, brincadeiras e brinquedos construídos durante a realização do projeto.

Para alcançarmos as metas do projeto, desenvolvemos as seguintes ações: reuniões e palestras; envolvimento dos pais, ensinando às crianças as brincadeiras e como construir os brinquedos; realização de atividades envolvendo, músicas e brinquedos confeccionados pelas crianças com ajuda dos professores e dos pais; palestras sobre o tema: trabalho coletivo e individual; desenvolvimento de assuntos, através do tema gerador: *Brincadeiras da Vovó: Despertando Fantasias e Descobertas*; construção dos brinquedos



com material alternativo e utilização dos mesmos nas brincadeiras; e apresentação das tarefas realizadas durante a execução do projeto.

O ponto de partida foi à busca de informações sobre as formas de integração das brincadeiras da vovó e das atuais. Nesse sentido, foi observado o desempenho das crianças de 6 anos durante a recreação e as atividades realizadas na sala. O caminho percorrido para o desenvolvimento do trabalho não foi linear, comportando idas e vindas, com o intuito de resgatar o que há de mais significativo na cultura e na vivência de um povo no que concerne às brincadeiras que permeiam a vida de todas as pessoas na infância, no seu contexto social, político e cultural. Assim, tivemos o cuidado de fazer uma sondagem, com as famílias das crianças, para ficar sabendo quais as brincadeiras das crianças em casa, e nas ruas da nossa comunidade.

Considerando que ninguém melhor do que aqueles que estão cotidianamente envolvidos com as crianças — seus pais, irmãos e avós — têm um conhecimento mais profundo da realidade social em que as brincadeiras são desenvolvidas, identificamos as brincadeiras e os brinquedos utilizados durante o período que as crianças estão em casa.

Em seguida, definimos os critérios e as prioridades para a realização das atividades. Destacamos o envolvimento de toda a comunidade escolar; a participação dos pais na confecção dos artefatos e brinquedos; desenvolvimento de um tema gerador: *Brincadeiras da Vovó: Despertando as Fantasias e Descobertas*; textos construídos pelos alunos; apresentação do material elaborado e as brincadeiras mais apreciadas pelos alunos.





Nessa etapa de sondagem, descobrimos que as crianças gostam de brincar com adivinhações. Foi solicitado, então, que cada criança pedisse a alguém de casa que lhe ensinasse uma adivinhação. No dia seguinte, reunimos as crianças em círculo para a apresentação da tarefa, cada uma se dirigia a outro coleguinha, que tentava responder a adivinhação.

As atividades desenvolvidas apresentaram bons resultados. As crianças se divertiram e aprenderam. O comportamento agressivo tem sido trabalhado durante as brincadeiras e a construção dos brinquedos, a presença dos pais nas oficinas tem sido muito importante, uma vez que a troca de experiências entre eles, professores e crianças nos fez perceber o valor emana-

do dessa convivência dentro da escola, os pais se sentem valorizados e as crianças mais amadas pelo apoio dos familiares.

Diante de tantas fantasias e descobertas, passamos a acreditar que a aprendizagem torna-se mais fácil e prazerosa quando existe a participação coletiva, não apenas nos momentos das festinhas — da Mamãe, do Papai, das Festas Juninas, do 7 de Setembro, do Dia da Criança, do Professor, as festas convencionais nas quais as famílias e a comunidade participam.

Esse foi o primeiro projeto de grande porte que empreendemos na nossa unidade escolar e tem sido uma experiência válida, ponto de partida para outras conquistas. Outro aspecto que vale ressaltar

como avaliação positiva é o desempenho das crianças na realização das atividades. Elas estão mais participativas e atentas na produção dos textos e nas tarefas em casa, a escola tornou-se mais prazerosa e a alegria é percebida no rostinho de todos. Como a avaliação é um processo dinâmico e contínuo, esperamos que, no final do ano, a criança leve consigo

um pequeno livro construído com textos produzidos por ela e não um diploma do ABC, como se fazia convencionalmente. Esta é a nossa postura a partir da construção e realização desse projeto.

Concluímos o primeiro semestre de 2004 com a apresentação das atividades desenvolvidas na proposta do projeto e com a apresentação do São João na Roça Mirim, festejo popular que se inicia no Dia de São José, santo padroeiro da nossa comunida-

de. Também faz parte da conclusão dessa primeira etapa, o testemunho dos pais com relação ao projeto. No segundo semestre, terminamos o projeto escrevendo a história vivida no Jardim de Infância Pequeno Polegar.

*Diante de tantas fantasias
e descobertas, passamos
a acreditar que a aprendizagem
torna-se mais fácil e
prazerosa quando existe a
participação coletiva...*

Resgatar as *Brincadeiras da Vovó* trouxe para o Jardim de Infância Pequeno Polegar nova energia no sentido de socializar, partilhar, reto-

mar uma caminhada na qual o trabalho de integração entre a escola, a família e a comunidade se tornem a grande alternativa para a construção da paz e do amor, tão essenciais em nossos dias. A semente foi lançada e os frutos deverão ser colhidos, na forma de confiança, respeito e da alegria em podermos contribuir para a formação de nossas crianças em prol de uma sociedade comprometida com uma escola de qualidade.





Dados de identificação

Professora: Alessandra Rodrigues da Silva

Co-autores do projeto: Clelma Maria Maximiano Januário e Mirian Rodrigues

Escola Municipal de Educação Infantil Creche Sementinha

Município / UF: Marília / São Paulo

Faixa etária atendida pelo projeto: 4 a 6 anos

Nós, filhos da terra...

Crianças identificam as diferenças entre as pessoas e aprendem que todos precisam ser respeitados igualmente

A E.M.E.I. Creche Sementinha, pertencente à Rede Municipal de Educação da cidade de Marília, em São Paulo, está localizada na zona sul da cidade, em região periférica. A comunidade é constituída por famílias de baixa renda sendo que a maioria trabalha na área da construção civil e em serviços domésticos. Nossa unidade atende 538 crianças, entre 1 ano e 10 meses e 6 anos de idade. Participaram do projeto duas classes de crianças, de 5 e 6 anos, em período integral, e uma classe com crianças de 4 anos, atendidas em apenas um turno.

Antes da realização do projeto, as crianças apresentavam uma visão superficial sobre as diferenças existentes entre as pessoas. As observações delas eram reduzidas ao aparente, ao que era visível, como,

por exemplo, a cor dos olhos e o formato do rosto.

A proposta deste projeto surgiu quando a turma do Pré III integral decidiu apresentar um coral para a festa do Dia das Mães, deparando-se com o seguinte questionamento: Como a Bruna, integrante da turma e portadora de deficiência auditiva, poderia cantar, se ela não ouve? Surgiram várias propostas diante da questão e a mais aceita pelo grupo foi à apresentação da música em duas formas: em linguagem oral e em linguagem de libras. Sentindo que o grupo estava sensível à experiência vivida, a professora do Pré III integral decidiu que aquele seria um bom momento para trabalhar os conteúdos relacionados às diferenças e, como esse assunto faz parte do projeto coletivo Semente dos

Sonhos: Eu Cidadão do Mundo..., desenvolvido pela escola, buscou-se a colaboração das professoras do Pré I parcial - tarde - e Pré II integral e, juntas, elaboraram um outro projeto: *Nós, Filhos da Terra...*

Nosso projeto teve por concepção político e filosófica a idéia do homem como sujeito

histórico, cuja existência contempla, ao mesmo tempo, uma dimensão coletiva e individual, fruto da subjetividade. Esta última rege o nosso coti-

diano e é permeada por conflitos, que ficam evidentes na abordagem walloniana, segundo explica Heloysa Dantas, ao discutir a autonomia do sujeito, no livro *Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão*. Nesta obra é colocada a relação do sujeito com outros e seu produto cultural será sempre contraditório e, nessa relação de tensão intra e interpessoal, o sujeito ao mesmo tempo se constrói e se liberta. Acreditamos, entretanto, que o caráter construtivo e libertador, resultante das contradições presentes na relação entre sujeitos preconizados pela teoria walloniana, pode acontecer, se houver na sua base formativa per-

cepção, entendimento e respeito às diferenças.

Dentre as instituições passíveis dessa base formativa, acreditamos que a instituição escolar é a que se encontra em uma situação mais desejável. Essa responsabilidade da instituição escolar é apontada por

Maria de Fátima Moraes, no livro *Pedagogia Freinet: Teoria e Prática*. Segundo ela, a escola não pode se omitir diante das mudanças sociais e políticas profun-

Depois de todas as atividades concluídas, percebemos que as crianças ficaram mais sensíveis às diferenças. Entendendo que, embora possamos ter muitas coisas em comum, somos seres únicos, belos e diferentes

das, nas quais a juventude que ela abriga terá um papel histórico relevante. De fato, a instituição escolar é a que melhor pode trabalhar a expressão e a reflexão sobre as diferenças, contribuindo para a formação do novo cidadão cuja cidadania, como nos diz a autora, não se experimenta conceitualmente. Assim, buscamos, em nosso projeto, viver com os nossos pequeninos a expressão e o respeito às diferenças da melhor forma possível. Esperamos que o experimentado e o vivido possam ter impresso em suas vidas elementos para, no futuro, pensarem a ética e a cidadania como valores inalienáveis à prática da liberdade e da justiça social.

Este projeto foi planejado respeitando as especificidades dos diferentes níveis de desenvolvimento das crianças participantes. Partindo de noções mais próximas das crianças, como as características físicas e as de personalidade, ampliando-as para as características peculiares a outros grupos sociais, como os povos indígenas e os povos de outros países, e, por último, a proposta de um estudo de como a nossa sociedade percebe e se relaciona com as diferenças.

Nosso primeiro passo foi estimular as crianças do Pré I parcial a olharem-se no espelho e depois ao coleguinha. Retratando, registrando, tomando consciência do *como sou* e como é *o outro*. Descobrimos o que gostamos e do que não gostamos, nossos medos e sonhos, nos pesamos e nos medimos. Redescobrimos os funcionários da nossa escola, observando-os e desenhando-os. Percebemos que o cabelo da senhora Wilma, funcionária da escola, “é tão pretinho e liso que até parece de índio”. Vivemos e registramos nossas descobertas e (re)descobertas fazendo uma bone-

ca que representasse a senhora Wilma, a nova companheira da turma. No entanto, o melhor de tudo ficou registrado no coração. Abriu-se um caminho novo, caminho no qual os amigos do Pré II integral se aventuraram e foram mais longe.

Nós, do Pré II integral, estudamos

*Acreditamos que as nossas
crianças, no presente e no futuro,
saberão diferenciar as
necessidades de cada pessoa,
respeitando o lugar do idoso
em um ônibus comum, ajudando
um deficiente a atravessar a rua,
respeitando as idéias contrárias
às suas e, o mais importante,
sendo verdadeiramente
Filhos da Terra*

as famílias, descobrindo que todos as temos e que são únicas e diferentes, e as imortalizamos em fotos para que jamais as esqueçamos. Descobrimos também, tal como nós, nossas famílias têm as suas particu-

laridades: suas regras, valores e religião. Pesquisamos junto à comunidade se havia pessoas portadoras de necessidades especiais e participamos de uma palestra ministrada pelo senhor João, portador de deficiência física. Ampliamos nossa busca e fomos visitar diferentes culturas. (Re)descobrimos os índios com pesquisas, exposição e palestra realizadas pelas crianças do Pré III parcial manhã e pelo seu professor Edson.

Nós, do Pré III integral, começamos pela leitura de livros especializados para a questão dos



portadores de necessidades especiais. Percebemos, então, que algumas crianças manifestaram que as diferenças não são só as coisas visíveis, mas está também na forma de sentir, pensar, gostar etc. Participamos de algumas rodas de conversa, palestras junto às outras turmas e visitamos a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e uma sala na Escola Municipal de Educação Infantil Monteiro Lobato, equipada para crianças portadoras de necessidades especiais.

Sáímos para um passeio pela cidade registrando tudo o que é feito para tornar a vida das pessoas portadoras de necessidades especiais, um pouco melhor. Ficamos felizes ao descobrirmos o microônibus adaptado para os deficientes físicos

que usam cadeira de roda. Aprendemos também como os portadores de necessidades especiais foram vistos e tratados pela sociedade através dos tempos. Vimos quadros que mostravam que eles ficavam “escondidos” ou eram mantidos como “bobos da corte”.

Trabalhamos os eixos de Identidade e Autonomia, e Conhecimento de Mundo, em todo o projeto. O objetivo maior dessa experiência foi proporcionar aos alunos, respeitando as especificidades da faixa etária e de seu nível de desenvolvimento, o conhecimento, o respeito e a valorização das diferenças como elemento de enriquecimento pessoal e social.

Todo esse trabalho foi realizado com muita pesquisa e auxílio de recursos didáticos extremamente importantes e ricos — livros, poesias, reportagens, entrevistas, palestras e musicais. As parcerias — envolvendo a direção da escola, funcionários, pessoas da comunidade e pais de crianças, Secretária Municipal da Educação, a Apae; e a Universidade Estadual Paulista (Unesp), com a estagiária Juliana — viabilizaram nosso trabalho e o tornaram mais rico.

Avaliar é um dos momentos mais importantes do trabalho, pois é justamente nele que repensamos a nossa prática pedagógica e nos conscientizamos se realmente as nossas crianças aprenderam o que

foi proposto como objetivo no início do processo. Assim, num constante *ir e vir* conduzimos o nosso trabalho, redirecionando-o sempre que foi necessário. E assim, tendo clareza sobre os princípios e diretrizes político-filosóficas que norteiam a nossa prática pedagógica, as questões iniciais colocadas para elaboração do nosso projeto foram: O que entendemos por cidadania?; Que tipo de cidadão desejamos formar?; Com que tipo de sociedade sonhamos?

A partir da reflexão sobre esses questionamentos, definimos o que chamamos de “conteúdos válidos” conteúdos que, em nosso entendimento, seriam essenciais na formação do cidadão, do nosso “cidadão do mundo”, cidadão consciente e responsável pelo seu próprio destino e co-responsável pelo destino de seus semelhantes. E foi isso que o nosso projeto *Nós, Filhos da Terra...* teve como objetivo: dar condições para que as nossas crianças respeitassem a si e ao outro.

Depois de todas as atividades concluídas, percebemos que as crianças ficaram mais sensíveis às diferenças. Entendendo que, embora possamos ter muitas coisas em comum, somos seres únicos, belos e diferentes. No começo do trabalho, uma falava que para ser índio tem que usar peninha; outra dizia que somos diferentes porque somos hu-

manos. No final, os comentários eram: “O índio que é igualzinho a gente. Só tem jeito diferente”; “O índio é ser humano igual a gente”. Quanto às crianças portadoras de necessidades especiais: “Eles são diferentes por fora e não por dentro.”

Acreditamos que as nossas crianças, no presente e no futuro, saberão diferenciar as necessidades de cada pessoa, respeitando o lugar do idoso em um ônibus comum, ajudando um deficiente a atravessar a rua, respeitando as idéias contrárias às suas e, o mais importante, sendo verdadeiramente Filhos da Terra.

Este trabalho foi muito especial, pois, além das crianças de nossa turma, envolveu crianças de outras turmas, pais, comunidade e funcionários da escola. Como o



tema faz parte do projeto coletivo da nossa escola e é um assunto de extrema importância para o desenvolvimento de nossas crianças, então daremos continuidade com a campanha: Nós, Filhos da

Terra... Os objetivos dessa campanha será manter vivo o espírito de respeito às diferenças e à diversidade e vai envolver a direção, professores, funcionários e crianças do Pré II e Pré III.





Dados de identificação

Professora: Andréia Pereira Marques de Carvalho

Co-autoras do projeto: Maria de Fátima B. Nunes e Diva Sebastião Pereira

Escola Maternal Municipal Leonardo Augusto Marcelo dos Santos

Município / UF: Barueri / São Paulo

Faixa etária atendida pelo projeto: 1 e 2 anos

A primeira roda

Crianças aprendem a observar e a explorar o ambiente com atitude de curiosidade, tornando-se cada vez mais seres independentes e transformadores

Uma sala lotada de berços, o número elevado de crianças e o material pedagógico insuficiente nos trouxeram uma grande angústia, mas também reflexão. Percebemos ainda que a nossa função de educadoras precisa estar mais comprometida com o educar e não apenas o cuidar. Daí a idéia de realizarmos o projeto, que foi desenvolvido na Escola Maternal Municipal, fundada em novembro de 1988. Na época, atendia a média de 90 crianças, no período integral. Dezesesseis anos depois, a escola foi ampliada, passando a funcionar com seis salas e com uma demanda de 250 alunos. Nossas crianças de 1 ano, iniciam a primeira jornada escolar. Muitas sem saber comer, pois estão no processo de aleitamento, sem andar, fa-

lar e se comunicar com autonomia.

Para mudar e dar mais dinamismo às atividades em sala, pensamos em alternativas para melhor trabalhar com as crianças. Quando conquistamos um espaço precioso, optamos pela retirada dos berços e montamos uma roda de fotos no chão, percebemos que estávamos formando a primeira roda, do primeiro ano letivo e do primeiro ano de vida de muitas crianças, um novo caminho, repleto de novas perspectivas, autonomia e crescimento. O início de muitas vidas, com muitas histórias.

Após a retirada dos berços, nossa sala ganhou um espaço amplo. E com esse espaço objetivamos trabalhar diariamente em roda. Mas como criar uma rotina de roda com

crianças de 1 ano? Surgiu a idéia da roda de fotos. Respeitando a perspectiva de que as crianças precisam desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma independente, com confiança em sua capacidade, percebendo suas limitações e conhecendo progressivamente seu corpo e potencial. Começamos a fotografar individualmente cada criança, priorizando o rosto. Imprimimos as fotos em tamanho da folha A4, colamos em quadrados coloridos de 20cmx20cm e fixamos as fotos no local mais próximo, que julgamos ser o ideal para as crianças de 1 ano. No chão, formamos uma

*Conseguimos desenvolver
nelas a capacidade de observar
e explorar o ambiente
para ampliar gradativamente
suas possibilidades
de comunicação e
interação social*

enorme roda. As crianças passaram a observar e a explorar o ambiente com curiosidade. Na busca de melhor adaptar as crianças, nos transformamos em “tias-brinquedo”. E não só conquistamos nossas crianças como a participação de outras educadoras, tornando assim um número maior de crianças felizes.

Ao trabalharmos com as fotos das crianças coladas no chão, o principal objetivo era que elas se sentissem como parte importante das nossas vidas. Conseguimos desenvolver nelas a capacidade de observar e explorar o ambiente para ampliar gradativamente suas possibilidades





de comunicação e interação social.

Com as fotos, as crianças passaram a se reconhecer e a identificar seus amigos, ganhando autonomia e independência. A prática diária de estabelecer diálogos com as fotos em frente das crianças tornou o nosso trabalho mais afetivo, comunicativo e construtivo. Passamos a observar que as crianças começaram a se mostrar mais, a se explorar, se tocar com afeto e curiosidade. Garantimos a auto-estima tornando as crianças cada vez mais independentes.

Procuramos utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica e oral). O reconhecimento dos olhos, boca, nariz, orelha e cabeça foi trabalhado com músicas (*Ará-tá-tá, Dududá, Tra-lá tra-lá, Aí meu nariz, Atchim*), parlendas (*Janela Janelinha, Eu Conheço um Jacaré* e outras), brin-

cadeiras de Esconde-Achou, Pega o Amigo, Jogo das Expressões diante do espelho, jogar bola, cada um no seu lugar, arcos mágicos.

Percebemos que as crianças tímidas passaram a ser mais participativas, cooperativas e interessadas. Nas outras atividades, elas conseguiram se respeitar e interagir mais, tornando o dia-a-dia mais significativo para nós educadoras e para elas mesmas.

Tudo começou na roda de fotos, as crianças ganharam autonomia, elevaram a auto-estima e estão evoluindo a cada dia. Percebemos que as conquistas são importantes e compensadoras. A equipe de educadoras vem se estimulando com as mudanças que conquistamos e também estão se empenhando para juntos modificarmos a nossa escola.

Vários cantos para atividades externas foram criados a partir de breve pesquisa com as próprias crianças. Trabalhamos um mural externo específico para estabelecer um vínculo positivo apenas com mensagens positivas e de agradecimento. Essa energia boa de gratidão nos deixou mais próximos de toda a comunidade e, naturalmente, passamos a incentivar a participarem de todo processo pedagógico que estávamos desenvolvendo em sala. A participação dos pais ou responsáveis em reuniões aumentou quando passamos a ensinar a eles algumas brincadeiras, canções e atividades que a criança tinha participado naquele mês.

À medida que modificávamos a sala visando obter um ambiente estimulante para as crianças, notamos o quanto nosso trabalho se tornava mais significati-

vo. A cada mudança, uma resposta de conduta das crianças deixava cada vez mais claro o quanto o nosso envolvimento, dedicação, comprometimento e amor são fundamentais neste maravilhoso

processo conhecido como educação infantil.

Conquistamos a nossa auto-estima e nos propomos ser diariamente a ponte pela qual passa a história presente. Temos muito o que fazer, talvez mais do que

qualquer profissional em outro lugar do planeta. Ser ponte de forma constante, consciente, ser bons exemplos. A figura de ponta dessa postura perante a vida há de ser sempre a criança, que é a nossa melhor possibilidade de passo adiante. “Que possamos caminhar com passos largos para um Mundo melhor. Porque as crianças são as melhores mensagens que enviamos para o futuro.”

*Tudo começou na roda de fotos,
as crianças ganharam autonomia,
elevaram a auto-estima e
estão evoluindo a cada dia.
Percebemos que as conquistas
são importantes e compensadoras.
A equipe de educadoras vem
se estimulando com as mudanças
que conquistamos e também
estão se empenhando para
juntos modificarmos
a nossa escola*





Dados de identificação

Professora: Núbia Pereira Brito

Escola Municipal Dom Alano

Município / UF: Formoso do Araguaia / Tocantins

Faixa etária atendida pelo projeto: 5 e 6 anos

Brincando e aprendendo com o vovô

Projeto une diferentes gerações em uma aula de respeito e admiração mútuos e as crianças descobrem a alegria de conviver com os idosos

As crianças da Escola Municipal Dom Alano, situada em um bairro residencial da cidade de Formoso do Araguaia, no Estado de Tocantins, eram preconceituosas e viam negativamente a velhice. Não percebendo a contribuição que os idosos poderiam trazer para as suas vidas e ao seu aprendizado. Sabemos que quando a velhice é encarada de forma negativa, os idosos, além de enfrentarem problemas físicos e psicológicos próprios da ida-

de, acabam desamparados pela sociedade e, às vezes, por suas próprias famílias.

A escola recebe crianças com condições socioeconômicas variadas, parte de classe média e outra de classe média-baixa. Das crianças que a pré-escola recebe, 52% moram na zona rural. Daí percebe-se a variedade cultural existente, o que torna a sala, extremamente heterogênea algo que contribuiu significativamente no desenvolver do projeto.



Ao observar o desrespeito sofrido pelo guarda e a merendeira da escola, percebeu-se que as práticas de algumas crianças em relação ao convívio com os idosos não eram nada agradáveis. Ficou evidente a relevância de se trabalhar o tema com o pré-escolar, que atende crianças de 5 e 6 anos, levando-se em consideração que muitas delas são criadas pelos avós.

O objetivo era dar oportunidade às crianças para a adoção diária de atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, além de respeitar o outro e exigir respeito para si do mesmo, como ensinam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), somando-se a isso o posicionamento contra qualquer discriminação relacionada a idosos.

Ao partir de uma visão da Filosofia para Crianças embasada na teoria de Matthew Lipman, autor que defende a criação da comunidade de investigação¹ como fundamental na construção da cidadania foi possível ter bom proveito de um problema levado por uma criança para a sala, sobre o desrespeito sofrido pelo guarda, no portão da escola. Ao término do período de recreação, uma

criança entrou na sala e disse em voz alta: “Tia, um menino da outra série, empurrou o guarda no portão e falou que ele é um velho nojento.” Surgiu a oportunidade para dar início ao projeto.

Acreditamos que a socialização entre idosos e crianças contribuiria para um aprendizado significativo e, assim, ambos perceberiam a necessidade de mudanças de atitudes, respeitando e valorizando não só os idosos, mas toda a sociedade. Fazendo valer um dos objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares, que trata de atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade justa. Então, resolveu-se fazer uma rodinha de conversa e, dentro da metodologia comunidade de investigação, utilizar como tema de discussão o seguinte questionamento: “O que é respeito?” Obtivemos respostas como: “É quando não pego as coisas dos outros escondido”; “É quando faz o que a mãe manda”; “É obedecer a professora...”

Ao percebermos que não mencionaram os idosos, partimos para outra pergunta: “E o que fizeram

¹ Comunidade de Investigação, idéia presente no Projeto de Filosofia para Crianças, de Matthew Lipman. Significa um processo pedagógico que requer a criação de um estado de comunicação. A comunicação estabelecida aí, não é uma simples conversa sem objetivos, mas uma investigação em busca da verdade.

com o guarda no portão é correto?" Todos foram unânimes em dizer "não" e uma criança acrescentou: "É falta de respeito com as pessoas mais velhas. Eles também desobedecem à merendeira." Então, a partir daquele momento, resolvemos estudar o tema sobre os idosos, o que as crianças aceitaram com muita boa vontade.

Foi feita uma reunião com os pais para a apresentar a problemática e juntamente com as crianças seria elaborado um projeto que trabalhasse valores, socializando com idosos, de forma que o conhecimento dos mesmos contribuísse para o aprendizado das crianças. E, assim, de forma lúdica, as crianças seriam conscientizadas da importância de respeitar pessoas da terceira idade. Assim foi elaborado o *Projeto Brincando e Aprendendo com o Vovô*, objetivando mobilizar pais, crianças, profissionais da escola e da comunidade na formação de pessoas para o convívio em sociedade.

Outro tema foi colocado em discussão: "O que é uma pessoa idosa?" Conforme as crianças iam falando, surgiam interrogações como:

Quem são? Por que são idosos? Tem alguém idoso na sua família? Você gosta dele(a)? Quem mora com seus avós? Por quê? Existem idosos na escola? As respostas surpreendiam: "Pessoa idosa é uma pessoa velha como minha avó"; "Pessoa que dá carinho, amor e sabe muito"; "Pessoa

carinhosa, tudo o que peço para minha avó, ela me dá." As crianças associavam os idosos apenas aos seus avós.

Depois, visitamos os departamentos da escola para identificar os idosos

que trabalhavam na instituição. As crianças descobriram apenas o guarda e a merendeira. No dia seguinte, ambos foram convidados para ir até a sala de aula, falar sobre o desrespeito que sofriam por parte de algumas crianças. Nessa oportunidade, houve uma bela socialização de idéias e questionamentos. "Qual o aluno que mais desrespeita você, seu Zé?"; "Como o senhor fica quando é xingado?"; "O senhor era bagunceiro quando era menino?" Com a merendeira, a mesma coisa: "A senhora nem é muito velha, por que os meninos desobedecem?"; "A senhora fica triste?" Todos se em-

O Projeto Brincando e Aprendendo com o Vovô trouxe resultados que mudaram a vida das crianças do pré-escolar e de suas famílias; que ampliaram a visão da comunidade da Escola Municipal Dom Alano e da própria cidade de Formoso do Araguaia.



polgaram num diálogo sadio que levou à amizade, a merendeira propôs ensinar-lhes uma de suas receitas. E o guarda propôs acompanhá-las durante o projeto.

Em outra etapa, visitou-se o Abrigo de Idosos da cidade, para que as crianças se aproximassem de outros idosos que viviam uma realidade diferente, pois não moravam com suas famílias. Nessa visita, as crianças trouxeram de suas casas lanches para compartilharem com os idosos. A timidez inicial foi superada com a leitura de reflexões, apresentação de músicas das crianças e o diálogo na comunidade de investigação. Mas quando um dos idosos, habilidoso com uma gaita, tocou e cantou com as crianças, elas se divertiram, dançaram alegremente, ao som de músicas antigas.

Em outra etapa do projeto, foi feito um estudo sobre o surgimento da cidade de Formoso do Araguaia, e por meio de pesquisas sobre os pioneiros

da cidade, destacou-se os mais idosos. Neste trabalho foi identificado o professor mais velho do município, ele mesmo um dos desbravadores. As crianças fizeram um visita a ele e se emocionaram ao ver aquele senhor chorando e a sua esposa fazendo explanação de sua trajetória.

Em sala, construímos um álbum seriado com biografias, varais e quebra-cabeça com nomes dos pioneiros. Feito isso, elas apresentaram para outras turmas a vida dos idosos, utilizando suas produções. As crianças fizeram um desenho do idoso que eles mais gostaram e, em seguida, explicaram para os demais colegas os porquês da escolha da pessoa desenhada. Trabalhamos também com uma revista em quadrinhos, a realidade da vida de idosos indígenas. Enfatizando que, nessa comunidade, os idosos são valorizados, pois são responsáveis pelos ensinamentos antigos.

Em outro momento, utilizou-se a comunidade investigação para se-

rem colhidas sugestões das próprias crianças para a montagem de panfletos a serem distribuídos para a comunidade: “Os idosos merecem atenção”; “Respeite os mais velhos”; “Brinque com seus avós”; “Ajude os idosos com amor e carinho”; “Converse, ouça as experiências dos mais velhos.” O que chamou a atenção das crianças foi o momento de distribuição dos panfletos que fizeram. Elas eram recebidas com prazer e elogiadas pelas ações.

O ponto alto do projeto foi o Dia com o Vovô, que reuniu idosos da cidade num piquenique com as crianças. Foram confeccionados diversos brinquedos, como pernas de lata, telefones com caixa de fósforos, bilboquês, bonecas de pano, cavalos-de-pau etc. E aprenderam brincadeiras de antigamente, como bom-barquinho, corre-cutia, guarda anel etc.

O *Projeto Brincando e Aprendendo com o Vovô* trouxe resultados que mudaram a vida das crianças do pré-

escolar e de suas famílias; que ampliaram a visão da comunidade da Escola Municipal Dom Alano e da própria cidade de Formoso do Araguaia; e que transformaram a rotina da professora regente e dos professores que tiveram contato

A socialização entre idosos e crianças contribuiria para um aprendizado significativo e, assim, ambos perceberiam a necessidade de mudanças de atitudes, respeitando e valorizando não só os idosos, mas toda a sociedade

com o projeto das diversas formas em que ele foi divulgado. Portanto, existem motivos de sobra para a continuidade e a ampliação do trabalho.

Acreditamos que para uma produção intelectual de qualidade, o professor precisa estar disposto a realizar mudanças, aperfeiçoando o seu trabalho constantemente. No projeto desenvolvido, considera-se que a problemática é um tema que outros professores do país podem aproveitar, pois é possível trabalhar identidade, diferenças e respeito em qualquer lugar e, principalmente, na escola, que é o centro de formação de pessoas responsáveis por um futuro atuante e de qualidade.



